

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESPECIALIDADE - LITERATURA BRASILEIRA

Um profeta sem terra

Este trabalho foi submetido à Universidade Federal de Santa Catarina , para a obtenção do Grau de Mestre em Letras - Literatura Brasileira .

Orientação : Prof. Celestino Sachet

Mestrando : Norberto Pontel

Florianópolis , dezembro de 1980.

Esta dissertação foi julgada hábil para a obtenção do título de MESTRE EM LETRAS - especialidade Literatura Brasileira , e aprovada em sua redação final pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

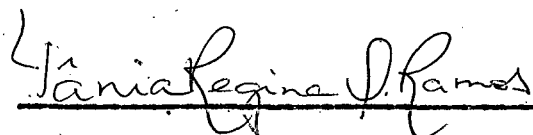


Celestino Sachet
Coordenador do Curso de Pós-
Graduação em Lit. Brasileira

Apresentada perante a banca examinadora , composta dos professores :



Celestino Sachet
Orientador



Tânia Ramos



Nereu do Vale Pereira

Agradecimento :

- Ao Professor Celestino Sachet , pela orientação e pelo apoio constante dispensado a este trabalho .
- À Professora Tânia Ramos , pela gentileza de sua leitura crítica , e suas observações seguras .
- Ao Professor Nereu do Vale Pereira , cuja leitura e observações críticas foram muito válidas para o aperfeiçoamento desta dissertação .
- Às pessoas que , prontamente , concederam-me entrevistas e/ou colocaram a meu alcance subsídios valiosos a este trabalho.

À minha querida genitora Cláudia -
homenagem póstuma

Justificativa

O presente trabalho , optando pela "criação " de um romance ,
justifica-se - acreditamos - pelas seguintes razões :

a- Em nosso entender , um trabalho como este alcança melhor re-
percussão junto ao público leitor . Somos de opinião de que os tra-
balhos de " Dissertação de Mestrado " devam ser elaborados tanto
numa linha de praticidade criativa quanto numa linha acadêmica -
válida ,sem dúvida .

b- Em nosso trabalho , portanto , optamos pelo risco da cri-
atividade , procurando aplicar o mais globalmente possível os en-
sinamentos teóricos , assimilados ao longo do Curso de Pós-Gradua-
ção.

c- Assim procedendo , estamos convictos de estar querendo ela-
borar um trabalho que vem de encontro com a " abertura" que a Uni-
versidade brasileira tem proporcionado, mais recentemente , aos
pós-graduandos .

d- Ademais , dadas as circunstâncias do nosso presente histó-
rico , cremos deva ser o estudante - e o intelectual - pessoas i-
deologicamente comprometidas ; eis porque procuramos elaborar um
trabalho , numa tentativa de conciliar o fundamento teórico,o ele-
mento estético e o ideológico .

Objetivos

Este romance pretende alcançar os seguintes objetivos :

1- Carrear uma ideologia : Induzir o leitor a uma tomada de posição para a instauração de uma sociedade mais justa . Para isso , entendemos , o ponto de partida deva ser a Reforma Agrária - a base temática do romance (escolhida , por ser este - em nosso entender - o problema mais agudo e urgente a ser resolvido , não apenas a nível de Brasil , mas a nível de (quase) toda a América Latina).

2- Mostrar as conseqüências sociais e psicológicas de uma fase de transição - aproximadamente de 1956 a 1964 - sendo seu agente preponderante a mecanização intensiva e extensiva ocorrida na região em foco : problemas de terra , emigração , adaptação ou não à nova realidade que se instaura ...

3- Evidenciar os contrastes dolorosos de nossa sociedade Capitalista (Ex. : Personagem Lídia X Favelados).

4- Inventariar alguns dados da cultura do imigrante italiano : canções típicas , " dialeto" , costumes , cozinha , lazer , religiosidade ...

5- Salientar aspectos culturais do povo (folclore) gaúcho: trovas , " causos" , danças , linguajar , canções , costumes ...

6- Propor um breve histórico da imigração italiana para o RS, restrito mais ao contexto do trabalho (Não é nossa intenção elaborar um "romance da imigração italiana" . Nossos objetivos principais estão colocados nos itens 1 a 3) .

7- Proporcionar ao leitor a idéia de que uma sociedade mais justa se instala pelo trabalho cooperativo - pouco importando as pequenas divergências metodológicas - realizado sob a orientação de líderes autênticos , e jamais pela violência física e/ou psicológica .

8- Evidenciar também que as lideranças estudantis (Ex.: Andressa no Diretório Acadêmico) devem estar a serviço da comunidade local - e que sua práxis , de regra , é rigorosamente controlada por Sistemas Político- Ideológicos fechados.

9 - Ressaltar a função lúdica dos " causos " disseminados por entre a narrativa romanesca (mesmo que "não se encaixem " a teorias do romance).

10- Salientar a importância do literato na sociedade hodierna.

Observações

1- Como " índices " e/ou " indícios " colocamos :

a- " O olhar de gavião " de Orides - prenúncio de denúncia da ação de personagem " mau " .

b- " A mancha avermelhada " no rosto de Dona Gema - índice de doença e morte próxima (ligação com a estátua) .

c- " A barba negra e cerrada " de Marco - índice de fechamento , de personagem enigmática - quase casmurra .

d- " A cor vermelha " ligada obsessivamente a Gino - índice de homem profeta , revolucionário .

e- " Um anelão cravejado de rubis " , " lábios polpudos de carimim " e " olhar langoroso como bolero " - todos para Lídia - índices do seu extremo aburguesamento .

2- Admitimos que o tratamento da linguagem no que tange à descrição de estados oníricos e/ou de semi-consciência seja um pouco repetitivo , porque foi o melhor que tentamos " criar " , se é que o conseguimos .

3- A personagem Hélio (aqui , o nome é) metaforiza o sol , a luz da renovação que pretende , apesar de tudo , continuar brilhando ; é a ação e a ideologia de Gino , perpetuando-se .

4- Andressa e Dona Gema dialogando - " integralizadas " - com a natureza pretendem " dizer " uma postura de poesia , conforme Mikael Dufrenne - segundo a qual , " poesia , origem , palavra , natureza , em última instância , se confundem , tudo regressando ao silêncio da Palavra " .

5- Em nosso trabalho , não seguimos especificamente esta ou aquela teoria do romance , esta ou aquela " Escola " . Nossa preocupação maior foi a de experimentar elaborar o nosso romance (sem dúvida , cheio de imperfeições) . Naturalmente - como já salientamos - valemo-nos de vários subsídios teóricos , todos eles de utilidade relativa .

6- Para tornar possível esta " Dissertação de Mestrado " , realizamos uma " pesquisa de campo " (rápida , infelizmente) com algumas " pessoas/personagens " deste romance .

Ele vai amarrado . Como num filme de banguê-banguê- os sulcos sangrando nos punhos - arrastado por aquele cavalo de fogo . Quem seria o chérife ? Quantos dólares- ou cruzeiros- valeria sua cabeça ? Para Passo Fundo ?... Do fundo da cabeça , puxa as idéias embaralhadas. Orides morto . Quem teria sido ? Os tiros vieram do alto daquele cinamomo de copa redonda. Não . Do pé de plátano . Pouco importa . Quem teria sido ? O Aldino ? O piá do Orestes ?... Aldino morto . Não : O Orides . Bem morto . Rolara escada-abaiço naquela sangueira . É - o guri trepava em árvore , melhor que macaco. O Orides caíra , como pombo do alto de um pé de erva-caúna . Plof ! A sangueira coloreada ...

- Para Passo Fundo ?...

O tropel de cavalos batucando o chão duro da estrada. De quando em quando , alguns tiros riscando o ar . A cabeça dele estourando. Patatrác , patatrác, patatrác ...

- Por quantos dólares , ou cruzeiros ?...

Vai querendo anoitecer . Nenhum quero-quero corta os ares. Nenhum mugido longo , nos fundões das invernadas. Nem sol, nem lua , nem estrelas . O vento e o nada . Nada . As feridas se abrindo nos pulsos ; pelas costas . A cabeça ardendo , ardendo. A terra como que em chamas .

Depois , o lusco-fusco e o silêncio. Um silêncio pesado, oco. Orides morto . Argimiro também . Teria sido mesmo o piá do Orestes ? O piázito era bem batuta na pontaria. Não errava um tiro. Nunca . Mesmo atirando nas traíras, pelos costados dos açudes. Eta guri macanudo ! Orides e Argimiro mortos. Os dois , mortinhos da silva . O vento cortando as feridas .

- Revolução ? Quem é que falara mesmo ? ... Aaah , na Rádio de Passo Fundo , tinha escutado ... Ai, que dor de cabeça !! As costas ardendo . Tudo - tudo ardendo . Orestes viera armado, quase se lembra . Reforma Agrária ?... Sangue ! Fogo ! Revolução !?...

- Passo Fundo , ou ?... Por quantos ... ?

Patatrác, patatrác, patatrác ...

Escurece . No céu , se acendem vaga-lumes . No começo , miudinhos , miudinhos , sacudidos pelo vento . Mas , em minutos, o céu se incendeia . A sanga ficara para trás , há bom tempo . Não se recorda se ouviu o cantar agitado da saparia . Não . Não ouviu nada . Nem marrecos , nem quero-queros . Nem um mugido perdido. Nada. Nada . As lavouras de soja e de milho estariam longe , longe ...

A cabeça continua em chamas . Quanto estará valendo a minha cabeça ?...

Sim, a Andressa estudou em Passo Fundo. Mesmo? Mesmo. Uma vez - quando o Triunfador fora jogar em Soledade - a escapadinha. Uma visita breve. Como era bonita aquela garota, metida num simples uniforme de colegial! Linda, linda! E que estudiosa! Mas... que olhar tinha? Olhar de fogo. Não, não. Olhar verde, vivo! Sim: um pouco de fogo no olhar.

-Lá no fundo?... Será um pedaço de lua me espiando? Por onde ando? É o rosto dela, da cor da lua... Não, Andressa não está mais em Passo Fundo. Onde estará a Andressa? Minha cabeça, onde está? Não me responde onde. Ai, que dor doída! Desgraçada! É sim - é o rosto dela me sorrindo de dentro daquele pedaço de lua... Revolução? Fogo? Tiros? Que bobagem... Viva a revolução! Viva o Jango! Viva o Brizola! Ref... ária... Agrária, agrícola, agricultura...

Naquele silêncio longo e frio, vai perdendo aos poucos a consciência. Continua amarrado, sangrando muito. Cambalhotando. Comendo o pó vermelho que o sereno da noite - a pouco e pouco - apacia. O laço duplo nos punhos.

Que fumaça no cabelo! Fumaça? O sojal cheio de sangue. O milharal também. Tudo coloreado, tudo fogo. O pedaço de lua incendiado - sorrindo. É Andressa, um pouco de fogo no olhar... Que bonita, dentro daquele uniforme de colegial! Me sorri agora, de lá do fundo do céu. O Brizola fizera fogo? Ref. agr... Tiros na terra. Tiros no ar. Muitos tiros. Muitos, muitos. Estão querendo matar aqueles pedaços de lua. Foge, Andressa, estão querendo te matar! Minha cabeça está morta. Orides morto. Lua branca. Vermelha... Andressa... Passo... Revolução... Brizola... Jango... Ref... agr... tiros... o fogo, a faca... minha cab...?

-Dá-lhe outro plânchão nos miolos desse russo vermelho!

-É capaz de não agüentar o repuxo. Está numa sangueira, pior que numa castração de touro

-Entonces desamarre o bicho e lo boleia na garupa do teu pingo. Vamos parar em Coxilha. Tiramos um cochilo no galpão dos Viana. Amanhã cedito, se bandiemo. Esse comuna deve ser entregue às autoridades. E agora, me amarre um lenço, ou qualquer coisa, antes que a cabeça deste ordinário arrebente de todo.

- Sim senhor.

Uma semi-lua - agora bem alta no céu - semeia uma luz mortiça e fria pelos campos. De há tempo, cessaram os tiros. A tropa passa por Sertão, acordando casas e calçadas mortas. Patatrác, patatrác... Paira pelo ar o medo da Revolução. Por volta da meia-noite esperam estar em Coxilha. Agora, a cavalhada abandona a estrada, temerosa de algum encontro suspeito. Segue pelos campos, inventando atalhos den-

3

tro da noite. Algum muchirão se assusta e corta o espaço. Um inocente rebanho de ovelhas pasta nas canhadas, vigiado pela lua. Tudo o mais é silêncio, naquele luar quase gelado.

Febril, e no limite da semi-consciência, Gino revê tudo.

II-

Junho. O inverno promete ser longo e triste. Um vento gelado castiga tudo: portas, janelas, animais e plantações. As águas da sanga, encolhendo-se de frio, formam camadas de gelo. O gado geme nos fundões das invernadas. Pombos escondem-se no coração dos matos. Só muito de raro em raro, algum arrulhar triste sai de dentro do taquaral, tangido pelo minuano. Vento e silêncio. Silêncio gelado.

- Pelo menos, neste ano, temos fé, numa boa safra de trigo, não é, Gino?

- É, se continuar este frio ...

- Semeando ralo demais?

- Não, não. Assim perfia melhor.

Orlando vira as costas para o sul, bate várias vezes o isqueiro e protege o "crioulo" do vento. As baferadas tomam rumo do norte. Um cheirinho de fumo bom contegia o ambiente. Mais alguns passos, e aquele homem enxuto - teimoso como o minuano - está bem próximo do rapaz:

- Pois é, Gino. Mas o preço não compensa todo esse trabalhão.

- Não - não compensa não, Orlando. O Governo não incentiva o homem do campo. Se ele soubesse quanto custa um pedaço de pão...

- É verdade.

- Sabe, Orlando, às vezes penso em largar a terra e voltar pra Livramento.

- Opa, chê, não me diga, rapaz!

(Há pouco mais de um ano, Gino Antcnello servira no Sétimo Regimento de Cavalaria de Livramento - Fronteira com o Uruguai. Sentia saudade de Rivera, (" la ciudad hermana "). Tampouco esquecera o convite insistente em jogar no Grêmio Santanense. Recordava inclusive o convite tentador para jogar no Peñarol de Montevideo. Sempre gostara de futebol. Fora indiscutivelmente, o melhor lateral-direito do Triunfador de Vista Alegre - sua terrinha natal. Acabara voltando. Saudade da família, da terra, e principalmente de Andressa ...)

Orlando examina o moço, enquanto saboreia largas tragueadas do seu palheiro: Aquele olhar azulado, muito discreto, escondia lá por dentro, um outro Gino.

- Não me diga que uma " muchacha " da fronteira te pialou o coração.

- Não é nada disso, Orlando. É que na colônia não dá mais: Se trabalha dia e noite; e quando a safra é boa, o preço é aquela miséria. Em Livramento, pelo menos, poderia continuar os estudos.

- Ah , bueno , se é pra estudar , le dou toda a razão .
Orlando reacende o cigarro que o vento mau apagara . Gino conti-
nua :

- E agora - deu no rádio - se o Brizola for eleito , os filhos
dos agricultores vão ter toda a ajuda do Governo para estudar. E
diz ele, em seus pronunciamentos , que tem um plano para a constry-
ção de cinco mil escolas rurais , em todo o Estado . O povo agora
só fala nas tais de " brizoletas" .

Meis umas palavrinhas sobre política , sobre o problema do tri-
go - " não dá mais , as sementes não prestam , a terra está se en-
tregando " - e os dois retomam o trabalho da lavoura .

Nuvens frias - enxotadas pelo minuano - carregam de sul a noc-
te . Cai a temperatura .

As terras de Orlando fazem divisa com as de Marco Antonello -
pai de Gino - Italiano que viera de Mântua , para fazer " la vita
in Mérica " .

Gino volta ao arado . Semeara até bem junto à estrada , e não
deseja que a noite o surpreenda sem terminar aquele eito .

- Vai Pangaré ! Vai Minuano !

A várzea é boa . Ele gosta de lavrar ali . Rende . Ademais, per-
tinho da estrada , pode ao menos dar um bom-dia para Andressa ,
que leciona no Antônio Vieira - em Vista Alegre . Leciona de ma-
nhã e de tarde . (O salário dos professores continua péssimo) . Re-
gressa pelas 17 horas . Hoje , porém , se demora mais . Quinta -
feira : ensaio com a turma da quarta série . À medida que o tempo
corre , Gino é tocado por uma pontinha de despeito . Bem no fundo,
porém , sente-se dividido : A terra ? A garota ? Os estudos ? E o
futebol ?... Arado virando a terra , vira e revira os pensamentos.

Desce a noite , e ainda mais , a temperatura . O minuano, ca-
da vez mais feroz . Nuvens avermelhadas se apressam em suas viagens
crepusculares . Parando o vento , na madrugada , é outra geada da
grossa . Bom para o trigo . Na encosta - terra nova - ele já mos-
tra um bom palmo de altura . Verde cabeleira açoitada , já amanhe-
cera várias vezes branquinho , branquinho . Notas nostálgicas - fri-
as e limpas - da Ave-Maria chegam , ondas mansas . Para Gino , é a
voz de Andressa que lhe acaricia o ouvido. Na capela de Vista Ale-
gre (ah , aquele tempo !...), tomaram a Primeira Comunhão juntos.
Ela , de terno azul - a primeira vez que usara calça comprida , e
cinta - sentira-se bem homem ... Ela , toda de branco - pequena
noiva de dez anos ...

O vento lhe arranca o chapéu , e com ele , parecem voar as di-
vagações do rapaz .

-...Boa noite , Gino. Mas que frio danado !

-Ôôô, Pangaré, Minuano - desacorda o rapaz - Boa noite , An -
dressa!

Olhar para o chão.

-Semeou muito hoje ?

-Rendeu. Quase duas quartas de terra.

-Que bom . Acho que , neste ano, a safra vai compensar...

-Tomara . Frio e geadas não faltam. Mas, o preço ...

-É mesmo . Mas que vento chato !

Protege a saia com a mão . " Deus me livre se ..."

- Demorou mais , hoje . Algum problema ?

- Não , não . Só um pequeno ensaio com a turma da quarta sé -
rie. Estamos preparando uma homenagem à Inspetora Municipal.

- Ah, sim .

Vento . Constrangimento.

- Bem... é tarde. Tenho de ir.

- Não precisa de companhia ?

- Obrigada. Já estou perto de casa . Boa noite.

- Boa noite .

Na noite gelada que se vai fechando, as primeiras estrelas a-
pontam , tímidas. O minuano teimoso parece querer sacudi-las, ar -
rancá-las e varrê-las pra longa. Algum mugido solitário se per -
de na fria solidão das invernadas...

A casa é de madeira . Ampla , mas tosca. Marco Antonello a
construía com as próprias mãos. Madeira boa, de Santa Catarina .
(O transporte daquela madeira até ali, ainda hoje , dá o que fa-
lar). Mas agora , tem casa para sempre . Os primeiros anos em
Nova Esperança , não foram nada fáceis: Primeiro, o abandono da I-
tália, aquela loucura na travessia do Atlântico, em que todos eram
tratados quase como animais. Depois , a chegada ao desconhecido .
Subira a serra ; trabalhara alguns anos em Bento Gonçalves, depois
em Antônio Prado e Guaporé. Seu irmão Dino preferira fazer a vida
em Caxias do Sul. Ele - Marco - comprou finalmente um pouco de ter-
ra em Nova Esperança , ali, entre os campos do Planalto Médio e a
Região do Alto Uruguai. Terra mais plana . E boa - diziam - para o
plantio do trigo, da parreira e do milho. Sabia que , passados al-
guns anos de trabalho, poderia comprar máquinas agrícolas moder -
nas .

Agora está entusiasmado com o famoso discurso que Leonel Brizola fizera em Carazinho, prometendo total apoio à agricultura . Os implementos agrícolas modernos não tardariam a chegar.

Sentado junto ao fogão à lenha , recorda o passado e divide o presente com Dona Gema - sua esposa - enquanto esta prepara a polenta . Dona Gema se orgulhava de sua panela de ferro , presente de casamento que trouxera de Guaporé . Aquela viagem de carroça ! ...

Marco e Gema traem o sotaque de sua língua de origem. Mas já dominam o Português . Um pouco na escola - nos primeiros anos , quantas humilhações ! - , um pouco na convivência social , e principalmente porque lhes fora proibido expressar-se " na língua de Mussolini " , tudo concorreu para que a maioria dos imigrantes italianos sejam , hoje , bilíngües . O filho Gino prefere falar em Português - " a língua vernácula " - como aprendera na escola . Obrigara-se a proceder assim , principalmente no exército , em Livramento . Lá , aprendeu inclusive algumas palavras em Castelhana (muchacha , cerveza , pelear , carretera , bueno , calle hermano ...). Frequentemente , ia passear em Rivera , ou " mirar las morenas " , no Parque Internacional . Já os filhos mais novos - Cláudio e Olívia - fazem questão de falar somente em Português . E ficam até envergonhados , quando Marco e Dona Gema falam naquela língua misturada com a professora Andressa . Onde se viu , credo ! E quando vão de férias , na cantina do Nono Piero , em Guaporé , ou na madreira do Tio Dino - em Caxias do Sul - instaura-se uma pequena Babel . O avô , por exemplo , só fala em " ghera , Nova Milano , Monte Grappa , polenta e radicci " , e insiste em cantar-lhes " la bella violeta " ou " la virginella " - canções que os netos , a contra-gosto , já sabem bem de cor .

O minuano continua assoviando , impiadoso , fazendo cantar o cano do fogão. O vento vem entrando pelas frestas , alongando as chamas do lampião a querosene . Marco acredita muito na promessa do candidato a Prefeito , para a eletrificação rural . Sempre confiara no PTB. Olívia põe a mesa . Dona Gema serve a polenta fumegante , o salame , o vinho e o pão . E uma salada de " radicci " . Cláudio chega , trazendo um balde cheio d'água , batendo o queixo . Gino abre bruscamente a porta da cozinha :

- Oi, ventinho brabo ! Parece até o minuano de Livramento !

Chega à varanda , descalça as botas , lava-se .

- Gino , vem comer , que a polenta se 'sfria !

- Estou indo , mãe .

Senta-se à mesa , as mãos enregeladas .

- Já plantou tudo na várzea ?

- Deu pra terminar , pai .

O pequeno silêncio é cortado pelas chicotadas do minuano e pelos gritos dos quero-queros , que parecem se perder bem lá em cima, junto às estrelas .

- E como está o trigo na recosta , no lado de cima da estrada ?
Olívia se admira de como o pai conseguira articular tamanha frase num Português correto .

- Está uma beleza ! Nasceu bem parelho , e já alcança mais de um palmo de altura.

O velho Marco - aquele rosto sofrido e misterioso - acaricia a barba negra e cerrada , que só desaparece nos fins-de-semana , com navalha bem afiada .

- Come mais polenta , Cláudio - tu precisa " estudar " muito.

- " Estudar " - mamãe - corrige Olívia num tom professoral .

- Sim , filha . Faz mais de vinte anos que tua mãe não vai "na escola " .

Gino pega o copo de vinho tinto com ambas as mãos , como se quisesse aquecê-lo. Vai mirando os " valhos " e os irmãos. Pigarreia , nervoso .

- Quê que tem , Gino - tu não comeu quase nada .

- Não é nada, mãe . Estou cansado ; só isso .

- Então beba este vinho e vamos " dizer o rosário " pra Madona do Caravaggio. Depois vamos dormir , é .

- A gente diz " rezar o terço " - insiste novamente Olívia .

Gino esvazia o copo . Novo pigarro.

- Sabe , agora que estamos todos juntos , eu queria falar...

-O quê ? -interroga Marco , servindo-se de mais uma fatia de polenta.

- É que eu pensei ser melhor... voltar pra Livramento e continuar o Curso Técnico .

- Acho que você quer é jogar futebol, intervém sua mãe .

- A andressa não vai deixar . Amanhã cedo conto pra ela ...

Gino desaprova seu irmão com um severo olhar atravessado.

- Mas , Gino , pondera o pai - estamos ainda em junho. Você precisa me ajudar na plantação do trigo , na colheita do milho ; e logo mais temos o perreiral.

- Claro , claro - eu só queria voltar no outro ano .

Bem , bem . Agora vamos rezar o rosário ... o terço . Tem bastante tempo pra resolver este assunto. Olívia , hoje é tu que "puxa" as Ave-Marias .

Na sala , o pequeno oratório improvisado. Ao lado do Sagrado Co -

ração, a Imagem de Nossa Senhora do Caravaggio que Dona Gema ganhara de Frei Geremia - em Guaporé. Frei Geremia tinha certeza de que a imagem viera da Itália, com a bênção especial do papa... No tempo da guerra - contava-se - tinha feito milagres ...

- Ave-Maria, cheia de graça ...
- Santa Maria, mãe de Deus ...
- Santa Maria,
- Rogai por nós !

.....

- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo,
- Para sempre - amém !
- Nossa Senhora do Caravaggio,
- Protegei os imigrantes !

Dona Gema apaga as velas que bruxoleiam tontas, e vai lavar a louça. Cláudio e Olívia aproximam o lampião e - compenetrados - fazem o "dever de casa". O vento abranda um pouco. Marco chama o filho mais velho de lado :

-Sabe, Gino, se a safra de trigo for boa, você pode continuar os estudos. Mas ... não podia ser em Passo Fundo, ou mesmo na sede de Nova Esperança ?

- É que - em Livramento - o Grêmio Santanense me pagaria os estudos, e mais alguns mil por mês. E depois, não haveria o problema da transferência

- Este "futibol" ...

- Mas pai, a minha intenção é terminar os estudos com o mínimo de despesas .

- Bem, bem. Vamos pensar.

- Boa noite, pai .

Passam de 22 horas. O vento frio se abrandando mais. Um luar, branco e gelado, amortalha o trigo, o lavrado e o parreiral morto. Noite e silêncio. Temperatura por volta de zero grau. Mas, a cabeça de Gino, quente :

"... Boa noite, Gino. Que frio danado ! O uniforme vermelho do Grêmio Santanense. Ordinário, marche ! Semeou muito, hoje ? Apenas um ensaio com a turma da quarta série. Obrigada, estou perto de casa. Parque Internacional. Este futebol ! Andressa não vai deixar, conto pra ela ... Mas, não podia ser em Passo Fundo, ou... Jogar em Montevideo. Peñarol. Porto Alegre. Camisa vermelha. Amanhã conto pra ela, se a safra for boa, Grêmio Santanense campeão do Estado, em 1937, marche, ordinário marche ! Os estudos e mais uns trocados por mês. Lateral-direito, Pangaré, Minuano. A torcida vermelha em cima. Plantou tudo na várzea, Triunfador bola na rede, Vista Alegre ... É

Andressa, o sino... alegre, Nossa Senhora do Caravaggio , o Antônio Vieira capelinha toda de branco, pequena noiva de dez anos... " .

Salta violentamente da cama , assustando o irmão Cláudio. Depois de alguns segundos , desacorda - procurando saber onde está . Olhar roxo. Cabeça pesada . Abre a janela : - Quero- quero ! Es - frega preguiçosamente os olhos . Cava pensamentos . Uma geada branca , branca amortalhando tudo . Num galho de cinamomo , um gale semi- acordado vai espavorindo os primeiros raios de sol, com seu lar go farfalhar de asas . Cantar gelado por sobre a brancura...

Ali no paiol de Marco Antonello, a Vencedora dos Bianchi não tem sossego. Madrugada, e os vizinhos já haviam chegado. Todos os dszembros, ou janeiros, o ritual se repete: Trocam-se jornadas de trabalho vicinal: O debulhar do trigo exige rapidez e bom volume de mão-de-obra.

A debulhadeira - velha, descolorida, prosaica - levanta uma nuvem de poeira. Pápápá... No ar, aquele cheiro de trigo. O velho Bianchi é especialista em "alimentar" a máquina - o bigode coberto de pó - o que exige homogeneidade na distribuição da palha e muito cuidado para não moer um dedo, no cilindro dentiaguado que esmigalha tudo. Orlando viera, e mais dois peões, munidos de tridentes. O peão Grides chegara no lombo do "come-vento" - cavalo que auxiliaria para afastar a palha, e amontoá-la em volta de um alto tronco cilíndrico.

Marco Antonello, auxiliado pelo vizinho Orildo Beledelli - o simpático gordo - vai controlando a saída do cereal. Enchendo sacas de 70 quilos. Bom vizinho, o gordo Orildo. Sempre disposto a apostar meia dúzia de cerveja no resultado de uma safra. Enche as conchas das grossas mãos, de grãos:

- Bom peso! - grita quase ao ouvido de Marco. (O motor da vencedora era um barulho infernal). Antonello adianta, muito satisfeito que o grão está saindo bem limpo. E um aperto de mãos já fecha a aposta: Para Orildo, daria mais de 120 sacas; para Marco, não passaria de 110. Uma dúzia de cerveja...

Dentro do paiol, Aldo lidera a gurizada. O filho do gordo Orildo, comanda tudo aos gritos: Arrancar os feixes do empilhamento, aproximá-los da janela, e jogá-los - um a um - na boca da máquina, onde o Severino (irmão mais velho de Aldo) os vai cortando com um toco velho de foicinha enferrujada. A máquina bebe gasolina e come trigo. Pápápá... Gino se revesa com o velho Bianchi. A pedido de Antonello, Cláudio faz a roda com o litro de "graspa", e outro de "cana". É preciso rebater a poeira. Pápápá-

Na cozinha, o alegre corre-e-mexe. Dona Gema é auxiliada por Andressa, agora em férias, e por Dona Rosa - mãe da professora. Macarronada farta. Galinha. Sopa de capeletti. Polenta bem reforçada. Vinho, queijo e salame.

Meio dia. Mesa improvisada à sombra de um cinamomo. A conversa sobe com o vinho. Algum talher que cai. Comentários. (Nunca se havia tomado sopa tão gostosa; a polenta estava no ponto...)

- Quer dizer que vai mesmo voltar a Livramento?

Andressa - o prato de polenta à mão - encara Gino sorridente, aquele olhar verde, agudo. O rapaz fica meio encabulado.

-Não sei. Parece que o trigo não está rendendo o esperado. E depende também da vindima...

- O triunfador vai perder o seu melhor craque , intervém Aldo, evitando um silêncio.

- Mas , Vista Alegre , continua com sua melhor professora .

- Que bobagem , Gino - scrii Andressa , corando um pouco.

Dona Gema alteia a voz, preocupada que o pessoal come pouca polenta . E Marco adverte :

- Aproveitem o vinho velho, que a vindima é logo em " febraro" Envergonhada , Clívia corrige o pai :

- " Em fevereiro " !

Uma hora depois , recomeça tudo : pápápá...

O velho Bianqui quer terminar antes que escureça . No dia seguinte tem compromisso com os Gaiatto. Poeira , gritos , tragos de " graspa " e de " cana" . Pelos cantos do paiol , a veloz corrida negra dos ratos provoca uma gritaria descontrolada . Voam espigas de milho , raízes de mandioca e tudo o mais que se encontra à mão. Aldo escondera um cacete de guamirim , bem apropriado . Poucos , os roedores que conseguem escapar, ocultando-se por entre caibros e barrotes. A poeira aumenta , as vozes se alteiam mais e mais .

- Já passa de 115 sacas , grita Orildo , com ar de vencedor. Antonello limita-se a um sorriso discreto , mas visivelmente satisfeito . Entra no paiol para averiguar quanta " palha " ainda resta .

O sol , quase roçando o horizonte , desenha no ar estrias vermelhas de poeira . De repente , o motor infernal da Vencedora silencia . Vozes e gargalhadas se vão projetando , como que furando a espessa camada de pó . Mais uma rodada de " graspa " .

- ... cento e vinte quatro , cento e vinte cinco sacas - grita o gordo Orildo , arrematando a contagem .

Marco não esperava uma safra tão generosa . Surpreso, não se contém :

- Domingo , em Vista Alegre , pago duas dúzias de cerveja pra todos os que estão aqui !

- Italiano bem macho ! - Orlando arregala bem os olhos, passa a mão pela testa carregada de poeira e suor , e acende mais um " crioulo " .

Dona Gema , contentíssima - enxugando as mãos no avental- chega perguntando a que hora pode servir a " cena " . Todos agradecem . Só o velho Bianchi iria jantar e pousar . Mas , se não fosse incômodo , viesse o amargo , que a hora era boa . O chimarrão não demora . Antonello ordena a Gino que vá à cantina buscar um garrafão

de vinho. Alguns rapazes recolhem as últimas sacas de trigo ao paiol.

De repente , aqueles gritos que todos conhecem demais :

- Viva o PTB ! Viva o Brizola !

A uns cem metros da roda de chimarrão , Romano saúda o pessoal , com seu vozeirão alegre . O italiano era " PTB no duro " . Desde que chegara ao Brasil , vivia afirmando que em matéria de governo, deve-se estar ao lado do povo . E do colono. Conhecidíssimo em todas as bodegas , vive repetindo que política , " quem a faz é o povo -por -ca pipa ! " . Agora está ele ali , regressando do moinho, meio saco de farinha no lombo da mula magra .

- Apeia , Romano ! Um copo de vinho ?

- " Grácie " , Marco . Mas se tem aí um pouco de " graspa " ...

Severino alcança-lhe o litro . Bebe um gole generoso :

- " Quanti sáqui " ?

- Cento e vinte cinco , informa-lhe Orildo, passando a cuia ao velho Bienchi.

- Belíssima safra ! Bravo , Antonello - bravíssimo !

- Alguma novidade em Navegantes ? - indaga Gino , procurando certo quê de importância - dado que Andressa vem chegando à roda .

- Vocês nem imaginam : O PTB marcou um comício de estouro pro começo de abril . Jogo duas dúzias de cerveja com quem for bem homem , que o Brizola vai " pelar a gralha " , disparado , é !

Gargalhada geral . Depois de outro trago bem largo, chicoteia a mula magra .

- Boa noite , boa noite ! E viva o PTB !

- Boa noite ! - Resposta quase em uníssono .

Uma lua redonda - quase escandalosa - aparece no Oriente. Enfia o seu olhar por entre as folhas de cinamomos e plátanos. Redonda como cuia de chimarrão . Entra na roda , verdadeira donzela-deusa , querendo sacralizar o ritual . Tonta , ensaia sua dança por entre a ramada . O chimarrão rodando , a conversa esquenta :

- Pois é , com todo esse apoio que o Brizola vem prometendo aos agricultores , ...

- É, mas a terra é pouca , Orlando. E quanta gente sem um palmo de chão, onde plantar !

Os peões de Orlando - Orides e Argimiro - atentam para o que Orildo acaba de afirmar .

- Concordo . E com a chegada das máquinas , o problema ficará ainda mais grave .

- Ah , certamente , Gino - diz Aldo , passando-lhe o amargo .

- Num discurso , em Carazinho , o Brizola falou que o Rio Grande e o Brasil precisam mesmo é de uma Reforma Agrária . Mas também ,

já " pilcharam " o homem de Comunista . Fechou o pau grosso, e ele teve de sair do comício , escondido como preá...

- E o que seria essa reforma " grária " ? - indaga Argimiro, na da familiarizado com o termo - que mais lhe soa como um palavrão.

Gino continua a fazer-se de entendido e vai explicando .

O tempo passa . A lua agora vem subindo por sobre a crista dos cinamomos. Aos poucos , a conversa se vai esfriando. Esfria o amargo . Garrafão e copos vazios . Despedidas .

Na cozinha, Dona Gema vai servindo :

- Por que não ficaram todos , sobrou tanta polenta ...

O assunto vai e vem entre os detalhes da safra de trigo e a política (O Brizola fora muito peitudo naquele comício em Carazinho, mas é assim mesmo que deve ser) . O sono abafa o diálogo . Gino e Cláudio cedem o quarto ao velho Bianchi , e vão dormir no paiol, numa "cama " improvisada, entre o empilhamento das sacas . Cheiro bom e forte de trigo . Cansado demais , Gino custa a dormir. Novamente , tudo se embaralha na sua cabeça : Livramento , os estudos , o discurso do Brizola . E aquela maldito pápápá da Vencedora que não lhe sai dos ouvidos !

No topo da coxilha , bandos de quero-queros descrevem largas curvas , buscando outros pagos. Lua alta. Cai um silêncio branco.

Meados de fevereiro. Andressa viera bonita. Olhar puro. Mas vivo, penetrante. Desinquieta . Camponesa típica : Lacinho às costas. Duas longas tranças negras. Braços semi-nus. Rosto moreno, perfeito. Sorriso branquíssimo. Tamanquinhos novos. Quase um escândalo para os rapazes ! Bem que Dona Rosa chamara-lhe atenção para aqueles " exageros " ... Mas, afinal , Andressa é professora , e a vindima é mais festa do que trabalho . Aquele seu olhar verde e agudo parece torná-la ainda mais consciente e graciosa.

Orlando não pudera vir- pedia desculpa . Fora a Passo Fundo, negociar um gado . Mandara os peões: Orides e Argimiro. Os Beledelli e os Gaiatto - como em todas as safras - estavam ali . O parreiral todo embriagado com o cheiro forte de uva madura. Borboletas descrevendo vôos. Cigarras chilrando na sua preguiça ensolarada. O velho Piero Gaiatto - o homem quase legendário da Guerra de 14 - não pára de elogiar :

- " Que bella u'a , que bella u'a ! "

- Vai dar um vinho especial - acrescenta Orildo.
- Vendo uns três a quatro mil quilos .
- A cooperativa está em decadência e por isso paga mal , adverte Gino .

O pai argumenta que ninguém lhe pode emprestar outra pipa. A safra fora boa por toda a vizinhança ; não lhe restava outra alternativa .

Gino é excelente trabalhador. Suadíssimo , vai carregando cestas e mais cestas de uva numa carroça velha - auxiliado por Aldo. Moer toda aquela uva , no braço , não é brincadeira . Agora, os dois estão na cantina , trabalhando, trabalhando :

- Quer dizer que , em abril , o PTB vem com tudo pra Navegantes . Vamos lá , né Gino !

- Não te garanto, Aldo . É que pretendo continuar os estudos em Livramento . Não queria perder esse comércio, de jeito nenhum , mas ...

- E a professora ?! - Hoje ela está uma uva !
- Deixa de brincadeira , né Aldo !
- Não negues , tu estás caidinho por ela .

- Não sei ... eu ... gostaria de concluir o Curso Técnico e jogar meu futebolzinho no Grêmio Santanense . Sabes , aquela camisa vermelha , parece que não me larga . É quase um destino ...

- Ah , bom . E o nosso Triunfador , o glorioso daqui de Vista Alegre ?

Gino responde com o silêncio.

A uva vai sendo esmagada . O mosto jorra .

- É verdade que o Marco anda conversando com meu pai sobre a possível compra de um trator?

- É sim , Aldo . E acho a idéia ótima .
- Então , por que não ficas ?
- Não sei , não sei... os estudos ...

A esmagadora de uva que viera emprestada aos Gaiatto é pesada demais . Gino está molhadinho de suor. O mosto despede aquele álcool embriagador. A pipa de carvalho se vai enchendo de líquido espumante e de bagaço . Meio tontos , os rapazes voltam ao parreiral. Os assuntos se repetem : terra , futebol, política, Brizola...

O velho Piero Gaiatto continua encantado. Afirma , categórico , que na Itália se fabricava o melhor Moscato do mundo. Melhor mesmo que o Champanha da França ... E , invariavelmente , desliza a palavra para os horrores da " guerra " - apavorando rapazes e moças que o miram, boquiabertos. (Na Itália se brigava de baioneta ... , lutava-se corpo a corpo...no monte Grappa , o sangue ... só numa batalha morreram mais de ...) .

Andressa escuta com particular atenção. Sabe que , na pessoa do velho imigrante , está a História viva . Gosta de cotejar o que o velho Piero vai re-presentificando, com os lances da Revolução Farroupilha . E , aos poucos , vai sedimentando seus pontos-de-vista : Uma guerra , uma revolução armada , dificilmente deixam um saldo positivo . A menos que venha das profundas aspirações do povo , o apelo às armas nada mais é do que o instigar do ódio e o ceifar de vidas. O esmagamento de um bloco de interesses , para que outro bloco possa dominar . Não esquecerá de enfatizar isso a seus alunos do Antônio Vieira . Afinal , a maioria deles são filhos ou netos de italianos que " fizeram a guerra " .

Finda a vindima , a pipa de carvalho transborda . E uma carga de uva aguarda o Chevrolet do Osvaldo para ser transportada à Vinícola Serrana .

Desta vez, ninguém escapa do almoço . Dona Gema sente-se feliz em servir a sopa de capeletti, bifés à milaneza , pão , salame e vinho doce . Gino chega à mesa um pouco atrasado . Mãos e roupa cor de vinho . As moças haviam combinado deixar o lugar desocupado, ao lado de Andressa . Ele se apercebe do fato e protesta não ter fome (Chupara muita uva ...) . Encabulado , enfim , atende ao pedido de sua mãe : " Come ao menos um bife com polenta " . Ao lado da professora , o rosto do rapaz está como o vinho . As garotas se entreolham. Algumas se riem .

- Uma sopa destas, só na Itália !
- Ô - vá lá, vá lá , Piero !

Marco não esquece de convidar o pessoal para o "serão do vinho doce "; na noite seguinte , estaria no ponto . Orides olha disfarçadamente para Argimiro , esfregando as mãos :

- Óle , vinho buenhacho ! Deixa marca colorada no bigode, chê !
- Dona Rosa e Dona Gema riem-se à vontade .

Andressa dialoga com Gino , que só responde por monossílabos . Aldo - sentado defronte - enche os espaços silenciosos com seu tom agradável : No seu tempo de aluno , no Antônio Vieira , apanhava muito , e quase não passava um dia sem castigo ... O último comício realizado em Ipiranga , resultara em tiroteio brabo ...

O gordo Orildo se retira , lembrando a todos que , daí a dois dias , a vindima seria no parreiral dos Beledelli. Orides relanceia aquele seu olhar de gavião e sorri por dentro : O mesmo grupo iria se reencontrar para mais dois dias de festa . Andressa , com certeza , lá estaria ... Para ele , vindima era pura festa . Ademais , pro sábado à noite , haveria mais um serão , o vinho doce rolaria ...

O Argimiro levaria sua cordeona de oito baixos . Era fandango na certa. Os gringos cantariam velhas canções de guerra , e ele desafia - ria o que fosse bem macho para uma trova à gaúcha ...

Refeição terminada ; à sombra de um cinamomo, a cuia vai pas - sando . As mulheres auxiliam Dona Gema , e aos poucos , se despedem. Andressa procura Gino com os olhos . Nada .

- Que negócio é esse de Reforma Agrária ?

- É a justa redistribuição da terra , e melhor assistência ao agricultor - sintetiza Aldo .

- E o Brizola é bem macho pra fazer isso , aqui no Rio Grande ?

- Aí é que a gente vai conferir os bilhetes- Orides . No comício de Carazinho , foi só o homem abrir a boca , foi aquela fumaça...

- Quer dizer que ... mas isso não tem cheiro de Rússia !? ...

Uma hora depois , Gino está sentado sob um plátano, à beira da fonte . A água da bica , caindo no tanque , com aquela cantilena longa. " Daqui a uns dez dias : O Misto ou o Paulista . Passa Por Passo Fundo , Carazinho , Santa Bárbara, Cruz Alta , Tupãciretã . Che - ga-se ao centro do Estado . Depois , o ônibus : São Gabriel, Rosá - rio do Sul , Livramento . Longe pra burro . A camisa vermelha , e a torcida bem em cima . Montevideo . Porto Alegre ... Bagé... Parque Internacional ... "

- Gino , ô Gino !

- Que é , pai ?

- Pega o cavalo e dá um pulo até o Osvaldo. Pergunta se pode vir carregar a uva ainda esta tarde .

- Está bem .

Enfrena o zaino , joga-lhe um pelego no dorso , sai levantando poeira , e espantando quero-queros , à beira da estrada ...

Da janela do apartamento da colega Lídia, Andressa Remor contempla o Guaíba. Aquele sábado de sol morno lhe traz Vista Alegre para dentro de sua saudade. O Antônio Vieira, com sua algazarra; a capelinha velha; sua gente, tudo. Um avião risca a liberdade espacial, deixando após si uma cauda longa e branca - que se desintegra bem devagarinho. Os livros lhe pesam na cabeça. No quarto ao lado, certamente, Lídia estaria se enfeitando para o baile de logo mais à noite.

Instantaneamente - Andressa não sabe como - começa a lembrá-la o comício de Navegantes. Aquele comício havia estourado como agude grande, arrombado por uma enchente. Ela ainda "escuta" aquela gritaria louca: "Viva o PTB! Viva o Brizola!! Já ganhô! Já ganhô! Já ganhô!..." Todo o ambiente lhe povoa a memória: a carroceria do Chevrolet servindo de tribuna; um alto-falante assentado na forquilha de um cinamomo; e outro, num pé de erva-mate. O Grupo Escolar Senador Pinheiro Machado, defronte à capelinha azul. Muita gente: três a quatro mil pessoas! As localidades vizinhas em peso: Vista Alegre, Ipiranga, São Roque, Salete, São João... Vieram também vários caminhões do município de Sarandi. À entrada do vilarejo, amarrada entre a bodega do Spejorin e um caibro de armazém (incrível, como os detalhes ainda lhe são nítidos!), aquela enorme faixa: O POVO DA COLÔNIA ESTÁ COM BRIZOLA. O povo se acotovelando, nervoso, excitado. O velho Gigio vibrando a sua bengala e provocando: "Aqui em Navegantes, sono tutti PSD!". O velho Gigio era aquele nono que todos queriam bem. Tinha feito a Guerra de 14. Ali chegara há poucos anos, aquela perna quebrada. A "meledeta guerra" quase acabara com ele.

No quarto ao lado, Lídia se engalana toda, carregando mais e mais de baton seus lábios polpudos, cor de carmim:

- Como é que está o estudo, Andressa?

Ela desacorda:

- Bem! Essa Faculdade não me deixa em paz, nem aos sábados!

No fundo, o Guaíba manso. Outro avião abrindo as asas para aquela liberdade, tomando a direção de Montevideo. Andressa nem sabe o motivo que a levou àquele comício. Talvez o fato de ser ela uma professora. Sempre fora muito consciente. Não confundia política com fanatismo; mas estava longe de ser uma pessoa alienada. E, naquela noite...

(A temperatura um pouco baixa. Vários policiais disseminados por entre o povo, cumprindo ordens rigorosas. A outra faixa, estendida entre um cinamomo e o grupo escolar: ESTAMOS COM BRIZOLA E A REFORMA AGRÁRIA

Os foguetes espoucando. Urras , vivas e palmas explodindo: Já ganhô, já ganhô , já ganhô ! O velho Gígio sempre naquela provocação:"PTB de Merda ! " . O Romano , sentado na sua mula magra , assistindo a tudo , muito desconfiado ... O pequeno tumulto que os policiais, a custo , conseguem abafar).

Elza , colega de estudos e grande amiga , entra no quarto :

- O que você está fazendo aí ? E os estudos ? ...

- Pois é ...

- Você me parece tão distraída ...

- Se é capaz , adivinha ne que estou pensando .

- No Gino , é claro .

- Que nada - Elza ! Estou pensando é num comício que houve no interior do meu Município.

- ! ? ...

- O candidato a Deputado Estadual falava - quase que alucinado. Suas palavras ainda me parecem bater no ouvido : " ... porque o nosso partido é o partido do povo , o partido do trabalhador ... estamos voltados de maneira especialíssima para o problema da agricultura de Nova Esperança ..."

- Puxa , que memória - Andressa ! Continua , continua, estou adorando .

- Deixa recordar um pouco : Ah , sim : O povo se acotovelava, amontoado , bebendo aquelas palavras . Era até bonito de ver todo a quele pessoal , por entre carroças e caminhões , cavalos e alguns tratores . E os discursos se derramando , mais ou menos nestas palavras : " ... o apoio ao cooperativismo é um dos ítems primordiais da nossa plataforma ... estamos convencidos do papel relevante , e insubstituível das cooperativas , no contexto da economia do nosso Estado e da Nação ..." . O povo - presumo - não entendia a metade , mas gritava , berrava . Me lembro ainda de que meu pai chegou-se-me ao ouvido , indagando se as cooperativas não estavam derivando para os caminhos do Capitalismo. E me dissera que , na Itália se procurara socializar o trabalho , mas que , também lá , a máquina capitalista acabara com tudo . Outros , ao meu redor , cochichavam nervosos : PTB estava cheirando a Comunismo , à Rússia...

- Mais uns trechos dos discursos, Andressa - está interessantíssimo.

- Deixa pensar : O candidato berrava (veja bem , " berrava") mais ou menos nesses termos : " ... as primeiras máquinas agrícolas estão chegando , graças ao empenho denodado de nosso eminentíssimo candidato a Governador - o engenheiro Leonel de Moura Brizola..." E por aí a fora . Tomava água mineral e suava , apesar do frio .

O povo quase enlouquecia .Era só : " PTB ! PTB ! Brizola, Brizola, Brizola !

- Puxa !!

- À certa altura , o Romano - um italiano que se babava todo pe la política e que se dizia " PTB no duro " - passou perto de mim , falando : " Professora , cuida um pouco da minha mula , que eu vou até a bodega do Spejorin , pra saber o que é essa " reforma grá ria " , e tomar um trago de " graspa" .

- Escuta , mas nesse comício não havia gente do PSD ou da UDN ? Era só PTB , mesmo ?

- Não , Elza . Havia de tudo ; mas , sabe : quem não era do PTB se cuidava muito . A gente percebia que muitos - enquanto os outros aplaudiam - cerravam os dentes , e de quando em vez, lá escapava cada palavrão !...

Lídia bate com violência a porta do quarto contíguo e grita para as duas :

- Um beijão pra vccês ! Meu príncipe está me esperando ! Fiquem aí com seus livros e seus Brizolas , que eu vou gozar a vida . Logo mais à noite , naquele salão , estarei no meu céu !

Andressa está admirada em recordar-se de tanta coisa daquele acontecimento :

- Ao redor daquele grupo escolar , a assembléia política era um verdadeiro fogo . O orador atacava implacavelmente os adversários -"verdadeiros traidores da causa nacional , homens interesseiros , corruptos , politiqueiros , vendidos a interesses de trustes internacionais..."

- Nóóóssa ! - escandaliza-se Elza .

- O engraçado foi quando o velho Gígio, aproveitando-se de um breve e raro silêncio , ergueu a bengala , explodindo : " PTB de merda , todos comunistas - porca pipa ! " . O Romano que voltava da bodega , passa por ele e aplica-lhe um sonoro bofetão . Gígio vibra-lhe um bengalaço , aterrando o adversário aí mesmo . Por sorte os policiais impediram um tumulto generalizado, que já se ia instaurando . O orador continuava " trovejando " que a meta do Governo Brizola era a Reforma Agrária e a construção de cinco mil escolas rurais - para resolver de uma vez , o gravíssimo problema da escolarização e da educação dos filhos dos agricultores. Recordo-me bem de uma metáfora arrojadíssima , alusiva à questão: "... nas escolas , os lápis e canetas seriam os espetos para assar a ignorância ..."

O povo delirava . O foguetório era ensurdecedor . No meio de tudo, emergiam frases como estas : Eta, Brizola bem macho ! PTB é a voz do povo , não é Comunismo !

Elza está simplesmente encantada com a narrativa .

-Quando o candidato tocou no problema da educação , interessei-me ainda mais : Os professores da área rural - falava - teriam seu salário majorado em 100 % , para dar uma solução definitiva ao problema crônico do magistério. O estado de injustiça social era insuportável , vergonhoso - um insulto à democracia brasileira ...

Elza interrompe :

- A gente sabe que o Brizola está procurando resolver toda essa problemática . Mas não creio que o consiga . Sabe , o Sistema ... Bem , mas isso seria uma discussão longa demais , e meus livros me esperam. Outra hora , a gente dialoga sobre isso. E quero que você me conte o restante , acontecido naquele comício. Dá licença .

Andressa olha para os livros abertos, sobre a mesa de estudos . Mas não consegue reunir vontade suficiente . Aquele comício ainda lhe povoa a cabeça . O sol morno entra agora em cheio pela janela . Enfia-se por entre dois edifícios , e vem ali , fazer-lhe companhia . Ela se debruça novamente à janela . Já se familiarizara com aquela paisagem . Os primeiros dias na capital foram quase um inferno . Aquela correria maluca . A Lídia pouco ligando. Quase fugira de volta . O vento parece trazer-lhe à memória pequenos trechos daqueles discursos - quase perdidos , no tempo e no espaço . Era a vez do Sr. Guilherme Bertelli , candidato a Prefeito de Nova Esperança : " ... correligionários , companheiros de banca da ... povo desta Comarca ... o PTB do nosso legendário e imortal Getúlio Vargas ... legenda vitoriosa do trabalhador ... " (as palmas explodindo) " ... se eleito for ... a palavra empenhada ... para o bem da coletividade ... eletrificação rural ... novas estradas ... assistência médica gratuita ... mais escolas ... uma Comarca , um Estado , uma Nação sem uma agricultura , alicerçada na ... do povo ... "

Ao longe , os mastros pontilhando por sobre o Guaíba . Mais além , o pampa se abrindo. Um bando branco de pombas flecha o céu , tomando a direção dos armazéns da beira do cais . " ... os candidatos da UDN e do PSD estão semeando a corrupção... já sabem de sua derrota esmagadora , insofismável... no pleito de 15 de novembro... resposta soberana e democrática do trabalhador... as urnas

falarão mais alto... Brizola , Brizola , Brizola ! Já ganhô ! Já ganhô ! Já ganhô ! ..."

O tempo passando , se danassem os livros ...

Depois , veio aquela cena trágico-cômica : tudo fora arquitetado pela astúcia do velho Gígio . Ela vira tudo . (Por que não de ra o alarde ? O medo ...) : O velho Gígio entregara aquela faca ao garoto Célio , o " barba-de-bode " - por causa daquele seu cabelo grisalho , revoltado , chucro como o minuano . De início , o garoto se assustara um pouco ; mas Gígio o incitava - no domingo , lhe pagaria uma cerveja e muitos caramelos . E depois , aquela ordem : " Vamos , não vai mijar nas calças pra fazer um " trabalho " desses ! " (Se ela tivesse gritado , certamente evitaria tudo aquilo , mas temia que fechasse um rolo dos diabos) . O Célio se esgueirara por entre o pessoal - cobra lisa , driblara , carroças , tratores , cavalos - dera a volta por trás do grupo escolar e , num minuto , atingira a janela . A enorme faca , camuflada por sob a camisa . O discurso, mais inflamado do que nunca : "... porque , o Brizola nas rédeas do Governo , ..." . A velha faca de picar fumo atingindo em cheio a palavra " BRIZOLA" - cráác- abrindo um rombo largo . Depois a corrida do " barba-de-bode " - um serelepe dando a volta por detrás da bodega do Spejorin e , num relâmpago , a faixa caindo, como que sangrando aquelas enormes letra vermelhas da " REFORMA AGRÁRIA " . A bandeira petebista morta , inglória , ali na poeira , um pouco amaciada pelo sereno. O velho Gígio abriu do aquele sorriso largo de vingança . Incrível : ninguém notara . Pudera : o discurso do Bertelli estava no auge ; o povo, eletrizado ...

Sobre a mesa , o sol beijando os livros mudos . No outro quarto , Elza , naquele silêncio , naquela concentração . Andressa , ali na janela , saboreando aquelas recordações .

Por fim - poderia ser diferente ? - aquela briga ... Tudo começou com o atrevimento de um gauchão desconhecido que abriu um corte profundo na perna esquerda do Sr. Bertelli, enquanto este trocava cumprimentos com seus correligionários. O povo , dentro em pouco , notara aquele insulto imperdoável , aquela faixa por terra , a clamar . O velho Gígio , desaparecido. O Romano - montado em sua magra mula - a gritar que viesse " qualquer PSD que seja bem homem " . Cavalos relinchando , escoiceando. Uma guerra! O pessoal da UDN e do PSD , entrincheirado na bodega do Spajorin . Haviam palmeado tudo quanto fosse garrafa e cadeira . Os policiais ,

correndo feito alucinados . Tiros perdidos , cortando os ares . Um rapaz forte , trajado à gaúcha , agarrado por três policiais , deramando aquela torrente de insultos : " Os filha da ... que cortaram a faixa ainda vão experimentar o que é braço de gaúcho."

Ela , refugiada na cabine da camionete dos Beledelli, assistindo a tudo , apavoradíssima , constatando até que ponto pode chegar um povo sem educação política - fanatizado.

Argimiro levava um tiro no ombro . Na bodega , a muito custo , a polícia impedia o choque direto entre o pessoal do PTB com os do PSD e da UDN . Alguns cidadãos , levados presos, sem maiores explicações . Outros, pisoteados ; terceiros , levando golpes de cacetes . Um caminhão de Salete - gente do PSD - totalmente demolido . O Bertelli , sendo conduzido rapidamente para o Hospital, a perna sangrando muito , envolta numa camisa ... O Célio , sumido como o vento. Depois de mais de uma hora , as coisas se acalmando, e os grupos se dissolvendo . Um e outro insulto atirado dentro da noite.

- Será que vai cair muita coisa teórica , naprova de segunda-feira ? - grita Elza , do outro quarto .

Andressa como que se assusta :

- O quê , Elza - está precisando de alguma coisa ? ...

O CTG Fronteira Aberta tem sua sede defronte ao Parque Inter - nacional. Sábado à tarde , Gino não sente a mínima vontade de estudar. Ao cair da noite , ele está ali . Entra no " galpão " : Progra mação afixada à porta - escrita em Português e Castelhana : Trova , concurso de declamação e , mais tarde , fandango .

Começam a aparecer as primeiras prendas - mui faceiras - meti - das em seus coloridos trajés típicos , prontas para dançar o tatu , o maçanico , a chimarrita ... Num canto , o rechinar de cordeonas . Chegam gaúchos bem pilchados , arrastando esporas .

Decorrida uma hora , tem início o " rodeio " . O Patrão do CTG (botas , esporas, bombachas , lenço colorado volteando-lhe o pesco ço , chapéu de abas largas e barbicacho) , pede silêncio e toma a palavra :

- Gauchada buena , prendas e hermanos do Uruguai, mui buenas noi tes ! É com alegria xucra que o CTG Fronteira Aberta , mais uma vez, abre as portei ras para outra invernada de nossas tradições . E hoje, temos a satisfação de contar com a presença macanuda do peão e gau- dério , Amâncio Fagundes , do CTG Negrinho do Pastoreio - da cidade de bagé . Uma salva de palmas para o gauchão ! (Aplausos) . E agor a vamos aplaudir o representante de Livramento , o trovador buena- cho , Adelar Rodrigues ! (Chuva de palmas e assovios) E entonces , vamos de imediatamente para a invernada dos trovadores . Abre es- sa cordeona , companheiro !! (O convite é para um velho gaitero , sentado num cepo de cinamomo) .

A gauchada se acomoda . Gino , meio ausente em espírito, vai-se integrando ao ambiente , à medida que os versos à gaúcha saltam no improvisado :

Buenas noites , minha platéia ,
uruguaios e brasileiros ;
eu vim pelear contra o Amâncio ,
do Negrinho do Pastoreio :
- Quero ver se o índio é taura,
e se não foge do rodeio ! ...

Palmas e gritos . A cordeona gema nos dedos do velho gaúcho, que veste um pala velho e surrado . Fagundes retoma a deixa :

... e se não foge do rodeio ,
pois vai-se ver como é que é :
um abraço pra Livramento ,
eu les trago de Bagé ;
- pois vamos ver , seu Adelar ,
se tu tem spora no pé ...

A pequena torcida bageense se manifesta . Uma prenda vem sentar-se perto de Gino . Este continua atento ao desafio. Lembra-se das trovas que escutava pela Rádio Planalto de Passo Fundo, em que os trovadores daquela cidade e os de Carazinho sustentavam duelos de horas . O representante de Livramento lhe parece muito bom:

... e se tu tem 'spora no pé,
veja lá o que tu me ensina ;
o teu verso é mui fraco ,
tua voz é de vaca brasina .
Hoje vou le dar um pialo
e le boleio pra Argentina ...

Explode a platéia . Um cidadão uruguaio - enorme cuia à mão - vibra calorosamente : " Muy guapo , hermanito , muy guapo ! Arriba ! " Fagundes retruca à altura :

... pois me boleia pra Argentina ,
vejam só a gauchada !
um garrote da tua marca
se perde nas invernada
e precisa do " Negrinho "
le procurá , de madrugada ...

O pessoal do Fronteira Aberta se entreolhando , como a exigir do seu representante uma resposta arrasadora . A gaita chorando.

Aparecem as primeiras cervejas: Brahma , Norteña e Doble Uru-guaia . Num outro canto , improvia -se uma roda de prendas e peões e corre o amargo. Haveria troféu para o vencedor - gentileza do CTG anfitrião . Gino pede uma cerveja e segue apreciando a trova . Sabe que os " tauras" da fronteira , em matéria de " verso " , só mesmo os da Vacaria pra sustentar um duelo. Os de Porto Alegre , os das Missões , ou mesmo os do Planalto Médio não tinham fôlego para " encostar" com trovador de Fronteira:

... le procurá, de madrugada,
me arrumem outro pra trová;
tu me parece assombração,
em noite clara de luá ,
coisa assim de lobisomem,
fugindo de 'mboitatá ...

Nova explosão. Passados uns quarenta minutos de desafio, o Patrão intervém :

- Cada trovador canta seu último verso !

Amâncio se despede :

Meu buenas noites - gauchada,
vou encilhando o meu cavalo;
e lá pras bandas de Bagé,
vou tirando o meu talo ,
pois aqui em Livramento,
no Adelar , já dei-le o pialo !

... No Adelar tu deu o pialo,
não me escutem tal asneira.
Buenas noites , meus hermanos,
e todas prendas faceiras;
seu Fagundes levou o pialo
do rei da trova da fronteira !

De pé , o pessoal aplaude demoradamente. Em seguida , começa a " invernada dos declamadores" , com representantes de Bagé, Dom Pedro, Livramento, Uruguaiana , Caçapava e Quaraí . Comissão julgadora neutra : Os patrões dos CTGS da Região Missioneira .

Gino acompanha a declamação , enquanto dialoga com Veludo , o goleiro do Grêmio Santanense . Mais uma Norteña . Recorda-se também do seu tempo de " declamador" , no Antônio Vieira (" O verde representa as matas ; o amarelo , o ouro ... "). Conversa que vai e que vem . O tempo passando , gostoso .

Virando meia noite , Gino retira-se . Bem que gostaria de apreciar as danças do tatu , a chimarrita , o maçanico , o pezinho ... Danças lindas . Coloridos sapateados de peões e prendas . Aquilo - pensa - era um Rio Grande que , na Fronteira , ainda se mantinha bem vivo . Mas não resiste ao sono . Sebe ao longo do Parque Internacional , dobra a esquina da Rivadávea Correa e , em poucos minutos abre a porta da Pensão Charrua . Luiz Roberto - colega de quarto - dorme . Gino despe-se e deita . A Norteña pesando-lhe o pensamento , e a insônia embaralhando-lhe tudo : trovas , o Antônio Vieira , Andressa , o trigo nascendo, o vinho doce , a camisa vermelha , um trator novo ...

Acorda por volta das 10 horas . Dona Palmira insiste para que tome café . Recusa várias vezes, mas acaba cedendo.

À hora do almoço , continua meio estranho . Silêncio quebrado por algum monossílabo , ou por alguma frase seca : " Me passa... "

São sete os pensionistas . Mas Gino tem amizade com apenas três : Luiz Roberto , filho de comerciante rico , natural de Santa Maria . Seu pai agora reside e trabalha na Fronteira . Negócios de gado... Luiz é alto , seco , atlético. Sempre alegre , adora assoviar , quando está sob o chuveiro . O outro é o Carlos . Forte , quase roliço . Descendência alemã . Loiro , puxando a ruço . Estuda exageradamente . Acorda cedo , servindo de " despertador" aos colegas . O terceiro é o Fernando , o mais novo dos três . Viera de Paysandu , Uruguay (Para ele , " Uruguay" deve-se escrever com y). Moreno . Olhos grandes . Caladão . Por sua aparência , todos o cha

- No tiene jogo , hoje ?- indaga Dona Palmira , quebrando a -
quele silêncio chato .

- Não - hoje não.

- É- depois daquele vareio que vocês levaram do Ferrocarril ,
lá em Uruguaiana ...

- O juiz roubou - apressa-se a explicar Gino . Depois , aqui-
lo não foi jogo - foi uma guerra !

- Bueno - mas todo o jogo tiene que ser uma pelea - diz a do-
na da pensão , naquele seu liguajar luso-espanhol . Dona Palmira
nascera no Uruguai: Taquarembó . Orgulha-se de ser uma Oriental .
Viera a Livramento bem criança . Seu pai - então - contrabandeava
gado . Viúva , tivera de trabalhar de cozinheira para sustentar os
três filhos . Mais de 20 anos ao redor do fogão. Agora, já idosa,
dona daquela pensão .

Termina o almoço .

Quando não precisa defender as cores do Grêmio Santanense, Gi-
no prefere não sair . Volta ao quarto , silencioso, esquisito. Ali
estão os livros . Na semana que entra , deverá enfrentar provas; e
sabe que os professores do Santanense são todos uns Caxias ...

Luiz Roberto entra no quarto e liga o rádio. Repórter Esso :
Gino liga-se às notícias esportivas . O Internacional, naquela tar-
de , enfrentaria o Nacional de Cruz Alta . O Grêmio Porto-alegren-
se iria a Pelotas : Parada duríssima com o Farrroupilha . Outra guer-
ra . Gino é colorado :

- O Grêmio que se cuide se não quiser deixar dois pontinhos ,
bem preciosos , na Princesa do Sul (Procura perceber o efeito de
suas palavras em Luiz Roberto - que é gremista coente) .

- Que nada ! Nosso time tem raça de sobra .

Brizola continua a ser notícia obrigatória : seu comício em
Vacaria colocara num tremendo alvoroço todo o Nordeste gaúcho .

Rádio desligado , Luiz estira-se na cama :

- Pois é , Gino . Parece que hoje ninguém tem vontade de sair.
Que tal uma historinha - um " causo " , como dizem os gaúchos .Ca-
da qual poderia contar um , mas que aconteceu de verdade .

- E os meus estudos ?

- Ora , deixa pra lá - afinal , hoje é domingo .

Chega o Fernando :

- Daqui a pouco , a Dona Palmira traz o chimarrão . Ela tam-
bém gosta de contar seus " causos" . Cada um ! ...

- Quem é que começa ?

- Tu mesmo , Gino .

- Mas eu - assim de cara !?

- Isso mesmo .

- Bem ... então , deixem-me lembrar... Ah , vocês podem até nem acreditar , mas juro que aconteceu de verdade .

- Foi num jogo do Triunfador - brinca o Luiz .

- Não , não - nada disso . Foi de uma feita , eu tinha meus 16 anos ; numa noite de sexta-feira , me lembro bem...

- Conta , conta , insiste Fernando .

- Pois então , vai : Aconteceu que a mulher de um tal João Menin tinha adoecido muito. A família se apertou na época da colheita ; fizemos um ajutório - um mutirão , como se diz . Era em novembro , havia muito trigo para ceifar . Num domingo, recebemos o aviso , na capela . Dos vizinhos , foi todo mundo. Pois naquela sexta-feira , bem cedinho , tomei da foicinha , e me mandei assoviando . Passando em frente à casa dos Beledelli, o Severino quase me assusta : Olha , Gino, sexta-feira ... o mato do velho Pa - sa ..."

- Quê que tem esse mato ? - quer saber Luiz Roberto.

- Chiii, aquele mato tinha fama ! Todo mundo falava . Eu não acreditava em aparição , coisa nenhuma ; mas diziam que era Boi - tatá , Mula-sem-cabeça , Lobisomem... " Tinham visto " uma cobra de uns sete metros , com uma baita cruz na cabeça - o demônio ... Bom . Naquele dia , tudo normal . Cortamos um trigão . À noitinha, correu o vinho . Nem preciso contar que a italianada - ao escure - cer - começou a semear velhas canções de guerra , por sobre as co - xilhas .

- Hum - que romântico ! - atalha o japonês .

Gino continua :

- Já bem mais escuro , vim embora . Por azar , sozinho .Chego perto daquele mato , a frase do Severino me martelando : " Olha, Gi no , sexta- feira ..." Não havia luar . Uma escuridão dos diabos . Mal tinha noção dos trilhos da estrada que varava o mato . Mal tinha adentrado uns cem metros , ... o taquaral estralou todo: truá, truá , truá ! ... Dei um pulo para trás.

- E mijou nas calças - acrescenta Fernando .

- Nem me lembro . Só lembro que um vulto abriu o taquaral, pu - lou do alto de um barranco e se postou no valo da estrada . Chis - pava fogo pela boca . Cachimbo incendiado , ou toco de vela , nem reparei bem ... O coração me pulava no pescoço , e as pernas me fugiam do chão !...

Não sabia o que fazer : Voltar à casa dos Menin , eram mais de dois quilômetros ; passar na frente do bicho , não tinha coragem... Nem sei como , palmeei a foicinha de cortar trigo com a mão direita , topei o trilho oposto e avancei ... Passando em frente , arrisquei uma olhadela medrosa : tinha uma perna só , e vestia tipo um poncho preto; cuspiam fogo pelas ventas e pelos olhos... Apertei o passo , e corri. Corri , feito alucinado ! O chão me fugindo , o coração me pulando na boca ...

- Creio que era o Boitatá- afirma Dona Palmira , entrando no recinto , cuia e chaleira às mãos .

- Para mim , só podia ser o Saci-Pererê . Uma perna só ...

- Não sei , Luiz . Só sei que o outro quilômetro , para chegar em casa , foi questão de uns cinco minutos ... Não vi mais nada ! Cheguei em casa , a mana Olívia me veio ao encontro :

- O pai comprou um rádio !

Queria eu lá saber de rádio ! Disfarsei o quanto pude , perguntei não sei o quê sobre o tal rádio - me lavei um pouco e me joguei na cama . Na manhã seguinte , o Cláudio me contou que passei a noite " sonhando alto " , que gritei , fiz o diabo ... Daí a uma semana , todo mundo sabia que , no mato do velho Pasa , ...

- Eu não acredito nessas histórias - diz Fernando.

- Las bruchas ... que las ay , las ay!- atalha Dona Palmira .

- É pura mentira do gringo !- grita Carlos do quarto contíguo, de onde escutara a narrativa , enquanto arrumava sua pequena mala. . (Viajava seguidamente para Novo Hamburgo).

- Palavra que é verdade ! Ainda hoje , quando me lembro...

- Bueno - agora é o Luiz que conta " su" história .

- Mas a minha é muito curta - desculpa-se .

- Conta assim " mismo " .

- Bem ... o que vou contar também é um fato real. Foi em ... ah, sim , foi em Santa Maria . Numa primavera de muito sol e vento-norte .

- O insuportável vento-norte de Santa Maria !

- Exatamente , Fernando . Eu estudava no Colégio Santa Maria . A nossa banda marcial ia desfilar no dia 20 de setembro- dia do gaúcho.

- Dia da Revolução Farroupilha ! -grita de novo Carlos .

- A imprensa e a Prefeitura locais haviam promovido um concurso de bandas marciais. Por sinal , ganhamos um aparelho de televisão , pois vencemos o concurso . Olhem , não me esqueço : a banda do Maneco fazia evoluções na frente da comissão julgadora , quando - num repente - um enxame de abelhas invade a Praça Saldanha Maranhão . Nossa , que correria !! Gente se deitando no asfalto, empur-

rões , gritos , picadas ... A nossa valorosa banda estava postada à Rua do Acampamento , logo atrás da do Maria Rocha . Pois foi a única vez que vi uma banda todinha , deitada numa rua ! Uniforme limpinho ... Até quiseram anular o concurso , por causa do incidente . A rainha da nossa banda , levou várias picadas e desfilou de rosto inchado...

- Por lo menos le realçou a cara - diz Dona Palmira ...

- No dia seguinte , um colega de aula me contou , as abelhas " visitaram" também a Baixada Melancólica , onde o Internacional local enfrentava um combinado de São Gabriel . Foi um negócio nunca visto!- dizia . Estádio mudo. A torcida grudando o nariz na arquibancada . Um radialista mais atrevido ficara firme, e ia narrando as evoluções do enxame ... Um vôo quase rasante obrigara juiz, bandeirinhas e atletas a ficarem vários minutos estendidos sobre o capim... até que - levado pelo vento-norte - o enxame desapareceu, tomando a direção do cemitério. E o jogo seguiu normalmente...

- Caramba, chê !

- Olha que o chimarrão esfria - adverte Gino a Dona Palmira.

- E agora é a vez da senhora - acrescenta Fernando .

A dona da Pensão Charrua pigarreia , procura um ar de importância , e começa :

- Bueno ... uma vez , em Taquarembó , ...

E o rosto da mulher se ilumina todo!

Em Livramento , Gino segue os estudos com sucesso. Já pensa em suas férias . Mas está um pouco preocupado. O Curso Técnico certamente lhe proporcionaria um bom emprego , na cidade . Não obstante tudo , Gino ainda sente uma forte atração pela terra .

Aquela carta de seu pai ... o Governo daria todo o apoio à agricultura ... o velho , meio cansado da roça , sentia muito vender a terra e transferir-se para Caxias do Sul . Gino reflete :

- Vender a terra ...

Imperceptivelmente , uma nova idéia se vai incubando na sua cabeça (idéia maluca?) : Desistir do Curso Técnico e forma-se em Agrotécnica . Um curso mais prático . Ademais , o Governo prometia facilidades aos filhos dos agricultores . A idéia foi tomando proporções .

Gino sacrificaria dois anos de estudos, mas... " bolas, ainda sou moço ! " Interessante : não sabe explicar o porquê desta nova resolução : A terra ? Máquinas modernas ? Sente qualquer coisa, qualquer intuição simplesmente inexplicável. O certo é que - agora - não mais se quer realizar na cidade . Estes pensamentos e esta nova resolução o acompanham , enquanto regressa do Colégio Santanense . Chega à Pensão Charrua já decidido : nas férias, abordaria claramente o assunto com sua família .

Entrando na pensão , depara-se com o Carlos . O " alemão" acabara de regressar de Novo Hamburgo . Trazia alguns pares de sapatos, e vários de chinelos. Vendê-los -ia em Rivera ...

- Opa , Carlos - como foi de vigem ?

- Tudo bem . Só um pouco dansado ; é longe pra chuchu !

- Também , a gente se esconde aqui na fronteira .

- É verdade . Escuta , Gino , você tem algum compromisso para o próximo domingo ?

- Não . Estamos esperando a classificação da chave três: O Alegrete ou o Gabrielense .

- Então , que tal umas voltinhas em Rivera ? Sabe , tenho de entregar uns calçados ... A gente aproveita para " mirar las muchachas " .

- Muito boa idéia . O Luiz vai junto , né ?

- Claro , claro . Bem - boa noite , estou cansado .

- Boa noite .

Entra no quarto , procurando não acordar o Luiz . Senta na cama : " Escrever uma carta pra ela ?... Agora , depois de quase um ano ? Apenas umas linhas . Mas , escrever o quê ? Agora pega mal. Será que ela ainda ... Deus me livre se o Orides ... Naquela noite se assanhou todo , o desgraçado. Até dançaram. Eu - boboca - assistindo a tudo . Não tirava aqueles seus olhos de gavião de cima dela . Uma carta apaixonada ? Não , não ! Seria simplesmente ridículo . Será que ela ainda me ... " .

Chegara o domingo . Primavera . Os três passeiam pela "Calle Sarandy " , em Rivera . Os cinamomos carregados de flores lilases. Carros de fabricação inglesa e brasileira , deslizando , quase silenciosos. Nas calçadas, rodas de chimarrão e de Norteña, deliciando aquela gente morena e gorda . No Cine Astral , o " Cuando el amor se va " , estrelado pelo cantor Raphael , estourando as bilheterias . As " tiendas" , exibindo seu colorido vistoso : Sastres , mantas, frazzadas térmicas, pantalones , ponchos ... Mais adiante, a Praça Artigas , cuja matriz é de um pesado estilo seiscentista - legítimo barroco espanhol . Senhoras bem trajadas passeiam seus "

apreciando tudo , sem pressa de nada .

Numa esquina , surge um garoto mal-vestido , gritando com aquele G exageradamente gutural :

- Geladôôôs ! Geladôôôs! ...

- Carlos apura o ouvido :

- !? ... " el arroz "? Quê que esse guri está gritando ? Arroz, a esta hora , aqui na praça ?

- Não entendi bem, diz Gino . Parece que ...

- Geládos ? Tiene naranja , moranguito... eh , muchachos ?

- Obrigado . Ninguém quer picolé .

O garoto se afasta , enchedo a praça com sua cantilena :

- Geladôôôs! ...

- O , Carlos , não quer comprar um " arroz " de morango, ou de laranja ?... - brinca o Luiz .

Gargalhada gostosa pelo ar .

A vitória do Grêmio Santanense por 3X0 , sobre o Alegrete , de-
ra alto prestígio à equipe de Livramento - que agora voltava nova -
mente à Divisão Especial do Certame Gaúcho . O Peñarol e o Interna-
cional de Porto Alegre insistiam na compra do passe de Gino. A im-
prensa rasgando-lhe elogios .

Sentado ali no Parque Internacional , ele pensa : "Fama, dinhei-
ro ... tentação ! Mas o terreno é escorregadio . E o velho falando
em vender a terra . Voltarei a Vista Alegre , depois de formado ?
Bem ... por ora , importa é providenciar a matrícula na Escola Agro-
técnica ... Depois , bem depois ... - Será que a Andressa ainda me
...? "

Acendem-se as luminárias do Parque . Folhagens e flores vão es-
maecendo, assumindo uma tonalidade neutra. Os pardais se calando .
Guardas uruguaios - em seus uniformes azuis - controlam o trânsito,
apito à boca .

Em frente à bilheteria do Cine Internacional (ali , tudo é In-
ternacional) , a file se alongando rapidamente. " O Direito de Nas-
cer " . Sucesso absoluto .

Passa uma viatura da polícia - buzina aberta - provocando olha-
res de curiosos e comentários desencontrados . Escurece mais .

Gino está indeciso. Começa a caminhar , à toa, driblando os can

teiros. Quando dá por si , está na fila do cinema. Não entende muito de filmes , mas gostou do dramalhão mexicano. Sentimental , mas de conteúdo moral excelente . Chega à pensão . Dona Palmira , provavelmente estaria dormindo . Os colegas haviam saído : Boate em Rivera. Abre a gaveta da pequena escrivaninha , toma o bloco de correspondência , um tanto empoeirado , e uma caneta : " Querida Andressa ! " (" Não , querida , não "). Arranca a folha e corrige: " Prezada amiga Andressa " !

- Aldino ,
- Presente !
- Cacilda ,
- Presente !
- Dionir,
- Presente !

Na verde sala retangular, limpa e cheia de sol , Andressa - um ramallete de rosas vermelhas sobre a mesa - defronta-se com o olhar inquieto de 40 adolescentes . Os olhos verdes da professora vão pesquisando novas fisionomias. O Antônio Vieira fora promovido a Ginásio e passara a depender diretamente da Delegacia Regional de Educação - sediada em Erechim . Vinham alunos das localidades vizinhas , onde só havia o Primário . Há um quê de nervosismo em Andressa . No começo , conseguira disfarçar ; com o passar dos dias , porém , algumas de suas colegas começaram a perceber qualquer coisa . Aquela alegria , aquele entusiasmo apaixonante pelo magistério iam arrefecendo .

- Bem : vejamos hoje , alguns casos de acentuação gráfica .
- O que é " gráfica " - professora ?
- " Gráfica " quer dizer " escrita " - José .
- Ah , sim . Obrigado .
- As palavras oxítonas terminadas em : a , e , o ...

Para ela , aquele dia fora interminável, extenuante . Chega em casa um pouco mais cedo. A carona oferecida por Aldo , e o diálogo com o rapaz a reconfortaram um pouco. Dona Rosa estranha :

- Quê que você tem , filha ?
- Nada não , mamãe !
- Quer um chá de laranjeira ?
- Não precisa . Estou bem .
- Tem uma carta pra você . Deixei em cima da mesinha .

Os olhos verdes da professora se re-acendem, nervosos. Voa para o quarto. Senta-se na cama , rasga o envelope, nervosíssima - o coração pulando . Decepção : vinha de Porto Alegre e não de Livramento. Da amiga Lídia . Na Capital , as Faculdades de Letras e Pedagogia eram ótimas; o mesmo se podia dizer de Estudos Sociais . Andressa deixasse a colônia . Em Porto Alegre , ... cultura , teatros , cinemas, concertos , política ... ah , e aquelas bailes inesquecíveis ! ... Era preciso deixar o interior, continuar os estudos , conhecer as delícias culturais de uma Capital... " Enfim , você precisa experimentar a vida !.. " . Lembrações a todos .

Gesto inconsciente , amassa o papel . Surpreende-se com isso , mas não se arrepende . Joga-se por sobre a cama , procurando abafar o choro . Também , era demais : Todo aquele tempo , e Gino , nada ! Sente quase raiva . Sim , raiva ! Ele viajara , sem ao menos despedir-se dela ... Dona Gema lhe pedira mil desculpas . À última hora , o filho resolvera viajar com o Misto . Ela - Andressa - estava em Vista Alegre , e ... Não - aquilo não era justificativa para a sua razão ; muito menos , para o seu coração ... Foram sempre tão amigos ! Desde o Primário , no Antônio Vieira . Vizinhos , cresceram juntos . Infância feliz ! Depois , veio a Escola Normal , em Passo Fundo . Se correspondiam normalmente . Aquela vez que o Triunfador fora jogar em Soledade , ele tivera a gentileza de visitá-la . E agora , ... ? As palavras da Lídia inquietando-a ainda mais - Faculdades , teatros , bailes inesquecíveis , cultura ... Na última vindima , ele sentara a seu lado . Meio tímido , é verdade . Não ! Não podia ser . Nenhuma carta ! ? ... " E aquele beijo que lhe dei , recompensando-o pelo gol da vitória , contra o Flor da Serra , pensei que ele tivesse correspondido , porém ... Acho que alguma gauchinha da fronteira ... alguma uruguaia ... "

- Andressa , oh Andressa ! A " cena " está pronta . Vem , filha !
- Já vou , mamãe .

Procura reassumir o seu natural , e dirige-se à sala .

- Quê que conta o Gino ?

- Foi a Lídia que escreveu , mamãe . Insiste para que eu vá a Porto Alegre , estudar . Ah , sim : manda muitas lembranças a todos .

O pai - Ângelo - nada diz . Finda a refeição , Dona Rosa põe-se a lavar a louça . E , naturalmente , começa a rever o dia do batismo da filha . O padre estranhara muito aquele nome : " Andressa - é nome de santo ? ... " Ela insistira . Queria um nome bem diferente . A filha bem que o merecia . Ainda mais que - sabia - seria filha única . O nascimento dela fora quase um milagre . Sim , um "miráculo" do céu ! Bem que Dona Rosa queria ter muitos filhos . Não precisava 14 , como os tinha Dona Natalina ; muito menos 16 , como era o caso de Dona Itália . Contentar-se-ia com uns 8 . Mas , Deus quisera assim : só aquela filha . O nome , ela ouvira não se lembra onde . (Numa novela de rádio ?) . O padre , por fim , concordara . Ela não sabia se era nome de Santo . Mas era bem bonito . " Moderno " - como lhe dizia a própria filha , com certo orgulho .

E a filha lhe parecia bem " moderna " mesmo . Qualquer coisa lhe dizia lá no íntimo - intuição materna ? - que Andressa tinha como que um carisma .

Efetivamente , Andressa era tão diferente , tão consciente! ...

Vai-se o mês de abril , e maio custa a passar , com aquelas suas tardes particularmente melancólicas . Plátanos, cinamomos, parreirais , tudo amarelecendo . Amadurecera o milho, amarelando as roças . Com as primeiras geadas, a natureza começa a colorar-se ainda mais : Amarelo . Alaranjado . Ouro. Vermelho. Nas bergamoteiras. Nos caquizeiros . No milho . Na terra. A grama secando . As primeiras rajadas de minuano , despindo o arvoredo . Pelos caminhos e pátios , tapetes de folhas , ao sabor do vento . Nas várzeas , as primeiras plantações de trigo, aveia e cevada. É junho chegando outra vez.

Andressa Remor vai diariamente ao Antônio Vieira . Quase todo dia a pé . Perto de dois quilômetros . Hoje , está sobre modo apreensiva : Aquele bilhete do Orides , deixado na véspera - " Professorinha , italianinha , te adoro " - vem confirmar-lhe uma suspeita que se aninhara em sua cabeça , desde aquela noite de fevereiro - naquele serão , na casa dos Beledelli . Sabendo que Gino viajaria breve , ele se assanhara todo , não tirando em momento algum , aquele seu olhar de gavião de cima dela . Tivera o despeito de tirá-la para dançar . Sente raiva de ter cedido . Fizera-o por gentileza , e pelo fato de que Gino alegara não saber dançar . Depois , naquelas trovas , vinha ele com elogios às professoras, indiretas e tal ...

Andressa sempre tratara com reserva estratégica os peões de Orlando. Sabia da " história" deles : Argimiro viera de São Borja ; dizia-se que tivera de fugir da fronteira : negócios de brigas em carreiradas , e entreveros , por causa de mulheres . Orides trabalhara bom tempo na Granja do Butiá , em Passo Fundo. Diziam que carregava uma morte nas costas . Palmeira das Missões , ou Sarandi , não se sabia ao certo . Fugira do Delegado de Polícia .

Esses pensamentos fazem-na apressar os passos. De agora em diante , procuraria regressar de alguma , ou na companhia de alunos . Os Vechiatto moravam por perto . Pena que o Cláudio Antonello regressava ao meio-dia. Chegou ao Antônio Vieira :

- ... até o recreio , vamos estudar História . Vocês sabem , a Revolução dos Farrapos ...

- Professora , é verdade que tanta gente fugiu da Itália , por causa da guerra ?

- Não esperava a pergunta . Foi meio embaraçada . O Lauro não perdoava . Garoto esperto, olhos chispantes. Um líder. Organizava sessões cívicas , declamava e ensaiava teatrinhos ...

- Ninguém fugiu da Itália , Lauro . Meu avô, por exemplo ,

veio de lá , bem antes da Primeira Guerra Mundial . Meu pai nasceu no município que hoje se chama Nova Prata - perto de Veranópolis .

- E por que é que a História só fala de guerras, professora ?
- A História ensina muita coisa , Vechiatto . Infelizmente, alguns historiadores narram só os fatos que lhes convêm - ou os que convêm aos grupos que estão no Poder .

- Mas isso está errado - né professora ?
- Claro que está , Cacilda .
- Professora , é verdade que Mussolini foi o maior Ditador que a Itália já teve ?

- Olha , Aldino : Assim diz a História , e assim também dizem os nossos pais.

- Que é um ditador ?- quer saber Dionir .
- Bem , bem . Voltemos a nossa Revolução Farroupilha. Mas antes , dou uma idéia a vocês , visto estarem tão interessados: Que tal , até as férias de julho , cada um de vocês , realizar uma pesquisa a respeito das duas Guerras Mundiais ? E dou uma sugestão : Ao invés de consultarem os livros , cada qual poderá entrevistar um imigrante que combateu na Itália , ou mesmo um expedicionário .

- Cu alguém que combateu na Polônia - acrescenta Lauro, atira do uma piscadela maliciosa para o colega Wikoski .

- Também pode ; mas sem brincadeira - repreende suavemente Andressa.

- Professora , meu pai contou que ditador é um homem que não respeita a democracia , que manda tudo sozinho ; e que , se for necessário ...

Entrara o grosso do inverno. A paisagem morta . O gado magro , encolhendo-se todo - curvado ao vento. Mugidos longos. Tardes de garoa e minuano gelado . Tudo seco, parado , morto .

Naquela tarde , Orlando tinha ido a Sarandi, comprar uma nova semente de trigo . O informativo avisara que tinha vindo uma semente especial das estações experimentais de Júlio de Castilhos e de Cruz Alta . Argimiro fora a Soledade . Negócios de gado holandês .

Por isso , tinha de ser hoje . Para Orides , a ocasião era " mui macanuda " . O melhor local , sem dúvida , seria perto daquele angico grosso . Por ali, ainda havia um pouco de mato , chê !

Meio perto dos Remor , é verdade ; mas bem mais retirado dos Antonello e dos Beledelli . Tomara que os Vechiatto voltassem pela estrada maior , assim ela viria sozinha . " Solita no mais " , por aquela estradinha , beirando a sanga . Um melancólico mugido de gado chora com a despedida do sol . Sombras frias se desenhando , por sobre as roças . Algum vôo solitário de pomba do mato buscando abrigo . Orides acaba de semear o eito . Solta os animais para o trato . Lava-se na água quase gelada da bica , e toma o caminho da beira da sanga ...

- Macho da minha marca não treme . Bueno - mas cadê o fumo ?
À la fresca , tou com o " crioulo " atrás da orelha !

Abaixa-se , protegendo-se por detrás de um grosso moirão . Bate várias vezes o isqueiro que não se quer acender :

-Óigale , minuano caborteiro !

O angico grosso não muito longe dali .

- Desta feita , a gauchinha não m'iscapa . Prendinha arisca ! Desconfiada como quero-quero de tapera . Mas que lindáça ! E de charla mui educada , a italianinha . Bueno - mas hoje se le corta o ferrão do bichinho . Le boleio o laço !

Eles vêm voltando :

- Gostei muito da idéia de realizar uma entrevista com os imigrantes . Se aprende mais e melhor . Parece História viva .

- Obrigada , Sueli . Foi uma idéia que me brotou na hora .

Chegam à encruzilhada :

- Professora , a senhora não precisa de companhia ? A Sueli e eu poderíamos acompanhá-la até perto dos Antonello.

Ela hesita (" Professorinha , italianinha , te adoro "!).

- Não , eu ... obrigada, Vechiatto ... eu , até a minha casa já é perto . E fica muito longe para vocês.

- Então , boa noite , e até amanhã .

- Até amanhã . Não esqueçam a redação .

O sol também dá o seu boa-noite , aninhando-se atrás da coxilha . A temperatura caindo . Sombras e vento . Do fundo do mato , emerge a orquestra dos insetos , ensaiando as primeiras notas frias . Vento gelado . Disfonia e silêncio. Alguns passos. O arrependimento . Sem que deveria ter aceitado aquela companhia . ("... te adoro") . Um corujão solta-se de um galho seco, num agourento farfalhar de asas . Suor gelado na espinha. O coração pulando. Os livros no chão . O grito no ar . A falta de ar.

- Que susto , meu Deus !!

Silêncio e sombras . O vento gemendo . " Professora , não precisa de companhia , até ... " .

- ... pialo bueno . Certeiro. Prendinha arisca se amansa com feitinho. - como se lida com novilha . Mas , no braço . Aquela da Granja do Butiá era passarinheira e gavião , barbaridades ! Eta , cigana. ! Nada de berro , que gaúcho bem macho não dobra esquina ! Essa italianinha morenaça vai sentir o que é sangue de taura ... Linda como trigo maduro ! Te arrenega , minnano velho. O velho Remor , ... bueno , a mala sorte se atravessando , se le assovia ... treis balaços no ouvido . Ou qualquer gringo atravessado na cancha se le prende fogo !

Semi- escuridão . O negrume tomando conta . Estrela Vésper. Ave- Maria no ar . Mugidos perdidos. O choro da sanga .

Depois , ela toma coragem , aperta as passadas . ("... é verdade que Mussolini ...Que é um Ditador , professora ? ... te adoro ... ").

- À las puxas! Esta noite , debaixo dos pelegos, no galpão . Ou no poncho mesmo . Amanhã cedito , no lombo do pingo , pros lados de Sarandi, de Palmeira da Missões . Dois ou treis dias , São Borja . Se bandiemos pra Argentina . Vam'imbora , prenda minha !

- ... Geada difícil pra amanhã , né Orides . Muito vento.

Instintivamente , o gaúcho procura o revólver por sob o poncho . Mas lembra :

-Ôile , Marco ! Me desculpe , pensei que fosse ...

- Não foi nada . Semeou toda a cevada ?

- Terminei, faz pouco , Antonello; e aproveitei pra um pequeno rodeio . Tem uma vaca com bixeira ...

- E como vai o Orlando ?

- Está bem , vizinho . Foi pra Sarandi. Negócio de uma nova semente de trigo . Diz que vem de Cruz Alta, ou de Júlio de Castilhos .-Agacha-se , reacende o cigarro de palha .

- E o Gino , mandou notícia de Livramento ?

- ... Boa noite , Antonello ; que frio danado ! ...

- Ó , boa noite , Andressa ! Mas você vem sozinha !? Não tem medo , neste escuro ...

Orides crava em Andressa aquele olhar de gavião selvagem :

- Boa noite , professora ; chegando meio tarde ...

Ela desvia os olhos (" Demônio !...").

- É ... O Gino escreveu ultimamente , Marco ?

- Escreveu sim . E manda " saludar " você .

- Muito obrigada . Boa noite .

- Boa noite , boa noite .

Silêncio . Orides apóia o pé numa tábua da cerca :

- Professorinha bem-educada. Um lindo par pro Gino, né Antonello ? O gaúcho procura livrar-se de qualquer suspeita . Marco limita-se a dar de ombro , alisando a sua barba cerrada.

- Bueno , vizinho , me atiro pros lados do galpão . Com este vento xucro , um amargo vai muito bem . Buenas , Antonello. E se quiser experimentar a semente que vem de Sarandi é só falar com o Orlando.

- " Grácia " . Boa noite .

Ela entra pela porta dos fundos , tremendo de frio e de pavor. Joga-se por sobre a colcha branca da cama - exausta : " Então, o sem-vergonha está levando a coisa a sério ... Canalha ! Avisar a meu pai ? ... Não . Seria agravar-lhe o estado de saúde , que já não é bom . Mamãe ? - Nunca !! Que fazer , meu Deus ?... " Rosto escondido entre as mãos ; aquele olhar de gavião atravessando-a , despindo-a despudoradamente (" Desgraçado dum demônio ! "). A co ruja voltando : plá-plá-plá-plá-plá ... A carta da Lídia , mais do que nunca , uma tentação. Outra vez a febre . Orides a agarra. Escuridão. Gritos . Cabeça enterrada no travesseiro de pesadelos.

É um dia de primavera .

Na Estância do Anu , de Terêncio Almeida , no município de Passo Fundo - divisando com Soledade - reúne-se a gauchada . A Laurita , filha do Patrão da Estância , está de aniversário . Orides e Argimiro tomam conta do assado de ovelha . A indumentária de sempre : bombachas , esporas, botas sanfonadas , lenço colorado, o chiripá velho . Faca na bainha, atravessada às costas . Cavalos vão sendo amarrados nos troncos de eucaliptos e tarumãs . A mãe de Laurita dando as ordens na cozinha .

Terêncio Almeida chega ali no galpão , acompanhado de outra pessoa :

- Terêncio , a carne tá xucra de boa !

- Orides , este é o Silvério dos Reis . Acabo de contratá-lo , para agrônomo das nossa estâncias .

- Muita satisfação , amigo velho !

- Orides é o meu capataz - explica Terêncio .

Argimiro também se apresenta :

- Buenos dias ! Chegou numa ocasião buenacha , doutor !

Ao ouvir a palavra " doutor" , Silvério dos Reis sorri , meio sem jeito .

- Puxa o cepo e boleia a perna - convida Orides , desfazendo um princípio de constrangimento.

Sentam-se . Nos espetos , o gordo costilhame de ovelha chian-do , pingando graxa no brasedo . A fumaça vai carregando o ar de um cheiro gostoso . Terêncio levanta-se e grita para o lado da casa :

- Patroa , traga o amargo !

Em poucos minutos , é a própria Laurita - acompanhada de outra prenda - que chega , trazendo a cuia , e a chaleira preta . Laurita está completando 15 anos . Metida num belo vestido de renda - todo branco - os seios começando a criar volume . Uma fita vermelha enlaça-lhe os cabelos cor de trigo . O rosto pequeno. Um sorriso retraído , mas atraente . Orides - sempre o mesmo olhar de ga-vião - mal se contém , ante a presença da gauchinha .

Terêncio experimenta os primeiros sorvos de chimarrão , senta-se e puxa o assunto :

- Mas entondes , o Brizola confirmando que é mesmo comunista . Pois aonde se viu desapropriar a terra , e entregá-la pra essa camada de gaudérios que andam por aí , à la cria ...

- Só mesmo na Rússia! - reforça Orides .

Silvério continua calado , estudando o ambiente . Vai reparando nos gestos largos e bruscos de Terêncio. Quando esse se esti -

ca , passando a cuia pro Argimiro , Silvério nota que o Patrão da estância porta um revólver "Shmidt " , por sob a guaiaca .

Laurita e a outra prenda se retiram . Chega o Patrão de estância Quero- Quero , acompanhado de seu capataz e de outro peão.

- Buenos días !

- Buenas , buenas ! Puxem do cepo , que o amargo está solto !

O anfitrião apressa-se em apresentar Silvério dos Reis aos recém - chegados . Em seguida, retoma a prosa :

- ... pois como ia les dizendo , só no Banhado do Colégio, em Camaquã , o Brizola vem desapropriando hectares e mais hectares ! E nem se sabe se aquilo és terra do Governo ou de particulares . Vou les contar : uma enrascada , um roubo ...

- Miles e miles de hectares - fala Argimiro com pouca noção do que está afirmando .

- Pois olha , compadre - diz o Patrão da Quero-Quero - pra mim tanto faz seis que meia dúzia : O Brizola faça lá o que quiser . Se já comunista , capitalista ou imperialista do diabo , pouco m'importe com essas " cossas " . Mas , no dia em que o Governador quiser arrastar as esporas aqui em nossas estâncias , bueno , aí ...

- Salta fogo como daquela feita , nas terras do Orlando , em Nova Esperança - sugere Orides .

- Pois le garanto que rebenta um tiroteio que o Planalto Médio nunca viu , chê ! Pior que a Guerra do Paraguai ! Seja o Brizola , ou seja o macho que vier ...

Terêncio solta uma gargalhada rouca , deixando cair o cigarro de palha . Silvério vai coordenando alguns nomes : Nova Esperança , Orlando ... comunista . Escuta mais um pouco , e depois arrisca :

- O tal de Orlando que é de Nova Esperança , será talvez aquele mesmo de Vista Alegre ?

- Era - apressa-se a satisfazê-lo Argimiro . Era de Vista Alegre . Por quê ?

- Por nada , não . É que um tal de Gino Antonello , que foi meu colega de estudos , em Agrópolis , uma vez me falou dele . Disse-me que eram vizinhos.

- E não lhe falou nada de nós dois ? - indaga Orides , apontando para si e para Argimiro .

- Não me lembro .

- Pois o Orlando era esse mesmo - confirma Argimiro . Mas, por que meteu o Gino na nossa " charla " ?

Silvério titubeia um pouco :

- É porque ... bem ... é que o Gino é um comunista de primeira linha ! Pra ele , só o Brizola pode salvar o mundo.

Os ouvintes estão basbaques . Almeida se adianta :

- Não me lo diga , chê ! Mas que guampaço ! E não vai me dizer que você também " és melancia " ?

O Patrão da Quero- quero se interpõe :

- Pra mim tanto faz . Mas que não me venha pisar no poncho !

Silvério se defende :

- Fica sossegado , Terêncio : Sou anti-Brizola até os dentes!

A cuia e a " caña " seguem rodando de mão em mão, de boca em boca . O churrasco gordo coloreando-se , despedindo um cheiro forte e apetitoso. Nos breves silêncios , ouvem-se as conversas das senhoras e moças - na cozinha .

- Mas ... Argimiro , por que você me diz que o Orlando "era " de Vista Alegre ; por acaso não é mais ?

Orides abre um sorriso amarelo , enquanto experimenta um pedaço de costela , pra saber se está no ponto :

- Conta pra ele , Argimiro !

O gaúcho toma outro trago de " caña" , e começa a narrar o que só mesmo para Silvério era novidade :

O plano viera de algum tempo . Tramado por ele mesmo e por Orides , junto com o Patrão Terêncio . Os ex- peões de Orlando haviam entregado tudo , detalhe por detalhe . O resto foi fácil. Os Perín quiseram estragar a festa , deram um pouco de trabalho, mas o serviço ficou pronto , depois de uma " fumaça " ... Silvério não estranhasse ; Terêncio queria um negócio na lei. Mais tarde , os Portela também quiseram se meter "no rodeio " , e também levaram a pialada deles . Hoje , lá estava a Estância Cacique...

- Serviço pra macho!- arremata Orides .

- Mas , e ...

- Tudo na lei , passado em Cartório, ali no papel timbrado e carimbado...

Orides bate várias vezes a faca no espeto pra descer-lhe o sal grosso :

- O churrasco está na ponta da faca ! Pode reunir a gauchada e as prendas !

Sentam-se à sombra de um eucaliptal . Cerveja à vontade. Laurita perde a timidez e destaramela a língua . Terêncio cochicha a Silvério , puxando-lhe a manga :

- Doutor , não estranhe o " caso " a respeito do Orlando . Não foi tão forte assim . Agora , que o homem era comunista, lá

isso era . Tinha de levar uma lição .Depois , precisa ver que ter-
ra le " compramos " ! ...

- Não se preocupe , Almeida . Brizolista comigo , também não é
gente que assina recibo .

Terêncio gostou da resposta . Orides vai passando por entre as
mesas :

- Olha o costilhame gordo, chê ! Mais um talho, companheiro !

Vai servindo o pessoal, e lançando seguidos olhares malicio-
sos pra cima da Laurita (" Prendinha venenosa ! ") . Silvério e
Terêncio seguem discutindo com o Patrão da Estância Quero-
quero :
O que o Brizola vinha fazendo em Camaquã , na Fazenda Sarandi, e
por aí afora , era um atrevimento. Negócios de Cuba, da Rússia ! O
Governador estava , isto sim , " metendo as guampas" (O próprio
Terêncio ria da expressão) no sagrado direito da propriedade pri-
vada , ou achincalhando com o patrimônio do Estado. Só mesmo o Ca-
pitalismo é que ergueria o Rio Grande e o Brasil... Agora vinha a
quele "terneiro magro de Carazinho " , querendo berrar de touro -se
fazendo dono da terra ... Pois que viesse o macho ! O Patrão da
Quero- quero limitando-se a afirmar :

- O Brizola , não vindo bater na minha querência , que faça lá
o que le der na telha ...

Depois do churrasco , o pessoal se abeira da cerca, para apre-
ciar o tiro de laço da peonada . O vencedor teria o direito de
dançar a primeira " marca" com a Laurita - tão logo esta tivesse i-
niciado o fandango , nos braços de seu pai . O baile seria logo à
noite .

Terêncio convida Silvério para dar umas voltas , a fim de co-
nhecer a terra . Do relevo da propriedade , o agrotécnico descor-
tina o panorama : Gado e ovelhas , semeados numa vastíssima exten-
são verde . De longe em longe , algum pé de umbu , algum cinamomo-
solitários .

Vão caminhando , o Patrão falando dos novos planos : Queria ar-
riscar numa grande plantação de soja . Precisaríamos de mais trato-
res e de uma colheitadeira nova . Aproximam-se do pequeno trigal .
Silvério percebe o primitivismo da técnica de plantio : ausência
de curvas-de-nível , a erosão lavando a terra , boa parte da plan-
tação se perdendo . Bem lá embaixo , à beira da sanga , o casario
da peonada . Uma dezena de ranchos de barro , cobertos de "santa fé"
À proporção que se aproximam , Silvério nota o estado de quase mi-
séria daquela gente mal-nutrida , que o cumprimenta- olhares des-
confiados .

- Para o plantio da soja precisamos calcarear a terra . Vai
lhe custar um pouco de dinheiro.

- O senhor manda - doutor. Não me vindo com idéias comunistas, está tudo bueno .

- Já afirmei que sou anti-brizolista .

Almeida responde-lhe com generosas palmadas no ombro. E baixando um pouco a voz :

-Cá entre nós , esse " terneiro magro de Carazinho" é capaz de ainda provocar uma revolução no Brasil inteiro. Só fala em Reforma Agrária . Fala a mete as esporas! O homem é de faca na bota ! ...

- Por enquanto , temos apenas um Projeto de Reforma Agrária. Pelo que estou informado, o Governador ainda não desapropriou terra.

- Mas dizem por ali , ... entonces quer dizer que a nossa charla de hoje de manhã ...

O outro põe-se de cócoras, examina um punhado de terra:

- Um pouco arenosa , boa pra soja. Desconfio que esteja meio ácida . Mas isso , aos poucos se corrige .

- Parfeitamentes , doutor . O senhor entende !

E os dois se põem novamente a caminhar , examinando aqui e ali, trocando idéias , arquitetando planos . Mais tarde , chegam novamente perto do galpão.

- Escuta : Esse tal de Gino Antonello não lhe disse por " acaso" que iria voltar à terra dele, depois de formado? Não terá voltado ?

- Não , a formatura dele só é em dezembro . A propósito, vou à formatura dele e posso me informar ...

E os dois vão-se integrando novamente ao pessoal da Estância .

À noite , o fandango acaba por atirar todo mundo. Chega gente e mais gente . De Soledade , vem um caminhão- a carroceria abarrotada . Mais gente a cavalo ; outros , de carroça . Dentro do galpão , improvisa-se uma pista de dança . Num pequeno estrado, o gaiteiro Bentevi - o gaúcho que toca pelas tripas do diabo - e o Argimiro , com sua cordeona de oito baixos - " velha como a Guerra do Paraguai " - segundo a expressão de Terêncio . Ele mesmo abre o fandango , dançando com a filha Laurita - floreada como laranjeira em dia de primavera .

O sapateado deixa marcas no assoalho . Chilenas retinindo, riscando . As saias das prendas , descrevendo vãos coloridos. Argimiro comanda : " Olha o compasso ! Vira à esquerda ! Só as prendas ! Batendo as esporas ! Agora , o sete ! Na palma da mão!... "

Cerveja de graça pra todo mundo. Aniversário de 15 anos é uma vez só na vida . A festa deve ser " macanudaça"-diz o patrão .

Uma lua lânguida de primavera pula para dentro do galpão , co-

mo a bailar também . Em torno das construções , casais de namorados trocando beijos , por sob as ramadas . Recostado na parede, o copo de cerveja à mão, o Patrão da Estância do Anu segue conde- nando o Governador Brizola . Silvério começa a se impacientar com aquela conversa .

Depois de várias horas de frenético folguedo, Orides se aproxima dos gaiteiros e pede silêncio . Param as danças . O ambiente cheira à cerveja , à cachaça e a cigarro .

- Sueno , peonada , macanuda e minhas prendas . Peço-les licença para prestar homenagem pra filha do nosso Patrão - a Laurita Almeida - que hoje está colhendo mais uma abóbora na mangueira da vida . Uma salva de palmas pra nossa prendinha !

Rompe uma torrente de aplausos .

-E como primeiro número , eu mesmo vou declamar uns versos de minha "marca" . Bentevi , faz um chorinho na cordeona , que eu boleio a língua .

Faz-se um silêncio de expectativa . Orides joga o pala por cima do ombro e começa :

" Sou gaúcho matreiro, como potro redomão ,
sou rei dessas coxilhas , sou chefe no meu rincão!
Quando topo uma carreira , na certa, ninguém me ganha,
meu cavalo é bem ligeiro e respeitado na campanha !

Se algum sujeito me olhar com certo atrevimento,
eu digo - vem me cobrar , que já le dou pagamento.
Se o taura é debochado , chiii-nem precisa discussão:
Sai um trovejo de bala, que nem a revolução,
- Só quero ver gente escondida que nem minhoca no chão

O galpão explode , quase vindo abaixo . Laurita está como que eletrizada , naquela sua exuberância de 15 anos . Orides aguarda silêncio (mais uma olhada de gavião pra cima da aniversariante) , e prossegue:

- E agora , o gaúcho da Soledade que for bem macho que venha " me escorá " numa trova !

Argimiro e Bentevi se entreolham . Terêncio amacia outra palha de milho, preparando mais um cigarro :

- Quero ver o vivente da Soledade que for bem taura- chê !

Num minuto , um gaúcho moreno , cabelos duros e pala colorado , se apresenta . Bombachas de riscado caindo-lhe largas, sobre as botas de couro cru . Chega arrastando as chilenas . Do meio do pessoal , alguém grita :

- É o índio Minuano !

Orides não perde tempo :

-Abram as cordeonas , vamos ver se esse índio tem tutano !

Índio Minuano se adianta um passo, e "não nega o estribo" :

" Meu buenas noites pra peonada,
e para as prendas mui bonitas ;
vai o verso do Minuano
pra homenagem da Laurita.
- E faço o Orides comer terra,
mais do que um tatu- molita ..."

O pessoal de Soledade , assanhadíssimo , aplaude longamente.
Orides dá-lhe o troco , na medida :

" ... mais do que tatu- molita,
tu não deu nem pra saída ;
pois já le passo o facão
nessas melenas compridas
que mais parecem de índio torto,
com cara de china fugida ..."

O galpão parece vir abaixo . O assoalho gemendo. A gauchada delira .

E assim , os dois trovadores sustentam o desafio - palmo a palmo , taco a taco - por mais de uma hora .

Na madrugada , começa a dispersão . Cavalos soltos na marcha, caminhões roncando. Bentevi, no bojo de uma carroça puxada a bois - agarrado à cordeona continua esparramando notas que se perdem, bêbadas , por aquele luar manso. Aos poucos , a solidão desce e a Estância do Anu mergulha no sono . Orides chega junto à parede do galpão , onde Argimiro está deitado :

- Que é que o Patrão ficou proseando com você , agora há pouco ?

- Nada de mais. Falou pra gente fazer uma volteada , pra ver o gado na Estância do Cacique , em Nova Esperança. Ele acha que o Gino , ou o velho Antonello ...

- ? ...

Orides prefere outro assunto :

- Sabe , Argimiro, ainda antes de clarear o dia, vou " inaugurar " a Laurita ... ou não me chamo mais Orides ! Já coloquei uns pelegos atrás do bambuzal ... Se você contar pro Patrão , le furo à bala !

- Você é maleva , pior que o demônio- Orides !!

Dona Gema não se conforma :

- Pra que vender a terra, Marco ? Aqui somos tão felizes !

- O Gino está quase formado. O Cláudio é novo e bem que dese-
ja continuar os estudos - argumenta Antonello .

- E onde vamos morar ?

- Já temos um bom terreno em Caxias do Sul.

- Mas na cidade não , Marco !

Olívia propõe uma fórmula conciliatória :

- Que tal comprar as máquinas e alugá-las , juntamente com
a terra ?

- Dá muita dor de cabeça- filha . Alugar máquinas... não, vo-
ce não tem experiência ...

- Eu não quero saber de terras, nem de tratores , diz Cláu-
dio , convicto . Quero é fazer o Científico e , mais tarde , vou
ser médico , ou engenheiro .

- Está vendo , mulher !?

- Mas , o Gino , qual será o seu futuro ?

- Jogador profissional de futebol - responde Cláudio com ma-
lícia .

- Cala a boca , filho ! - aqui ninguém está brincando .

- O Gino chega no começo de dezembro , e então poderemos dis-
cutir todos juntos - sugere Dona Gema .

- Pai , é verdade que mais da metade dos agricultores brasi-
leiros não têm terra ?

- É sim , filho .

- E teu pai ainda teima em vender a dele - aproveita-se Do-
na Gema .

- Não vamos mais discutir este assunto ! Cláudio, me passa o
litro de vinho .

Silêncio .

Marco enche vagarosamente o copo . Esvazia-o , num sorvo .
Levanta-se da mesa . A preocupação visível estampada naquele
rosto severo de barba cerrada e negra , sob a qual se escondé um
homem enigmático . Enquanto ganha o quarto , fica refletindo so-
bre a pergunta do filho:" mais da metade dos agricultores bra-
sileiros sem terra , e eu querendo vender a minha ..."

Dona Gema já adivinha , inconformada : Deixar aquela terra !
A terra sempre fora a sua vida , o seu paraíso : o pomar, a hor-
ta, o jardim, o parreiral, o trigo ... Só em pensar na vida da
cidade, provoca-lhe febre. Criara raízes profundas na terra. For-
tes como as de um pé de plátano !

Andressa rasga nervosamente o envelope . Uma carta de Livramento , a essa altura do ano ...

Gino pedia-lhe desculpas . Não se esquecera dela. Reconhecia o erro de não ter-lhe escrito antes . Ficara constrangido por ter viajado sem poder despedir-se dela . ("Desculpa mais ridícula! ") O Curso Técnico vai bem , mas pensa em abandoná-lo. Pretende matricular-se no Curso de Agrotécnica , em Agrópolis . Estava sabendo que seu pai queria vender a terra , isto o preocupava . Por outra , confiava muito no Governador Brizola - recém-eleito. "Brizola fala muito em Reforma Agrária e no apoio total aos filhos dos agricultores". Para ser franco , não sabia bem do seu futuro. Mas estava decidido a enfrentar o novo curso . Em Livramento, tudo ia bem , fizera amizade com três rapazes da pensão . A dona da mesma era uma senhora uruguaia que contava histórias originais, numa embrulhada de Português e Castelhana .

" E você como vai ? Muito trabalho no Antônio Vieira ? Lembra de nossos jogos de " barra e bandeira " ? A saudade aperta um pouco ; mas , dentro de um mês , espero encontrá-la aí em Vista Alegre . Temos muito a conversar ... Saudações a todos e muitas lembranças a você . Do seu amigo Gino. "

Andressa está confusa . Saudade ? Indiferença ? Desconfiança ? Ciúme ? Raiva ?... Relê e treslê a carta , nesta confusão de sentimentos . Aos poucos , um vago quê de apatia vai-lhe tomando conta. Procura adivinhar outras razões da atitude de Gino , ignorando-a por um ano - quase . Por outro lado , agora seriam aqueles a nos todos em Agrópolis ... Na certa , ele ... E as cartas de Lídia , novamente à cabeça : Porto Alegre lhe oferecendo ótimas opções para um Curso Superior . Urgia deixar o interior e viver sua vida num grande centro cultural . Intimamente , Andressa reconhece ser uma pessoa indecisa . Mas pensa ter chegado a hora . Viver eternamente naquela rotina , ou ...

Carta à mão , dá alguns passos e abre a janela de par em par. A tardinha deste sábado é bem calma. Debruça-se preguiçosamente , e deixa-se levar ... Em seu quarto muito simples - cama , roupeiro , escrivaninha e livros - num silêncio eloquente , falando-lhe de paz . Fora , é a própria harmonia da natureza . Clímax da primavera e da vida ! O milho abrindo as asas à brisa; macieiras e pereiras branquinhas, branquinhas. Plátanos frondosos. Cinamomos de um verde vigoroso, cobertos de flores lilases . Chega à janela um perfume delicado . A professora busca encontrar-se. Quando vê , monologa : " Deve ser o milagre da terra ! Engraçado : nas -

cegos e crescemos aqui, temos pouco contato com os grandes centros e, no entanto, somos felizes. Talvez, inconscientemente. Terá a Lídia razão? Afinal, a maioria das pessoas continua a procurar os grandes centros urbanos. O êxodo rural, um fenômeno por de - mais significativo. E agora, com a chegada das máquinas... O próprio Antonello admite vender a terra. Com o tempo - tudo indica - mais da metade das famílias de Vista Alegre deverão migrar. Para - ná, Mato Grosso ... Aliás, papai terá condições de ...? E será que eu ...? "

Procura não responder a essas questões inquietadoras. A carta de Gino chegara numa hora inesperada, e vinha acender-lhe no íntimo um turbilhão de inquietações, de interrogações. Uma Faculdade em Porto Alegre - idéia que a vinha perseguindo e molestando, há meses. Lídia, sempre acenando para uma vida "bem mais culta". E agora, Gino com aquelas insinuações ...

Da invernada dos Gaiatto, nasce um longo berro. O gado leiteiro - manso, manso - aproxima-se do curral, dócil à liturgia da ordenha. Um pouco além, a sanga e a várzea. Perto da estrada, o parreiral. Dos cinamomos, macieiras e pereiras nasce o perfume em briagador de todas as primaveras. Os pessegueiros, vermelhos.

Subitamente, Andressa tem um sobressalto. Num segundo, fecha a janela: Orides! Aquela noitinha de junho, o corujão... o anjo grosso... a presença de Antonello. "Meu Deus, que sorte! O anjo da guarda? No tempo da primeira comunhão, eu acreditava pra valer na presença do anjo bom. A catequista sempre falava que... E aquele demônio queria mesmo me assaltar! A presença do Antonello, até parece história que se lê em romance... E depois, mais de um mês, regressando sempre na companhia dos Vechiatto... E dizer que foi embora, me deixando outro bilhete desavergonhado ("Um dia, eu volto pra te laçá..."). Pra onde terá ido o desgraçado?..."

Abre novamente a janela, na tentativa de libertar-se da escureidão, que a envolve por dentro e por fora. Afasta os pensamentos e o olhar: Dona Rosa volta do curral - o balde espumante de leite à mão - e lhe sorri. O sol, a brisa e o trigal da coxilha, também.

- Você me parece muito preocupada, filha!

Nada.

- Quê que o Gino escreve?

Ela despista:

- Nada de importante. Conta que vai bem de estudos, e volta em dezembro .

Dona Rosa serve aquela sopa gostosa que sempre prepara aos domingos , e de que seu marido e filha tanto gostam.

- Então vocês vão se encontrar outra vez ; namoro sério, é !
No meu tempo, ...

- Não sei se a gente ... eu ...

- O quê ? - insiste Ângelo.

Mais um silêncio.

- Eu ... bem , é que decidi continuar os estudos. Gostaria de ir a Porto Alegre , cursar uma Faculdade -, e desejo saber se vocês o permitem .

A princípio , nenhum dos dois sabe o que dizer . Depois , Dona Rosa adianta :

- Claro , claro , não é - Ângelo ? Mas , em Santa Maria, tam**é**m não tem boas faculdades , filha ?

- O que o senhor acha , papai ?

Ângelo Remor nunca suspeitara de tal idéia da filha. Serve -se outra vez de sopa , aparentemente reflexivo :

- Bem , filha , se você decidiu assim ... mas ...

- Mas , o quê - papai ?

- Você vai deixar os dois " velhos " sozinhos. Sabe que estou um pouco doente . Só eu e a Rosa na colônia ...

- E os peões , papai ? Ademais , eu pouco trabalho na lavoura.

- Mas ajuda bastante , nas férias. E o mais importante é a com**pan**hia . Mas , se quiser ir ...claro , claro !

- Na verdade , mamãe , é que preciso pensar um pouco no meu futuro . Aqui não me falta nada , mas ... gostaria de ...

O pai está preocupado :

- Neste caso estou pensando...

- Pensando em quê - papai ?

- ... em vender a terra !

Mãe e filha miram-se . Nenhuma palavra .

-Já tenho certa idade , e a saúde fraca . O trabalho é muito. E você ainda poderia nos ajudar muito.

(Andressa, efetivamente - mesmo sendo professora - não fugia ao trabalho da lavoura . Não poucas vezes, calejara as mãos no ca**bo** da enxada.)

- Mas, papai, o senhor poderia plantar bem menos e arrendar a terra . Pelo menos , boa parte dela . Há tanta gente sem terra ! E agora , que as máquinas vêm chegando , a terra passa a ter um

valor incalculável !

-Você tem razão , filha .

Remor procura esquivar-se um pouco do problema.

- Chegando as máquinas, muita gente do nosso Município deverá migrar para as cidades - ou para o Mato Grosso.

- Na verdade , este é um problema nacional, mamãe . E penso seja o mais grave . Máquinas e capitalistas estrangeiros estão aí, tomando a terra dos brasileiros. O Governo deveria ...

Dona Rosa percebe que o assunto - é uma professora que fala - foge à sua visão doméstica do problema . Procura voltar ao ponto inicial :

- E quando você quer ir a Porto Alegre ?

- Pelo dia 10 de dezembro - assim que o Antônio Vieira me liberar . Preciso inscrever-me para o Vestibular , e ver se ainda dá para fazer um cursinho intensivo . A Lídia me escreveu que as provas começarão no dia 10 de janeiro.

- Quer dizer que não vai passar o Natal com a gente ?

- Infelizmente não , mamãe. Mas , pela metade de janeiro, estarei de volta , e ficarei até março - se passar no concurso, é lógico .

- Passa , sim , filha . Você sempre teve " testa bona " ...

Finda a refeição , Ângelo Remor prepara-se para ir a Vista Alegre . Após a reza do terço , certamente se entregaria ao jogo de bochas - verdadeiro ritual obrigatório para os domingos daqueles imigrantes. Caminhando por entre o milharal , naquela estradinha da beira da sanga , não consegue afastar aquelas palavras da filha : " ... máquinas e capitalistas chegando, tomando a terra aos brasileiros... esse é um problema nacional, o mais grave , o Governo deveria ..."

O domingo é todo de sol. Andressa busca distração e descanso num passeio solitário . Encontrando a terra , encontra-se a si mesma . Ali , por sob as parreiras , queda-se pensativa : " É - são 20 anos ! A terra sempre generosa . Por que não se dá acesso à terra a tanta gente , ansiosa por cultivá-la ? Por que essa concentração toda nas mãos de uma minoria ? E eu agora ... longe da terra , por quatro ou cinco anos ... toda a vida ? Na hora de abandonar o chão , é que a gente sente a sua força. Uma força que amarra - quase irresistível . Engraçado! " Caminha mais. Agora , na direção do trigal - uma cabeleira loira brincando ao vento leve . Os negros cabelos de Andressa também flutuam , soltos . Trigo maduro. Arranca umas espigas e debulha-as na concha da mão, i-

mitando aos peões , quando " afinam" um fumo bom para o palheiro. Degusta os grãos com prazer puro: " Acho que a cultura da cidade grande me vai exigir um pedaço da própria vida. Porém , é preciso ir em frente . Afinal , eu é que decido sobre a minha vida. "

Um quero- quero meio perdido desacorda- a dessa introspecção, com seu grito agudo que parece atravessar-lhe a alma. Afinetada forte ! Regressa . Chega em casa , abre a porta do quarto : Sobre o roupeiro , duas enormes malas parecem querer dialogar estranhamente com ela .

O ônibus deixa a fronteira bem de madrugada . Luiz Roberto viaja até Santa Maria, a fim de providenciar sua inscrição ao Concurso Vestibular. Gino acompanha-o . À tarde , iria até Agrópolis saber das condições de sua matrícula na Escola Agrotécnica . Tudo acontecendo dentro do previsto , poderia tomar o trem , às 18 horas, até Nova Esperança . Eram as férias chegando .

Até Rosário do Sul , a estrada não é boa . Aproximadamente 100 quilômetros de poeira, desvios e paradas. O que apraz ao viajante é o pampa que se abre largo. Largo e verde . Para o serrano Gino, que mal conhece os Campos do Planalto Médio , a Campanha é fascinante . Extensas várzeas cobertas de arrozais. Suaves ondulações , disseminadas de gado . Rebanhos e rebanhos de ovelhas brancas. Revoadas de marrecos e quero-queros por sobre os açudes e as pequenas lagoas . Avestruzes. Alguns cavalos , estancando a sede numa aguada de beira de estrada .

- Que tal uma caçada por esses campos - Gino ?

- Nem me fale . Fazia um estrago !

- Tem muita caça no Alto Uruguai ?

- Pouca. Alguns pombos , inhambus ...

- Aqui na Campanha é bem melhor . No grosso do inverno , a caça de perdizes é uma covardia . Sabe , uma vez vieram uns amigos de Porto Alegre ; foram três dias de acampamento e de caçada . Resultado : Um deles teve de regressar à Capital de Ônibus , com duas enormes malas cheinhas de perdizes , passando por " objetos pessoais de viagem " . E os demais voltaram em seus carros particulares , levando toda a caça permitida . Uma covardia ! Mataram mais de 400 bichinhos . Fiquei até com raiva .

- Mas isso é uma monstruosidade contra a natureza ! Eu, por exemplo - filho de italiano ... - gosto muito de caçar . Mas dentro dos limites . A fiscalização deveria ser bem mais rigorosa, e conscientizar esse pessoal , de uma vez por todas...

- Perfeitamente , Gino .

O ônibus vai deixando atrás de si uma pequena nuvem de poeira. Tropas de gado , por vezes , atrapalham o trânsito , tanguadas por gaúchos pilchados a rigor , montando belos cavalos. Lenços colorados e palas , voando soltos. Vem um vento meio morno dos lados do Norte .

- Mas , mudando de assunto , Gino - que tal a vitória do Brizola sobre o Perachi de Barcelos ?

- Espetacular ! Olha que já faz boas semanas, e ainda estou com a gritaria e a zoeira do foguetório nos ouvidos. Um vareio assim , a nossa História ainda não registrou. E não sei se registra-

rá outro tão breve . Finalmente, chegou a hora do agricultor !

Luiz Roberto já está meio arrependido de ter puxado um assunto " político " . Gino entusiasma-se :

- Olha , Luiz, você me conhece : sabe muito bem que eu não aceito essa situação em que vive o agricultor de hoje . Veja por exemplo , a extensão dessas fazendas , em poder de poucos proprietários .

- Você quer dizer " as estâncias " , não é ? Bem , Gino, mas elas estão produzindo .

- Evidente . Mas poderiam produzir três vezes mais. Além disso , há outro problema : a maioria dos estancieiros vive nas cidades , cada um deles com seu belo palacete, vida tranqüila ...

- Eh - não me venha com idéias comunistas !

Gino abre uma sonora gargalhada , chamando a atenção dos passageiros mais próximos .

- Que comunista , que nada ! Fala baixo, que ainda vão me prender - brinca . O que eu quero dizer é que a terra deveria ser melhor distribuída . De maneira mais justa . Toma por exemplo , o caso dessa peonada toda , que trabalha por esses campos : praticamente , nenhum deles tem terra . Nem os capatazes . Por aqui , são pouquíssimos os proprietários rurais.

- Olha , Gino - esta sua conversa não está me cheirando bem . Você até parece parente do Brizola ...

- Considere o caso de muitas famílias da Campanha : Vivem nas cidades , os filhos em colégios particulares . Vão à estância nos fins-de-semana , para uma pescaria , uma caçada , um bom churrasco...

- Gino - por favor , não exagera !

- Vivem praticamente naquele sistema de divisão de terras, ainda do tempo do Império ; ou até mesmo do tempo do Brasil-Colônia. É verdade que as terras se repartiram um pouco - questão de heranças . Mas , a estrutura e a mentalidade antigas continuam dominando - e como !!

- Falando difícil e bonito, hein. Olha , isso não vai mudar o mundo !

- Quando viajei por aí , defendendo as cores do Grêmio Santanense , pude constatar que esse sistema domina praticamente toda a Campanha .

O auxiliar de motorista vem conferir as passagens. Ouvindo a conversa dos rapazes , toma ares de muita reserva. Um assunto desses , num ônibus que vêm da fronteira , ... Um gauchão que via -

ja na poltrona ao lado - até então distrído com seu palheiro e com a paisagem - começa a lançar para Gino olhadas oblíquas, interessando-se pelo " caso " . Gino continua :

-Veja esse arrozal , ou aquela ponta de gado : Você pensa , têm muitos proprietários ? Note que estamos viajando há quase duas horas , e não passamos sequer por meia dúzia de estâncias. Isto prova que ...

- Mas você não pode negar que a economia agrícola e a pecuária gaúchas são fontes de alta renda para o nosso Estado e mesmo para o Brasil .

- Exatamente : Para o nosso Estado e para o Brasil; mas não, para o trabalhador rural ! ...

- Você tem mesmo umas idéias esquisitas- hein, Gino ! (" Por que fui puxar este assunto ?...").

- É fácilmo constatar ! Basta um pouco de consciência e...

- Olha rapaz, sou mais novo que você , mas vou-lhe dar um conselho : Não se comprometa com essas suas idéias . Todo mundo sabe que Agrópolis é o grande foco anti-brizolista do Estado . Se cuide !

- Por falar em Brizola ... acho que , tão logo ele assumir o Governo , fará alguma experiência de Reforma Agrária .

- Nem quero saber . Negócio de comunismo não é comigo .

- Não falo em comunismo , Luiz . Falo em experiência de Reforma Agrária . É totalmente diferente .

Ônibus rodando . Chegam a São Gabriel. Gino lança uma olhada sobre a sua bagagem e dá-se consciência do que nem imaginara : Tinham-lhe roubado uma japona , comprada em Rivera. (" Se foi o presente pro meu pai ! "). Imediatamente, pensa nos cobertores térmicos que estão no porta-malas . Lembra-se até do detalhe da marca : " Frazzada Térmica La Aurora " .

Em Santa Maria - meio-dia em ponto - os amigos se despedem:

- Espero nos encontrarmos novamente , já no próximo ano . Boa sorte no Vestibular !

- Boa sorte pra você também . E muito cuidado com essas idéias revolucionárias !... Em Agrópolis , toda a cautela e pouca . Aliás , aqui em Santa Maria , também . Você sabe , os centros estudantis e militares ... Ah , já estava esquecendo: Tenha boas férias !

- Igualmente , Luiz. Até breve , espero .

Pelas 15,00 horas , Gino está em Agrópolis, na Secretaria da Escola Agrotécnica , para tratar do que lhe interessa . Isto feito , regressa a Santa Maria , para não perder o trem. A-

grada-lhe pouco a cidade " Coração do Rio Grande " , com seu clima desagradável . E um vento-norte horrível . Dá-se conta de que Santa Maria caracteriza-se por estratos sociais bem distintos: Estudantes, ferroviários , militares . Sem contar as favelas que parecem ser bem maiores do que as de Livramento.

Chega o Noturno . Embarca (Conseguiu passagem em cima da hora). De Santa Maria a Tupãciretã , são necessárias duas máquinas. Serra braba ! As Diesel roncando , os vagões sacolejando, o trem sobe . Lentamente , lentamente , sacudindo os pensamentos e a cabeça de Gino . Pelas quebradas da serra , os últimos raios de sol. A japona roubada , o diálogo com Luiz Roberto : " idéias esquisitas ... revolucinário ... foco anti-brizolista ... não se meta..! E Andressa ? Como o receberia ela ? Será que ... ?

Anoitece . Tupãciretã . Desce do trem . Estica as pernas. Dos longes e largos horizontes vem um jato de claridade . Uma estreita barra rubra - abraçando o céu e o campo . " Terra da Mãe de Deus " . Terra de Raul Bopp (Como o pensamento lhe brotara assim tão naturalmente ? Aquelas aulas esquisitas e chatas de Literatura , no Santanense ?) ."Poesia moderna , experimental. Pau-Brasil ... primitivismo. Verde-amarelismo... folclore. Cobra-Norato!"
- Diabo , são horas de Literatura !?...

Agarra-se ao trem . Trem no planalto ; planplan , planplan . Aqui também , as estâncias sucedem-se só muito de raro em raro . Quero-queros nas coxilhas . Sono sacudido. Planalto. Planplan , planplan ...

- Vaaaaai chegando em Cruz Alta !

Abre os olhos pesados . Luzes incômodas . Subires e desceres, sonolentos . O sonolento ronron da Diesel. Olhos e malas pesados. Lâmparas examinando freios . Os ferros . Estrelas de fogo nos trilhos .

- Está ocupado ?

- Não , não. Que estação é esta ?

- Cruz Alta .

- Ahn .

Mudança de posição. Olhos que pesam . Luzes querendo adormecer. " Ahn . Cruz Alta . O vento e o tempo. Não . O tempo e o vento . Santa Maria . Santa Fé. Veríssimo . Raul Veríssimo.(Raul Veríssimo ?) . Um certo capitão... Ana Terra . Sem terra . Ahn.A terra. Toda essa peonada sem terra . Reforma Agrária . Não se meta . Os lírios sobre o campo . Ana terra ... Longe ... uma vaga música ... "

-Vai até onde ?

-Erexim .

-Ahn.

Um bocejo longo. O sino da estação (De Vista Alegre?). Luzes ofuscando o sono . Planplan, planplan... O apito longo. Solitário. Sofrido . A Diesel holandesa espantando os sonhos das canhadas . Quero- quero ! Planplan . Um vôo corujão. Procissão miúda de vagões . Ou de gente ? Novo apito vermelho , engulindo a noite. So no no balanço . Soledade . Passo Fundo ? O sono sonho. Planplan , planplan. Mar de luar... Um trem puxado por cavalos ? A voz sono - lenta alerta de novo : " Vaaaai chegar em Coxilha ! " Cavalos de fogo . De ferro . Ferro na cabeça. " Comunista ordinário ! " . Depois de Coxilha , Sertão . Depois , estarei chegando . Vermelho cavalo de fogo . De ferro . Onde estaria ? Um trem de fogo sacolejando um resto de consciência . Planplan, planplan... Patatrác, patatrác... Marcha inventada ? (Livramento... tempo do Sétimo... marchas pela campanha ...). Três cavalos. Dez cavalos. Muitos cavalos. Puxando um trem de fogo . Ele é o último vagão. Descarrilado. Indo-e-voltando . Pra onde ? " Vaaaai chegar em Coxilha ! " Orides ? Não. Ele está mortinho . " Terra buena ... dos Antonello ! " Consciência -não-consciência . No fechada da noite , a lua permanece atenta . Testemunha . As patas dos cavalos esmagando o silêncio orvalhado . O trem galopando trilhos mortos. O cruzar-se . Relinchos e apito fino . Fogo . No banhado , o protesto das saracuras (Qui-quá-qui-quá ! ...). O distanciar-se na madrugada . Na semi - consciência . No sonho . Insuspeita , a cavalhada chega a Coxilha . O tiroteio ainda metralhando os ouvidos. Na cabeça, aquele trem de ferro . E a dor . " Brizolinha capado! " . Gargalhadas .

Viana escancara a larga porta do galpão .

- Você quer mesmo " trocar da 'stúdio " - Gino ?

- " Trocar de curso " - mamãe ...

- Sim . Cheguei a esta conclusão. Mais tarde, quero voltar à terra . Não sei onde , mas ...

- Mas , agora você tem bastante férias .

- É como foi a safra - pai ?

- Mais ou menos . Sabe - neste ano, plantei bem menos .

- É a semente que o Orlando trouxe de Sarandi , valeu a experiência ?

- Muito boa . Pro ano , se pode plantar mais .
 - E o que você conta de novo , da fronteira ?
 - Ah - Clívia , já estava esquecendo : Trouxe dois cobertores térmicos do Uruguai . Uma beleza !
 - " Que beleza ! Que beleza ! Muito caro, filho ? "
 - Não . Em Rivera , vale a pena comprar esses artigos.
 - Você não escreveu que ia trazer uma japona ? ...
 - Ah , sim - Cláudio . Sabe... era muita bagagem... e na Rodoviária , em Livramento , a gente deve declarar o valor das compras feitas no Uruguai . Fiquei com medo que ... mas prometo a meu pai que ...
 - Não precisa se preocupar . A " jaqueta " que trouxe da Itália , ainda dá pra usar ...
 - E como é que festejaram a vitória do Brizola ?
 - " Una festa ! Mamma mia , que foguetório ! "
 - O vareio foi maior do que o do Ferrocarril em cima do Grêmio Santanense !...
 - Você sempre com as suas, Cláudio !
- Depois do almoço , Gino acerca-se da mana Olívia, e indaga em voz baixa - como que temendo romper com um pequeno segredo :
- Como vai a Andressa ?
 - A Andressa !? - Ah, sim : Embarcou enteontem , a Porto Alegre .
 - Porto Alegre ? Pra quê !? ...

Outubro de 1963 . Gino chega a Caxias do Sul , aqueles negócios à cabeça . A casa nº 147 , à Rua 20 de Maio , é modesta . A mãe o recebe com duas lágrimas e um silêncio estranho .

- Então mamãe ? Como está a vida da cidade ?

Silêncio . Pergunta repetida .

O mesmo avental de sempre . Senta-se a um canto , por detrás do fogão à lenha . (O fogão à lenha viera junto, falassem o que falassem - no fogão a gás , a comida não tinha gosto . Cláudio que o usasse !) .

- Onde está meu pai ?

- No fundo do lote , plantando um pouquinho de milho . Já vai subir .

- E o Cláudio ?

- No Bairro Cruzeiro , construindo .

- Construindo ?

- Explica : Os estudos muito puxados e caros . Em Caxias, trabalhar de padreiro é um bom negócio .

Antonello chega suado , as botas cheias de terra :

- Que surpresa.! - " Porca pipa" .

Um aperto de mãos - e um abraço quase constrangido .

A Olívia manda um abraço e um beijo . Está muito bem, esperando o primeiro filho .

O semblante de Dona Gema se repompõe um pouco. Os olhos parecem querer brilhar .

- Tomara que seja um guri ...

Olhares se cruzam . Ninguém entende .

- Vamos , vamos ver a plantação . Gema , reforça a polenta !

Não há resposta . Baixa a cabeça . Acende o fogo.

O lote é bom . Mais ou menos 18 X 40 - calcula Gino . Há mesmo um pequeno parreiral .

- Dá para uva de mesa e o vinho doce . Aqui , a terra é bem melhor , mais forte . E não existem aquelas formigas desgraçadas...

- Em Nova Esperança , também acabamos com elas.

- Aqui , a horta . Uma beleza ! (Ele gesticula bastante. Não parece aquele homem exageradamente reservado que Gino conhece). Daqui pra baixo , o feijão do cedo . E veja as abóboras : nasceram muito bem . Estava criando uns leitões , mas a Prefeitura proibiu . Temos meia dúzia de galinhas . Não se pode comprar tudo. Tão caro, tão caro !

Na plantação , a mesma técnica de sempre . A semente de milho , de ao menos 30 anos ! ... Os tomateiros descuidados, as galinhas

crioulas implorando razão...

Marco fala , quase entusiasmado - continua gesticulando muito - justificando as coisas (Justificando o quê ?) . Ali em Caxias , tudo estava bem , não faltava nada . Cláudio abandonara os estudos é verdade , mas o emprego era bom . Na cidade grande , a construção civil dava bom dinheiro- o que não acontecia numa localidade pequena , como Nova Esperança... Dona Gema se queixava um pouco ; mas , com o tempo , iria se habituando...

O filho examina o pai : As mãos continuam grossas (as mesmas , rijas e calejadas); as roupas velhas , com algum remendo de pano novo. O mesmo chapéu de palha - que numa cidade daquelas , evidentemente ... E dizer que aquele homem de barba cerrada - magro e rijo - fora o primeiro a ter a idéia de comprar máquinas agrícolas modernas ! Por que teria desistido de tudo , assim tão de repente ? Por que aquela obsessão quase cega em deixar a terra ?

Ao redor do fogão à lenha , ela sua . A cabeça começando a doer . O calor ? A fumaça entra-lhe pelas narinas , pelos olhos , agora grandes e vermelhos . (- Lágrimas ?) .

- Ah , Madona do Caravaggio !

Desce ao pequeno porão , em busca de um litro de vinho. As galinhas perseguindo-a . Sobee. Põe a mesa . Hoje, vai aquela toalha bordada , que viera de Vista Alegre . Bem bonita . Mas nunca , nunca mais a pusera sobre a mesa ... Louça , talheres, copos e panelas , tudo continua o mesmo . Chega novamente à janela :

- O almoço está pronto !

Eles chegam . Assentam-se à mesa , depois de uma prece - feita naquele dialeto que Gino quase esquecera de todo (" Dolce corde mi Jesús ...") .

Servem-se , num silêncio longo .

Cláudio chega apressado . Cumprimenta friamente o irmão e vai direto a " sua" televisão . Claro : não perderia o comentário esportivo ; era semana de Gre-nal... (" O Internacional alinhará com ...") .

- Coisa do demônio .

- O quê - mamãe ?

- A televisão . Em Vista Alegre , se vivia felizes , sem isto- as novelas no rádio tinham mais gosto ... - Não vem comer, Cláudio?

- Já vou ! Deixa terminar o comentário . " O Grêmio com um sério problema no ataque ..."

Chega , assenta-se à mesa . Come sofrégamente . Às 13,15 , em

ponto , precisa sair . O trabalho recomeça às 13,30 horas. O pa -
trão desconta até um minuto de atraso .

- E como vai o nosso agrotécnico de Vista Alegre ?

- Muito bem, Cláudio. Aliás , o mesmo acontece com todo o Muni -
cípio de Nova Esperança . Mais da metade dos agricultores já tra -
balham com máquinas agrícolas modernas . Tratores, automotrizes ...

Gino se entusiasma . Viera a Caxias a negócios . A " Socieda -
de Agrícola " estava nascendo. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais
se reerguia . Pretendiam ressuscitar os parreirais . Compraria mu -
das novas de parreira , em Bento Gonçalves . As experiências esta -
vam dando muito bons resultados .

Marco pede licença e retira-se da mesa . Aquela conversa pare -
cia-lhe fazer mal . Dona Gema - muito ao contrário - arregala bem os
olhos , esquece a sua dor de cabeça . Não perde uma palavra do filho.
À medida que a conversa avança , ela se vai deslumbrando. Gino é a
vida , ressurgida da terra . Ele percebe : O semblante da mãe se ilu -
mina todo , se transfigura . Está quase embasbacada :

- Bravo filho , bravíssimo !

Ele, porém , está um pouco apreensivo :

- Que houve com o " velho " ?

- Não é nada não - filho . É que ele não perde o noticiário ,
nem por nada . Não se preocupe . Come mais polenta !

- Tenho de ir - diz Cláudio - está na hora .

- Escuta , à que hora você larga o trabalho esta tarde ?- in -
terpela-o Gino .

- Às 17,30 . Por quê ?

- Por nada ... É que eu queria conhecer o local do seu traba -
lho . Onde é a construção ?

-Conhece o Bairro Cruzeiro ?

-Conheço .

-É bem pertinho da parada de ônibus . Na esquina , tem a sa -
pataria Nodari . A construção fica ao lado .

- Ótimo . Então , às 17,30 horas.

Cláudio sai correndo , atirando-lhs um " até já " . Não poderia
perder o ônibus ...

Ali fora , fábricas e madeireiras soltando seus apitos lon -
gos e tristes de todos os dias. A fumaça negra , imediatamente co -
meça a encher os céus . Caminhões e mais caminhões de madeira, fa -
zendo manobras. Gente apressadíssima . Tudo recomeça cedo . Como se
um relógio mágico fosse tangendo passos e pensamentos .

Enquanto lava a louça , Dona Gema bombardeia o filho com mil perguntas : A filha Olívia , estava mesmo feliz ? Ah, que bom! Como passava Dona Rosa ? E os Beledelli ? E os Vechiatto ? O vigá-rio era ainda o mesmo ? Ainda tinha aquela roseira agarrada na casa - aquela que dava rosas quase o ano todo ? Ah , que saudade , que saudade !... E o jardim, e a horta ? ... Que vontade de bus - car água , à sombra daquele pé de plátano ! ... de cortar aveia , perto da sanga , de ordenhar a " Estrela " ... Ah , sim , e o sino de Vista Alegre ? (Tinha escutado aquele sino , durante mais de 20 anos , tocando toda manhã e toda noitinha - sem falhar um dia ...). Gino escuta tudo com paciência , e a tudo responde . "A quela " é que era sua mãe . A de Vista Alegre . A de Caxias do Sul lhe parecia totalmente irreconhecível. Convida-a para passar uma semana - ou mais - em Vista Alegre . Olívia e Dona Rosa insistiam muito .

A mãe limita-se a apontar para a sala , onde Antonello está atento ao noticiário :

- Se ao menos " ele" quisesse me levar ...

Subitamente , seu rosto se contrai de novo . E só agora Gino percebe (como não notara aquilo antes ?) : uma mancha averme - lhada no rosto da mãe . Mas o que era aquilo ? Muito, muito estranho !... Despede-se rápido - à noite pousaria ali - ganha a rua , os negócios e as preocupações lhe esquentando a cabeça...

As 17,30 horas , pontualmente , está ao lado da Sapataria No - dari . Ali , o Cláudio também não era o mesmo Cláudio. O garoto que desejava a todo custo ser médico - ou engenheiro . Estava a - gora diante de um mano que exhibia uma musculatura invejável. As mãos grossas , nu da cintura para cima ; sujo de cal e cimento , o suor escorrendo-lhe pelo dorso vermelho . Ao perceber a presen - ça de Gino , o rapaz aproxima-se do tonel de água , lava-se, enxu - ga-se com a mesma camisa que passa a vestir :

- Aqui está saindo a mansão do Dr. Marconti .

E seguem as explicações de um entendido no assunto. Por fim , arremata :

- Se Deus quiser , pro ano que vem , largo a firma do Capel - laro e boto uma firma por conta .

Gino bate-lhe no ombro :

- Não nega a raça dos Antonello ...

Chegam a um bar , ali por perto . Nos intervalos de maior si -

lêncio, ouvem-se as marteladas secas, vindas da Sapataria Nodari :
Plác, plác, plác, plác ...

Escolhem uma mesa , a um canto .

- Uma cerveja bem gelada !

- Brahma ?

- Não . Serramalte !

(Gino sente-se orgulhoso. Ali em Caxias do Sul, o pessoal bebendo cerveja fabricada em Nova Esperança ...).

No rádio do bar , chega uma canção tipicamente gaúcha. Serra -
na :

" Com licença , meus amigos ,
vou falar da minha terra :
vou falar de São Francisco ,
que fica em cima da Serra ..."

- Então , mano - vamos falar no Gre-nal de domingo ? Dou um gol de vantagem , e jogo no Grêmio ...

- Não é nada disso , Cláudio . É sobre mamãe.

- Quê que tem .

- Não sei ... achei-a tão diferente ...

- Bem , pra falar a verdade ...

- Sim ?...

- Mamãe nunca quis saber de cidade .

- Mas isso eu sei.

- E nem quererá saber , nunca !...

" Canhadas de campo aberto,
coxilhas a campo fora ,
onde canta o quero-quero
e onde o minuano chora ..."

- Coitada , vive em casa , como se fosse numa toca . Vai à sua missinha , aos domingos , e é só . O restante do tempo vive quase sempre fechada . O fogão à lenha , o pequeno jardim , aquela meia dúzia de galinhas , e ... a Estátua de Nossa Senhora do Caravaggio .

- Fala muito em Vista Alegre ?

- Comigo não tem outro assunto. Mas com o pai , você sabe...
tem medo de ...

Gino toma outro gole de Serramalte :

- Mas , não passeia , nem mesmo tem amigas ?

- Lá de quando em vez, troca algumas palavras com as vizinhas . Ah , sim : faz uns três meses , foi visitar um tio dela em Antônio Prado . Voltou falando muito nas parreiras, na gruta

de Nossa Senhora de Lourdes e ... no cemitério, onde ela tem vários parentes enterrados .

Outra canção vai -se espalhando pelo ambiente :

" A minha vida é gauderiar de pago em pago,
Não tem querência que me prenda o coração..."

- Escuta , mano : você não acha que ela está doente ?

Cláudio surpreende-se bastante :

- Acho que não. Eu , ... quer dizer ... ela se alimenta bem , isto é ...

- Isto é ?...

- Depois que voltou de Antonio Prado, começou a se alimentar um pouco menos , emagreceu alguns quilos...

- Não consultou o médico ?

Vozes soltas, gargalhadas largas, tragos , fumaça ... tudo se misturando com aquele som que o programa do CTG faz chegar até a li , pelo rádio :

" Sou índio taura dos campos da Vacaria,
nos rodeios sou mui macho ,
sou irmão da valentia ..."

Gino toma coragem. Teria visto mesmo , ou estaria inventando?

- Você não reparou que ela está com uma mancha avermelhada na face , logo abaixo do olho esquerdo ?

Cláudio mantém suspenso o copo de cerveja que está para levar à boca :

- O quê ? Mancha ?... Você ...? Eu nunca vinha suspeitando, nunca reparei nada . Também , fico pouco tempo em casa ...

Pagam a cerveja e saem . Ali na esquina , as marteladas provenientes da Sapataria Nodari , se misturando com aquelas frases:

" Levanto a prenda na garupa, - upa , upa !
e me bandeio pros lados do Uruguai ..."

No ônibus de volta , o acotovelamento . A Rádio Farroupilha , tocando música , quando - num repente - o Correspondente , em edição extraordinária : Brizola fizera pronunciamentos no Rio de Janeiro , denunciando a problemática situação sócio-econômica do país - fruto da atuação sempre mais crescente do Capitalismo Internacional . Havia agitação estudantil ... - O ônibus emudece .

Chegam em casa . A janta é feita de silêncios e de palavras curtas . Cláudio deita cedo (Na manhã seguinte , às 7,00 horas , deverá estar no pesado) . Marco deixa a cozinha e vai sentar -se frente à televisão . Dona Gema segura o filho pelo braço e sussurra :

-Esta coisa do demônio , foi com o dinheiro do Cláudio. Na televisão , nem missa se transmite ...

E , discretamente , conduz Gino para o quarto : sobre uma mesinha bem simples - uma branca toalha rendada - a imagem cor de gesso , entre duas velas amarelantas .

- Rezo de manhã e de noite , pra Madona do Caravaggio. Peço a graça de , um dia ...

Perturbado , ele levanta os olhos que se fixam naquela imagem. No rosto da mãe , aquela mancha de um vermelho pálido. ("Meu Deus , preciso fazer alguma coisa . Mas , o quê ? Como"?) .

Na manhã seguinte - a noite ele a passara quase toda em claro - ele aproveita a presença dos dois :

- Faço questão que ambos venham passar uns 15 dias em Vista Alegre . Será uma alegria para todos .

A essas palavras, Dona Gema ganha nova cor, novo rosto, nova vida :

- Vamos sim . Com certeza . Na próxima vindima, ou quando o neto nascer ... Muitos abraços e beijos pra Olívia - a minha cara Olívia - e pra Rosa !

Antonello , o olhar dirigido para o assoalho , passa a mão pela barba negra :

- Pode ser . Se der no jeito ... é um pouco difícil, mas quem sabe ...

O tempo de viagem de Caxias do Sul a Bento Gonçalves é insuficiente para Gino pôr em ordem as preocupações que lhe castigam sua mente .

No quarto de Dona Gema , as duas velas pálidas bruxoleiam...

Andressa aguardara com alegre expectativa o resultado da pesquisa que - meses antes - havia sugerido aos alunos . Uma excelente oportunidade para conhecer melhor a história da imigração italiana , e sobretudo , a participação destes imigrantes na primeira e segunda guerras mundiais . Um pouco de História viva - não apenas lívresca .

- Muito bem . Hoje , cada aluno dispõe de 15 minutos para apresentar oralmente o resultado do seu trabalho . Se for necessário , a gente pode prolongar . Quem começa ?

Lauro não se faz esperar . Caderno à mão , passa rápido à frente da turma :

- Entrevistei o Senhor Andrea Gaiatto . Veio da Itália em 1932, juntamente com cinco irmãos , no navio Giuseppe Garibaldi . A travessia do Atlântico prolongou-se por 17 dias . Conta que nos primeiros anos de Brasil, trabalharam como colonos , nos cafezais de Botucatu e Campinas - em São Paulo . Informou que vieram para a América por dois motivos : A busca de terra - que na Itália era escassa - e porque estavam cansados dos horrores da guerra .

Professora e alunos prestando muita atenção . Lauro prossegue a exposição :

- As maiores dificuldades que enfrentaram no Brasil foram : a falta de terra e de instrumentos de trabalho ; a mata virgem, a escassez ou a falta mesmo de estradas e de comunicação . O Governo , nada lhes deu . Aqui em Vista Alegre , o Senhor Andrea Gaiatto teve de construir a casa com suas próprias mãos . Comprou terras do Senhor Sebastião Dall'AgnoI - que viera ao Brasil por volta de 1880 e recebera do Governo muita terra , em troca do seu trabalho na abertura de estradas . Andrea tem dois irmãos que combateram na Primeira Guerra : O Giovanni - já falecido - e o Piero , que é vizinho da nossa professora . Piero foi Agente Secreto , no tempo de Victor Emanuel , e controlava o movimento das ferrovias . Durante a época de combate - conta o Andrea - seu irmão ficava meses e meses, sem poder descalçar os coturnos , dormindo apenas duas ou três horas por noite , tendo o fuzil como travesseiro .

Andressa esclarece :

- Naquela época - na Itália - agente secreto se chamava "Carabinieri" . Pode continuar , Lauro .

Perguntei qual o motivo da Guerra . Andrea está convicto de que foi um golpe de ambição da Áustria e da Alemanha , querendo conquistar a Itália . Tenho outros detalhes importantes : Na Itália , todos os homens , dos 18 aos 50 anos , eram obrigados a combater . Havia casos em que os filhos ministravam instrução a seus pais ,

e os incitavam a combater... E diz o Senhor Andrea que os prisioneiros de guerra , em geral , não foram maltratados. Mas , se algum desertor fosse capturado, era fuzilado imediatamente. E todos os seus descendentes - até a sétima geração - perdiam todos os direitos políticos e os de cidadania.

- Mas que horror !- exclama Sueli , apavorada .

- Um outro caso interessante a registrar é o de como o exército italiano se defendia dos ataques : refugiavam-se em construções de três compartimentos : embaixo , ficavam os animais; no centro, os combatentes, mantidos em completa escuridão , para não serem notados ; e no sótão , havia muito feno para amortizar as "bombas" , por ventura ali jogadas - evitando assim a explosão.

- Golpe inteligentíssimo ! -aplaude Aldino .

- Atenção: mais uns minutinhos para o Lauro terminar o seu relato:

- Há mais dois aspectos que gostaria de colocar : O primeiro diz respeito à batalha do Monte Grappa - na fronteira com a Áustria, onde - conta o entrevistado - seu irmão Giovanni vira tanto sangue correndo , chegando a provocar erosão pelas encostas do monte...

- Meu Deus ! - exclamam alguns alunos .

- E agora , o que considero o mais importante da entrevista - arremata Lauro : Indaguei se a guerra trouxe algo de positivo para a Itália . Andrea só faltou chorar : A guerra ceifou milhares e milhares de vidas humanas , semeando a desolação por toda a Europa . E só deixou atrás de si a destruição , o medo e o ódio .

Há uma pausa tensa na sala .

- Vejam bem - intervém a professora - fazendo um sinal para que Lauro volte a sentar-se : Aprendamos as amargas lições da guerra : O egoísmo dos homens que estão no Poder é que desencadeia tudo isso . Podemos nos orgulhar da bravura dos nossos antepassados ; mas não esqueçamos , a guerra é sempre arquitetada nos gabinetes do Poder - onde se deixou penetrar o egoísmo , e o interesse de certos grupos .

Alguns alunos estão visivelmente comovidos. A custo, Andressa toma pulso da situação :

- Quem mais quer apresentar o seu trabalho ?

Depois de breve hesitação , Aldino chega perto da mesa da professora :

- Eu entrevistei um expedicionário brasileiro que integrou as tropas da FEB , em 1944/ 1945. Chama-se João Weber. Reside no Distrito de Floriano Peixoto . Embarcou para a Itália no último es-

quadrão , levado pelo navio americano - General Mann. Conta João Weber que , em Passo Fundo - onde estava cumprindo serviço militar - certo dia , os soldados foram postos em fila indiana: o instrutor passou , contou de 1 a 10 , sem qualquer outro critério , e os soldados "escolhidos " tiveram de preparar-se imediatamente para o embarque , rumo ao Rio de Janeiro , sem maiores explicações . De Passo Fundo ao Rio , viajaram num trem de carga. E seguiram a Nápoles . A travessia do Atlântico levou 18 dias . Do Rio Grande do Sul , partiram mais de 10 mil expedicionários .

- E de todo o Brasil ? - quer saber Cacilda ?

- Mais de 25 mil homens - adianta Andressa .

Aldino segue :

- O que mais impressionou a João Weber foi o rigoroso inverno europeu . Conta que , ao fazer o toailete , pela manhã , era uma guerra para pentear-se ; os cabelos congelavam...

- Essa não ! - diz Lauro , cético .

- O maior feito das tropas brasileiras foi a tomada do Monte Castelo , após a terceira tentativa . Nos três combates , nesse famoso local , as tropas brasileiras tiveram aproximadamente , 250 baixas .

- Mas o exército brasileiro tinha todo o apoio dos americanos .

- Claro , Dionir . Combateu integrado ao IV Corpo do Exército Americano - confirma a professora .

- O que mais alegrou a João Weber foi constatar que o povo italiano recebia bem simpaticamente os combatentes brasileiros , por considerá-los mais humanos que seus próprios aliados - os alemães e os japoneses . E a sua maior tristeza foi quando da visita ao cemitério de Pistóia , onde jazem centenas de soldados brasileiros . No que respeita à atuação de Mussolini, O meu entrevistado acha que o povo italiano tinha toda razão em revoltar-se contra o Duce . Para o povo da Itália , o maior erro do Ditador Mussolini foi talvez a sua aliança com o Nazismo de Hitler Conta que o povo capturou Mussolini , enforcou-o e o expôs em praça pública - em Milão .

- Este é ainda um ponto obscuro da História - apressa-se a falar Andressa - naquele seu tom professoral. Alguém mais deseja apresentar o seu trabalho antes do recreio ?

Aldino pede licença :

- Professora , tenho ainda um detalhe interessante : Hoje, o senhor João Weber não recebe nenhuma pensão do Governo, e vive , modestamente , nas barrancas do Rio do Peixe . Para ele, a doen-

ça que o afastou vários meses da linha de combate - garantiu- lhe o retorno ao Brasil .

Andressa controla o tempo :

- Ótimo . E quem deseja falar agora ?

Maria Inês se apresenta :

- Minha entrevista foi com o padre Comassetto , o nosso vigário . Ele também foi expedicionário . Integrou as tropas da FEB, nas funções de enfermeiro e capelão militar . Quando convocado , trabalhava em Cachoeira do Sul . Navegou para Nápoles a bordo do navio General Meigs . Me contou fatos muito interessantes : por exemplo , que todos os Estados do Brasil enviaram um contingente à Itália . São Paulo foi o Estado que amargou o número mais elevado de mortos : 92 . O Rio Grande do Sul perdeu 21 combatentes; Santa Catarina , 28 ; e assim por diante .

- Mas , afinal , quem foi o Comandante da FEB ? - solicita Sueli , interessada .

- O General Mascarenhas de Moraes - gaúcho de São Gabriel.

Maria Inês - um pouco envaidecida com a pronta resposta- prossegue :

- O padre Comassetto me fez uma síntese dos fatos mais relevantes : A visita do Primeiro Ministro Inglês - Wiston Churchill- que muito elogiou as tropas brasileiras . Falou das principais batalhas : Camiore , Monte Prano , Castelnuovo, Montese, Zocca, e outras . Foram 239 dias de ação , enfrentando 10 divisões alemãs e três italianas .

Andressa quer conscientizar um pouco mais os seus alunos:

- Você indagou ao padre por que o Brasil entrou na guerra ?

- Indaguei . Ele esclareceu que , em 1942 , vários navios brasileiros foram torpedeados e afundados por submarinos nazi-fascistas , obrigando o nosso Governo a declarar guerra ao bloco ítalo alemão . O então Ministro da Guerra era o General Eurico Gaspar Dutra .

- O que são submarinos nazi-fascistas - professora ?

- São submarinos a serviço do Nazismo e do Fascismo. Isto é , a serviço da Alemanha e da Itália . Entendeu , Dionir ?

Maria Inês retoma a exposição:

- No que diz respeito a Mussolini, o padre Comassetto tem a mesma opinião de João Weber . Pensa que a ligação do Duce com Hitler foi , provavelmente , o seu maior erro histórico. Isto provocou a revolta geral do povo italiano , que fez justiça pelas armas dos " Partigiani " - revoltosos que organizaram a Guarda Li-

bertação Nacional. Mas , na opinião do meu entrevistado , Benito Mussolini não foi enforcado , e sim , fuzilado , perto da Suíça - na localidade de Como - quando tentava fugir , num caminhão das tropas alemãs , na noite de 25/26 de abril de 1945 . Historicamente importante foi a Conferência de Milão, em que Mussolini recusou-se a seguir os conselhos do Cardeal Shuster . A partir daí, o Exército italiano se dividiu , e a Guarda de Libertação Nacional - contando aproximadamente com 30 mil guerrilheiros - acabou com o Ditador , junto com sua amante , Clara Petaci .

- A História se encarrega de fazer justiça ! (Lauro procura dar um ar de importância a sua afirmação).

- O padre é testemunha de que os prisioneiros de guerra foram bem tratados pelos brasileiros ; inclusive os que trabalhavam , recebiam algum dinheiro e cigarros. Mas a atuação da FEB, na Europa , também conheceu derrotas , como a de Pian de los Rios , e as duas primeiras tentativas da tomada do Monte Castelo . E não se deve esquecer todo o respaldo que o Exército americano dava aos brasileiros .

- E também não esquecer os 450 mortos , que hoje estão no cemitério de Pistóia ... - lembra Andressa .

Maria Inês , um pouco surpresa com essa intervenção , conclui :

- De sua árdua jornada no hospital de Livorno, o padre Comassetto faz questão de guardar dois depoimentos : O de um combatente ferido , às portas da morte : " Capelão, sua presença substitui o carinho de minha mãe" ; e o outro do próprio Comandante do IV Corpo do Exército americano - Gal . Willis Critemberguer: " Os feitos da FEB , durante a campanha do IV Corpo , na Itália, terão um lugar proeminente , quando for escrita a História da Segunda Guerra Mundial."

Andressa sintetiza :

- Sem . Vejam como se podem colher as lições dessas pessoas , cheias de experiência e de História . E não esqueçam que os motivos da guerra , como foi salientado , residem no orgulho pessoal e no interesse de certos grupos do Poder ; e que suas consequências são todas negativas : ódio , destruição e morte. Lembrem também os problemas dos imigrantes : a falta de terra, num país imenso como o nosso . Aliás , vocês devem estar conscientes de que o problema mais grave do nosso país - hoje - talvez seja o da injusta distribuição da terra . Infelizmente, ainda falta a

12

muitos brasileiros maior senso de justiça social.

A classe toda está suspensa às sábias palavras da professora , que tanto estimam .

Lauro - sempre ele - aproveita uma pausa :

- Professora - é verdade que a senhora vai nos deixar , no fim do ano , e vai a Porto Alegre estudar ?

A pergunta cai sobre a turma como uma bomba . Andressa volta - se ao quadro-negro , mal podendo controlar sua emoção . Soa a hora do recreio ...

Pela janela do ônibus , vai deixando que aquela paisagem- geográfica e humana - da colonização italiana , a penetre . Um encanto para Andressa : Marau , Casca , Nova Bassano ...

Muita poeira . Região acidentada . Aqui e ali , as roças de milho, as restevras de trigo. Parreirais sulfatados , lembrando paisagens européias . Percebe que - o mesmo acontece em Nova Esperança - aqui predomina a economia de tipo familiar , alicerçada na produção das pequenas e médias propriedades rurais . Que contrastes com os latifúndios de Passo Fundo !

O panorama traz-lhe à memória a História da vinda dos primeiros imigrantes italianos ao solo gaúcho; ela conhece bem certos fatos , seja pela leitura , seja pelos testemunhos de certos colonos , em noites frias de inverno - dados em redor de um fogão. Recorda-se perfeitamente da causa primeira da imigração: a vitória definitiva do Capitalismo , na Itália , sobre as instituições ainda de ressaibos feudais . A industrialização não conseguiu absorver toda a mão-de-obra disponível e obrigara a que levas e levas de italianos migrassem para a quase legendária América. Andressa sabe que a tentativa de Reforma Agrária na Itália- no fim do século XIX - foi sufocada pelos interesses do Capitalismo. Daí , a emigração de muitos agricultores , como questão de sobrevivência

Ela viaja ao lado do senhor Bernardi , que embarcara em Marau . Conta ele que viera ao Brasil ainda criança , logo após a Primeira Guerra . Andressa aproveita os relatos extraídos da experiência do acompanhante :

- Quando e onde , exatamente , se estabeleceram os primeiros italianos , em nosso Estado ?

Bernardi reflete um pouco :

- Foi em maio de 1875. O primeiro grupo radicou-se em Nova Milano , na então Colônia Caxias .

- E as demais colônias importantes ?

O italiano puxa pela memória :

- Dona Isabel , hoje , Bento Gonçalves ; Conde D'Eu , atualmente , Garibaldi e Carlos Barbosa . A Colônia de Alfredo Cheves , agora , Veranópolis , Nova Prata e Nova Bassano . E a de Guaporé , que resultou nos municípios de Guaporé , Muçum , Serafina Correa e Casca .

O diálogo continua , o senhor Bernardi gesticulando muito- mastigando um grosso cigarro de palha : Era preciso não esquecer Antônio Prado (que não evoluira) ; Encantado , hoje , Encantado e Nova Brésia . E também as expansões dos imigrantes aos municípios de Marau, Erechim , Pirai , Arvorezinha , e o próprio município de Nova Esperança - onde é significativa também a presença de poloneses . Bernardi aprovando as intervenções da professora :

- " Ecco ! Ecco ! "

Ela informa sobre a importante colônia de Silveira Martins, nas encostas da Depressão Central - porto de Santa Maria . Lá se estabeleceu a família Bortoluzzi ...

Chegam a Bento Gonçalves . Bernardi faz questão de pagar o almoço à professora . Ele conhecera muito os Remor da Nova Prata . Sabe agora que são Parentes de Andressa - o que basta para o velho italiano sentir-se completamente à vontade :

- Em Bento Gonçalves , os primeiros " imigranti" chegaram nas vésperas do Natal de 1875 . Contam que era " tutto mato" , não tinha estradas . " E quante béstie cativa! ..."

- Então passaram por muitas dificuldades ?

- " Ecco - justo ! "

E vai explicando - seu pai lhe contara : Os navics vinham da Itália, entulhados de gente , naquela demora de semanas e semanas . Meses ! Os imigrantes eram deixados nos barracões de colonização , sem a mínima assistência - tratados como animais. Em São Paulo , fora ainda pior : Os " capitalisti" do café , tratava-os como a simples produtores de trabalho. Somente os primeiros receberam um pouco de terra do Governo. A maioria , porém , teve de comprá-la , trabalhando quase como escravos . Muitos foram enganados pelos Governos e pelos Agentes de Imigração . E segue contando casos de imigrantes que - até chegarem as primeiras colheitas - haviam passado muita fome , sem falar das doenças , e mortes dos "bambini" . Cita exemplos das famílias Bortoluzzi , Galain , Maestri, Cobalchini Toma outro gole de vinho , paga a conta e corre para o

ônibus está buzinando (O motorista , impaciente , descarrega -lhe alguns " adjetivos" ...).

A viagem prossegue , o veículo serpeando por entre vales, encostas e parreirais . A uva começando a despedir um cheiro bom .

Bernardi gostaria de saber quantos italianos vieram ao Brasil . Andressa informa-lhe ; mais ou menos um milhão e meio . E no Rio Grande do Sul , entre 80 e 100 mil .

- Barbaridade ! E"come " essas colônias conseguiram prosperar ?

Ela , entusiasmada , fala como professora : Tudo se devia , em primeiro lugar , à economia de tipo familiar que visava, antes e acima de tudo , prover às necessidades domésticas básicas. Só raramente se comercializava o excedente produzido . Ademais , os núcleos coliciais se alicerçavam na economia das pequenas e médias propriedades - como ocorrera com a colonização alemã . Mas havia além disso , outras causas : A incrível capacidade de trabalho , a estreita solidariedade entre a etnia italiana, a linguagem comum , a unidade religiosa e social... O italiano aprovando tudo :

- " Ecco . Justo , justo . Que bello ! "

O ônibus avançando . Farroupilha não tardaria a chegar. Aquelas paragens todas fazem a professora evocar velhas histórias que seus genitores lhe contavam : Animais selvagens ameaçando a criação doméstica, e a própria casa -improvisada no meio da mata. Safras fabulosas de milho e de trigo ; viagens que duravam semanas, até Vacaria ; encontros com os temidos brugres (Ah , os terríveis bugres !); casamentos que exigiam dos noivos românticas viagens , a cavalo ...

Agora , a realidade é bem outra : Cidades erguendo-se , as lavouras começando a se mecanizar. É a nova Pátria daqueles sonhadores Vênetos , Lombardos , Tridentinos, Mantuanos ... cujos sonhos se limitavam a uma pequena porção de terra e um pouco de paz- que a velha Itália lhes havia negado . Entretanto , Andressa sabe que, não raras vezes , os sonhos de muitos daqueles pioneiros se converteram em lágrimas amargas e solidão ; quando não , em fome e morte .

Ao despedir-se de Andressa - em Farroupilha - Bernardi apresenta a professora com um " retrato " de sua propriedade, em Marau. Uma casa de madeira , coberta de tabuinhas de pinheiro araucária ; a horta , um parreiral , um pinheiro . Bernardi se desfaz em gentilezas . Fora " tanto gusto" viajar com a professora Remor .E insiste: Passando por Marau, não podia negar-lhe uma visita para ex-

perimentar um bom vinho, e uma polenta ... E recomenda :

- Não se esqueça de olhar bem para a vila de Nova Milano. Fica alguns quilômetros à frente .

Ela não sabe como agradecer.

A passagem por Nova Milano é muito rápida . Uma vila bucólica , simpática , bem no alto da serra - com suas cantinas, seus parreirais , sua igrejinha cujo sino , há quase um século , vem bimbalhando por aquelas solidões ...

- Que belvedere !

Em poucas horas, o veículo desce a serra . Em São Sebastião do Caí , ela observa os traços da cultura alemã , cujos primeiros vestígios se evidenciam já em Bom Princípio . Guardadas as pequenas e peculiares nuances culturais , a professora tem a mesma " Europa " ante os olhos : o mesmo sistema de produção agrícola ; as pequenas e médias propriedades ; o aproveitamento racionalizado da terra. O mesmo espírito de trabalho , a mesma solidariedade comunal. Tudo a firmar-lhe cada vez mais a convicção de que o fator terra é primordial , para a existência de um equilíbrio sócio-econômico. Automaticamente , abre um livro que lhe está à mão (a preocupação com o vestibular ...) , e lê uma citação de Soares da Andrea, que ainda em 1849, denunciava os males do latifúndio gaúcho :

" Um dos maiores obstáculos que se tem oposto nesta Província, ao desenvolvimento da Agricultura e mesmo ao da população, é a existência de grandes fazendas , ou antes, de grandes desertos, cujos donos cuidando , só e mal, da criação , têm o direito de repelir de seus campos as famílias dos desvalidos , que não têm nem onde conservar-se em pé ... Um fazendeiro que possui uma Sesmaria , tem por sua conta um deserto de três léguas quadradas ..."

Fecha o livro , pensativa . O ônibus rodando .

Cai a tarde , e a viagem chega ao fim . O sol , resvalando os últimos raios por entre os edifícios envidraçados da Capital Gaúcha , e pousando os derradeiros beijos na face do Guaíba . Andressa está cansada . A primeira impressão de Porto Alegre vai-lhe causando uma depressão psicológica . Um quê de medo . A floresta de edifícios , o trânsito selvagem - que se intensificara desde Canoas - vão sufocando nela toda a carga afetiva , colhida ao longo da jornada. Agora , é um caminho novo a enfrentar. Quicá mais árduo e perigoso do que o enfrentado pelos seus antepassados, subindo aquela serra , no lombo de animais - ou mesmo a pé . Sim, Porto Alegre é para a nova interiorana uma selva a enfrentar . Com seus descaminhos , suas florestas frias de cimento; seus animais ferozes-talves os próprios homens . Enfim , é a nova vida , à que livremente optou ."E se a Lídia não me estiver esperando na rodoviária ?..."

- ... Então , passou no Vestibular ?

Assustadíssima , ela quase deixa cair a pequena cesta , onde está colocando escolhidos cachos de uva .

- Ó Gino ... que susto ! Eu ...

Silêncio . Uma rola vem pousar na ameixeira, ao lado do parreiral . É tempo de ninhos . Gino se anima :

- Que tal o concurso em Porto Alegre ?

- Graças a Deus , passei ; uma das últimas da lista ...

- Meus cumprimentos ! Quer dizer que agora , Vista Alegre terá uma estudante universitária , em plena Capital do Estado !

Nada responde .

A pomba rola preenche o silêncio com seu canto triste. O sol descamba . As sobras se fazendo compridas . Andressa dá alguns passos , escolhe outros cachos de uva :

- Por que demorou tanto em escrever ? Muito provável, as garotas da fronteira ... quiçá uma uruguaia ...

Gino não contava com tal ousadia . Arranca um cacho de uva e procura disfarçar um princípio de desapontamento.

- Sabe , para ser bem sincero , não sei por que não lhe escrevi . Talvez a distância , os estudos ... sei lá ! Os jogos , nos fins-de-semana Agora , quanto às garotas ...

- Sim ?...

- Dou-lhe minha palavra que ...

- Então , por que somente aquela carta ?

Aqueles olhos verdes penetram-lhe fundo, vasando-lhe os pensamentos .

- Já falei . Não sei explicar . De mais a mais , quem acabou escrevendo primeiro ainda fui eu .

- Praticamente depois de um ano ...

- É verdade , mas você ...

- Sabe Gino ... tenho a impressão de que você vem mudando, e muito . Parece até ... Nada , nada , ia dizer uma bobagem .

Calam-se os dois novamente . A rola bate asas, vai-se embora.

-... e você , ainda acha que continua a mesma ?

- Provavelmente não. De uns tempos para cá , sinto que me venho transformando . Você não faz idéia que luta aqui dentro de mi nha pessoa , para deixar a família , o Antônio Vieira , e decidir continuar os estudos . Serão quatro ou cinco anos , ou quem sabe , ... Quando penso nisso ...

- Bobagem . Agora é só ir em frente .

Pensativa , ela atira um olhar à toa .

Uma revoadada de quaro-queros descreve uma curva por sobre a invernada , com seus cantares estridentes. Pousam num relevo , verdadeiros sentinelas da terra e da noite . O sol acaba de se pôr.

- E o que achou de Porto Alegre ?

- Estranhei muito . Correria , ar sufocante . (Continua com o olhar distraído). Mas é uma belíssima capital. O pôr -do-sol , em cima do Guaíba , é uma poesia ! Ademais , um ótimo centro cultural . Evidentemente que , trocar o Antônio Vieira e a rotina do interior pela vida agitada de uma universitária , será uma experiência deveras violenta . Mas, enfim , já decidi !

Uma lua avermelhada se vem erguendo do oriente , driblando pequenas nuvens , e filtrando sua palidez por entre as largas folhas da parreira. O silêncio da noite vem aos poucos - quieto e incolor.

- E você , o que me conta de Livramento ? É verdade que suspendeu o curso e ...

- É verdade . Decidi estudar em Agrópolis . Quero ser agrotécnico .

- Puxa , que decidido ! Deseja revolucionar a nossa agricultura ?...

Gino sorri da brincadeira - exibindo seus dentes perfeitos.

- Livramento - como as demais cidades da Campanha - é excelente . Mas prefiro voltar à terra . Onde , não sei . Sabe, Andressa, as viagens que fiz pela Campanha e pela Serra. fizeram-me constatar que o sistema de divisão de terras, em nosso Estado , é ainda muito falho . Muita gente sem terra , e pouca gente com muita terra .

- Isso não ocorre só em nosso Estado . Pelas leituras que tenho a respeito, sei que esse é um problema nacional. O mais grave de todos . Diria até que praticamente toda a América Latina ...

- Interessante : Aqui no Alto Uruguai, o caso não é tão evidente , porque os imigrantes italianos e outros foram adquirindo as suas pequenas propriedades . Alguns ganharam pequenas glebas do Governo . Em outras regiões, porém , a questão é bem diferente. E agora , que vêm chegando as máquinas modernas , muitos agricultores terão de vender suas terras. Acho que o latifúndio vai estender as suas garras por aqui também . Mas levo fé no Brizola . Que ele fará experiências de Reforma Agrária , disso não tenho a menor dúvida .

- Sabia , Gino , que os Beledelli vão comprar um trator novo?

- Ah é ? - Não sabia , não .

- Mas a primeira idéia de comprar equipamento moderno para a lavoura é de seu pai - isso você sabia .

- É . Pelo menos , aqui em Vista Alegre . Mas agora , o velho está mudando de idéia . Quer ir para Caxias do Sul . Mamãe resiste com todas as forças , mas penso que ninguém mais vai tirar o plano da cabeça dele .

Uma fragrância doce de uva madura envolve o luar e o silêncio . Feixes de lua se intrometem por ali , beijando o rosto e os longos cabelos negros de Andressa . De vez em vez , lá embaixo , nos fundos das águas da sanga , os sapos ensaiam sua cantoria . Aos poucos , acendem-se estrelas .

- Sabe , Gino , estive pensando ...

- ? ...

- Nada , nada . Bobagem minha .

- Você está escondendo alguma coisa .

- Já é tarde , preciso ir .

- Posso saber o que a preocupa ?

Saem andando . A lua cheia , de cheio os acompanhando , povoando caminhos e roçados .

- É o futuro , Gino . Não sei ...

Caindo em si , estão de mãos dadas . A princípio , Gino não responde . Mas depois :

- O futuro agora , é estudar - não ?

- Sim . Mas é que papai está meio doente . E já falou na possibilidade de vender a terra ... Isso me preocupa .

- Vender a terra , ele também ?

- Pois é ... as coisas mudam muito .

Chegam ao local em que se devem separar . A noite se queda , sozinha , amortalhada de branco . Chega uma brisa do sul , desmanchando o penteado da professora . Caminham silenciosos . Param .

- Quando vai a Porto Alegre ?

- Em fins de fevereiro .

- Então , há bastante tempo para trocarmos idéias .

- Tanto melhor .

A jovem - aquele olhar verde vivo - continua a fasciná-lo . Olhar límpido , penetrante . Num instante , desenha-se na mente do rapaz , aquele antigo mundo de felicidade : A infância , o Antônio Vieira , a primeira comunhão ... Aproxima-se mais da professora - aquele perfume ... - na tentativa de um beijo . Andressa desprende-se-lhe rápida de sua mão , cortando-o com um olhar atravessado .

- Boa noite ! ...

Por alguns instantes , ele fica pregado ao chão. Seria possível que ?...tão errado ? ... Sente ódio - não sabe se de si mesmo ou de Andressa . Um grito estridente de quero-quero acorda-o.

Semanas após , repete-se a colheita da uva . Fevereiro era aquele ritual de sempre . Desta vez, na propriedade do senhor Ângelo Remor . Andressa continua " uma uva " , na opinião de Aldo . O velho Piero Gaiatto , sempre com seus episódios fantásticos da " guerra " . Emociona-se facilmente , revivendo sua história .

- Quando chega o trator novo - Seledelli ?

- No fim de março , ou no começo de abril .

- Então vai triplicar a plantação de trigo .

- Devagar , Gino . E a colheita ?

- Os Miotto têm colheitadeira .

- É , mas depender dos outros , é muito arriscado . Mesmo assim , vamos plantar bastante .

Aldo chega por ali , e entra na conversa :

- Então , mais uns dias , e se manda pra Agrópolis ?

- É mesmo , Aldo . Nem parece verdade . Mas descobri que o es tudo da terra me realiza mais do que qualquer outro curso.

- E depois de formado , vai voltar a Vista Alegre , pra nos dar uma mãozinha ?

- Ah - isso não sei ainda . Quiçá , um dia ...

- Seria ótimo , alguém que entende do assunto, orientar os agricultores ; principalmente agora , que estamos querendo mecanizar a lavoura .

- É verdade que os Gaiatto também estão para comprar máquinas?

- É . Parece que , em junho , vai chegar um trator novinho .

- Escuta : e a terra ?

- Estão comprando em Navegantes . Naturalmente , confiam numa ótima safra - e no apoio do Governo Brizola , que está chegando .

- E por falar em terra , os Santin se foram mesmo pra Santa Catarina ?

- Pra Chapecó . Estão muito bem por lá .

- Venderam tudo , por aqui - Aldo ?

- Venderam . Nós compramos uma parte . A outra, foi uma família de Erebangó, que trabalha com erva-mate .

- É , o pessoal está se mandando mesmo ...

A vindima foi o convívio de sempre . Dois dias após , não faltou o tradicionalíssimo " serão do vinho doce " , embora a safra , desta vez , não fosse tão generosa quanto anteriores. Tudo virou festa , na casa dos Remor . Despedida de Andressa e de Gino. Conversa animadíssima . O PTB não negará fogo. A eletrificação rural não tardaria a chegar . Brizola , certamente, cumpriria suas badaladas promessas . Entre goles de vinho , os " causos" tornam-se repetitivos : terra, máquinas, política , preços , etc. . Aldo Beledelli comentando que " não sei onde ouvi falar " , um tal de Almeida de Passo Fundo , estava de olho nas terras do Orlando. Dentro em pouco chega o chimarrão , e o quatrilha ganha ainda mais vida .

Gino se aproxima de Andressa :

-Vamos até a varanda ?

Pequeno silêncio .

- Vamos .

No céu há um pedaço de lua e um mar de estrelas inquietas. Um céu macio .

- Neste ano, a gente se escreve mais vezes , não é ?

- Mas você começa , Gino. Não faça como ...

- Pode ter certeza . Vou-lhe escrever seguido.

- Olha Gino ... queria pedir-lhe desculpas. Aquela noite , no parreiral, e depois , acho que fui ... Sabe , naquela noite fiquei tão nervosa que , ao chegar em casa , tropecei na escada , e lá se foram cesta e uva para o chão !

Ambos riem gostosamente .

- Ora , sua boba , não foi nada !

Entrelaçam-se as mãos ; cruzam-se os olhares . Aqueles olhos verdes ... Um curto silêncio permite-lhes distinguir vozes e gargalhadas , vindas da sala .

- E o nosso PTB ?

- Agora ou nunca , Gino ! Tenho certeza de que o Brizola vai sacudir toda essa situação.

- Coragem não lhe falta . Nem meios . Essa vitória fantástica prova que o povo está em peso ao lado dele .

- Mas não esqueça , Gino , que a força política dos latifundiários é muito poderosa . Eles contam com o respaldo do Capitalismo Internacional .

- Falando difícil , hein professora ...

Calam-se de novo . Na sala , ferve o jogo , sobem as vozes . Dentro dela (- Como ? Por quê ?) , aquela repetição incômoda: O

corujão , o vento frio , aquela orquestra brotando do fundo da san-
ga ... os bilhetes ("... um dia volto prá te laçá..!") . No alto, a
quela fatia de lua , driblando estrelas. Contaria tudo a Gino ?...
Não , não !! Melhor calar . Ele nota-lhe qualquer quê :

- Que há com você ,Andressa ?

- Eu ?... nada , nada . Quer mais um pouco de vinho ?

- Você vai " sentir " muito a nova vida , em Porto Alegre .

- É claro . Pelo menos no começo. E você , em Agrópolis ?

- Me acostumarei logo .

Correndo mais uma hora , chega a vez dos boa-noites , e dos a-
braços de despedida . Para o quatrilho e o chimarrão . Recomenda-
ções , promessas , troca de olhares fundos. Um beijo um tanto de -
morado . Um gosto bom de vinho doce nos lábios ...

Andressa vai ao quarto . As duas enormes malas estão aí,pron-
tas para a viagem . Meia dúzia de estrelas entram pela janela,mis-
turadas a um túbio feixe de luar . " Quatro ou cinco anos longe do
meu chão , e talvez ... " . Contempla a terra que tanto ama . Fora,
aquela quietude pálida . Do alto da coxilha , os Gaiatto lhe envi-
am notas melancólicas de uma velha canção de guerra :

" Ó Monte Grappa, come sei bello ,
tu sei marcello de la juventú..."

Doas lágrimas correm longas pelo rosto da professora .

Agrópolis é uma cidadezinha meio perdida nas encostas da Depressão Central - a poucas horas de viagem de Santa Maria . Gino chega ao Hotel São Luiz . Faz um calor insuportável . Não existem mais quartos individuais para se alugar . Se quiser, pode dividir um , no terceiro piso , com um professor que ali chegara há poucos dias . Pensa um instante . Acaba aceitando . Sobem por uma escada velha que ringe muito .

- Este é o professor Osmar Giuliani - diz o porteiro , depondo a pesada mala . Formado em Matemática .

Gino se apresenta . Cumprimentam-se .

Osmar tem os olhos muito vivos , cabeleira e barba longas , accentuando-lhe o ar de intelectual . Natural de Faixinal do Soturno , Colônia de Silveira Martins .

Os meses de março e abril costumam a passar . Longos demais para Gino . O calor , sufocante . O vento-norte , uma chatice quase diária . Osmar costuma dizer que o vento-norte é um "vento mole" , tal a indisposição que em todos vai deixando ..

Mas, com o passar do tempo , Gino se adapta . No primeiro ano , participa apenas de aulas teóricas . As experiências diretas com a terra viriam nos anos subsequentes . Joga no " Cobra Verde " local - onde é ídolo . A correspondência com Andressa é agora freqüente . A estudante se queixa do " ritmo desumano" de Porto Alegre . Gino tranquiliza-a : " O tempo passa depressa". Por vezes , escreve-lhe em termos de " casamento futuro " . Ela responde com frases apaixonadas .

Num domingo desses , pelas 10 horas da manhã , chega uma visita inesperada : Luiz Roberto , acompanhado do Irmão Alcibiades Gazzoni - um Marista jovem que fora colega de estudos do professor Osmar . Apresentam-se , dão-se sonoras palmadas nos ombros , abraçam-se .

- Mas , então , " sábio grego " , (é assim que Osmar chama ao Marista) que é que nos contas ?

- Na mesma de sempre . Mas , escuta , quem é que esteve de aniversário ontem ?... Eu trouxe um vinho pra ...

- Que ontem , nada ! É hoje mesmo ...

- Ah , mas é verdade ...

- Eu nem desconfiava , diz Gino .

Cantam um desafinado " parabéns a você" . Novos cumprimentos .

- Mas isso vale uma roda de chimarrão e uns " causos" - sugere Luiz Roberto . Desce à cozinha do Hotel e , sem demora , chega com a cheleira e a cuia do amargo .

83

- Quem é que começa ?

- Você mesmo - Luiz .

- Eu não , Gino . Começa tu . Teus contos são mais engraçados. Ainda me lembro daquele na Pensão Charrua , em Livramento ...

- Não lembras nenhum fato da tua carreira de " atelta profissional " - diz Osmar , com boa dose de malícia .

Gino vasculha a memória :

- Lembro sim; mas , só conto se o aniversariante abrir o litro de vinho , agora mesmo .

- Isso é o de menos , responde o professor , já providenciando alguns copos .

- Pois solta essa língua , assevera o Marista .

Gino abre a memória :

- Foi em Vista Alegre . Eu tinha meus 17 anos , e jogava pelo Triunfador . Acontece que o Flor da Serra de Navegantes - nosso a cirrado e velho rival - propôs um jogo para inaugurar um terno de camisas novas . A princípio , o nosso Presidente não quis aceitar. É que , dificilmente , um jogo entre essas duas equipes deixava de acabar em briga .As vezes corria até faca !

- Então o negócio era pra macho , mesmo ! - atalha Osmar , servindo os primeiros copos de vinho .

- Ah , é . Mas , conversa vai , conversa vem , o jogo acabou sendo acertado . Seria um jogo festivo , tudo em paz - falava-se . A Rádio Sideral fez aquela propaganda pra cima do tal jogo, chamando-o de " o clássico do trigo " . O maior problema era achar o juiz . Um juiz " que não se mixasse". Por fim , concordaram que fosse um tal de Vasco Dal Ponte - o melhor da região , com Curso de Arbitragem em Porto Alegre, e tal . Pra falar a verdade , o Vasco era bom mesmo . Certa vez, foi apitar em Soledade , acabou expulsando meio time , só num golpe . Deu um rolo !! Mas isso é outra história .

- Toma um vinhozinho pra refrescar a memória - solicita-lhe o Marista , oferecendo-lhe o copo .

Toma uns goles rápidos e continua :

- Me lembro , era um dia muito bonito . Mas fazia frio . De manhã , teve missa . O padre fez mil recomendações . Se jogasse como convém a cristãos ... Ao meio dia , rolou o vinho e o churrasco . Às 14,00 horas , chegou a equipe visitante . E três caminhões entulhados de torcida . Uma enorme bandeira , no Chevrolet que vinha à frente . E aquela gritaria dos infernos : " Flor da Serra ! Flor da Serra !! ... " . O velho Gígio não podia faltar :

" Viva o PSD , cambada ! " . Escutando isso , o velho Romano pula da bodega , como se tivesse sido insultado - copo de "graspa" à mão :
" Viva o PTB ! PSD de merda ! Viva o Triunfador ! Jogo uma dúzia de cerveja ! ..."

- Mas isso parece mais quente do que carreirada de fronteira !

- É mesmo , Luiz . Deu um foguetório de fazer saltar os cavalos , amarrados nos pés de erva-mate . Tinha nego trepado em pé de pláta - no , parecia até macaco ! Mas o grosso da história foi mesmo na hora da equipe do Flor da Serra entrar em campo : Cadê as camisas! ... Tinham-nas esquecido ! Foi aquele bate-língua , na carroceria - que servia de "vestiário" .

- Mas que baita fiasco ! - diz Osmar , tomando mais um vinho .

- Por sorte , Navegantes fica só a 4 quilômetros de Vista Alegre : O Rampelini chispou fogo no caminhão. Enquanto isso , as torcidas femininas assanhavam-se mutuamente . Era sé " fiasquento" pra cá , " perna seca " pra lá ... E o Gígio provocando que fosse bem " homem " de Vista Alegre que se apresentasse . Jogaria duas dúzias de cerveja . O Romano esfrega-lhe o copo de cachaça na cara : Negócio fechado . E com um gol de vantagem para a equipe visitante - " porca miséria " ...

- Escuta , Gino , tu não estás inventando nada - não ?

- É a pura verdade , Osmar . Lá pelas tantas , os valorosos esquadões estavam em campo .

- Que posição era a tua ? - indaga o Marista .

- Lateral direito . E ademais , capitão do time , improvisado . O nosso capitão - um tal de Gritti - estava doente . Pois não é que bem no comecinho do jogo , tive de aterrar - dentro da área - o ponteiro esquerdo deles , um tal de Ortanilo !

- E o juiz ... pênalti !?

- Que nada ! Estava ainda no centro do gramado, dando um toque final no seu cronômetro . Deu um esparramo ! ... Juiz e bandeirinhas cercados . O padre entrando em campo . O velho Gígio esfregando a bengala na fuça do Romano , e provocando o juiz com tudo o que era " gentileza " ... Depois de uns 10 minutos , seguiu a contenda . O nosso adversário estava assanhadíssimo , mas o nosso central - o Valdomiro Peretti - não queria conversa : Bola no pé dele , ia parar na invernada mais próxima ... A torcida feminina visitante era um grito só : " Recurso , recuro , recurso !! " E a nossa dava o troco em cima : " Só quem pode ! Só quem pode ! ... " Pra encurtar a história , quando faltava um minuto para o encerramento do jogo , me larguei como um desesperado pela lateral-tudo ou nada - passei por dois ad -

versários, ameacei o cruzamento , ginguei o corpo , a defesa deles abriu , e eu meti toda a quantidade de alma no chute . Enfie o pé com tudo : A bola bateu no poste esquerdo do goleiro Uberti, e foi morrer no fundo do barbante ! ...

- Gostei mais da " quantidade de alma " , mas não exagera, Gino.

- Não vi mais nada , Osmar ! Foi um bode só , uma explosão, uma loucura ! Me lembro bem que um garoto caiu de um pé de plátano , quase se arrebenta todo ! Era invasão , abraços, foguetes, o diabo! A equipe deles , pra cima do Vasco , querendo comê-lo vivo ! "Estava surrupiando no tempo ... o Celito estava completamente na banheira ... aquele pênalti , no início do jogo ... " O bandeirinha consultado , não vira o lance - " estava meio escuro...". Depois , eram os empurrões, palavrões , e as promessas de " vocês vão jogar em Navegantes , quebramos todo mundo ..." . Mais ou menos meia hora depois (já estava escurecendo bastante) , bola no centro, e fim do amistoso ... A mãe do juiz , coitada !... E a torcida deles: " Ladrão, ladrão ladrão !! ... filha da ..." E vinha a resposta: " fiasquentos ! Pernas secas ! Olha as camisas !..."

- E ficou por isso mesmo ?- pergunta o Luiz , ávido de mais algum lance pitoresco .

- Mais ou menos . O juiz embarcou no seu carro bege e fugiu como um raio . Na bodega do Darci Comin , o pessoal foi serenando os ânimos , entre um copo de vinho ou de cerveja . Mas que fumaça, meu Deus !!

O Irmão Alcibiades apresenta-lhe mais um copo :

- Toma , que é do fundo do litro !

Luiz ataca mais uma cuia de chimarrão , e vira o assunto :

- E como vai a vida por aqui - o teu curso ?

- Vai bem . O único problema é que não concordo com as idéias do professor de Práticas Rurais . Esses dias , tivemos um acirrado e longo debate sobre o latifúndio gaúcho . O professor acha que o Rio Grande praticamente não possui problemas de distribuição de terra . Ora , só mesmo um cego não vê !

- E o pior cego é aquele que não quer ver ! - sentencia o Marista , arrancando uma frase bíblica .

Osmar brinca :

- O "sábio grego" falou , tá falado !

- É , mas o Brizola já está mexendo com os palitos ...

- Acha que ele conseguirá alguma coisa , Gino ?

- Olha , Irmão : É difícil afirmar algo. Ainda é cedo. E você sabe que , mudar toda uma estrutura sedimentada em vários séculos,

não é assim no mais . Mas que vai dar " barulho" , ah isso vai !

- O negócio deveria ser resolvido a pau !
- Que nada , professor Osmar : " Violência gera violência " !
- É , com o " sábio grego " falando, a gente tem mesmo é que calar o bico ...

O tempo vai passando depressa . Quando Gino sai de Agrópolis para defender as cores do Cobra Verde FC , seja na Campanha ou na Serra , ou mesmo em seus rápidos estágios pelas estâncias , impressiona-se cada vez mais com a presença do latifúndio. Em toda parte , aquelas vastas extensões de terra , com enormes áreas incultas .

Naquele final de 1960 , Gino não goza férias . Aproveita para um estágio na Estância Minuano - em Caçapava do Sul . Experiências com novas sementes de arroz , trigo e milho . Ali , Gino observa a estruturação geográfica e social da estância : Terra , nem sabe quanto existe ! O estancieiro residindo em Bagé . Dois de seus filhos estudam em Santa Maria - no " Colégio dos Padres" . O Capataz comandando a vida da estância . A peonada - oito gaúchos - constituindo a força-de-trabalho , sem contar suas famílias . Há apenas um trator e implementos agrícolas obsoletos . Cria-se o gado bovino em regime semi extensivo . A casa do estancieiro , quase um palacete , no meio do campo . Em contraste bruto , o velho galpão, surrado pelo vento pampeiro - onde os peões guardam seus petrechos ; onde vários deles dormem - por entre pelegos e ponchos - noites geladas de inverno ; onde roda o amargo e correm "causos" .

Numa dessas noites , após o jantar , o Professor de Práticas Rurais e mais alguns estudantes estão ali , na varanda do galpão . Finida a breve palestra , Gino abre o jogo :

- Professor , o que acha do modo de produção dessa estância ?
- Acho que funciona perfeitamente bem. Temos aqui mais de quatrocentas cabeças de gado, uma boa lavoura de arroz e um ótimo açude . A peonada , pegando firme . E vejam bem que o estancieiro é um homem economicamente realizado!! Tem filhos no " Colégio dos Padres " e, cada ano , exporta ...

Um colega de Gino interrompe :

- Não acha o senhor que a produção deste latifúndio poderia, no mínimo, ser o triplo do que a atual ?

(Em seu íntimo , Gino acha a pergunta oportuna e corajosa ; e no interior da própria consciência , apleude o colega) .

A pergunta vem à queima-roupa :

- Bem... mas isso é outro assunto. Acho que ...

- ... que assim como está , está muito bem - completa Gino ironizando.

- Não se esqueçam de que a agricultura do Rio Grande é uma pujança ; e mais bem desenvolvida do país !

- Apesar dos gravíssimos problemas crônicos que vem sofrendo, ao longo da História .

- Quais , por exemplo , Gino ?

- O mais grave é inegavelmente o da injusta distribuição das terras . Veja bem , professor : Numa área rural de quase 24 milhões e meio de hectares , apenas 1,83 % de proprietários detêm a área equivalente a 47,97 % . Por outro lado , 85 % de nossos proprietários rurais estão encurralados em apenas 24 % de nossa área agricultável . De toda a área produtiva gaúcha , apenas 13% está sendo cultivada . E tem mais : Quase a metade das famílias não têm terra de espécie alguma . Que acha , professor ?

- Ora , isso devem ser estatísticas inventadas por brizolistas extremados .

- São dados do IBGE. Tenho tudo anotadinho aqui no meu caderno . Mas , graças a Deus , ainda no período do Governo Brizola , teremos experiências de Reforma Agrária . Penso que assim estaremos dando os primeiros passos , para se realizar um mínimo de justiça social .

- Mas isso é puro Comunismo ! Cuidado, Gino ...

Os primeiros peões vêm chegando das lides do dia . Desencilhem os cavalos , cevam o chimarrão, esquentam o charque . Um deles - atento à conversa entre professor e estudantes - se apegou :

- Me permite um atalho, chê ? Se o Brizola botá a mão no "caso" da terra , pois le garanto que vai encilhar o pingo certo. Quando o meu patrão voltá de Bagé , vou ter uma charla macha com ele . Quero me bandiá pra qualquer pago , onde o Governador distribuir terra . Sabe , vivente , quem nunca teve vez , e sempre teve debaixo das esporas , ...

Os demais se entreolham . O gauchão sorve uma longa tragueada de mate amargo , e lasca um pedaço de carne . Vem um vento agradável brincar com seu lenço colorado e com suas bombachas .

- Quer dizer que o amigo não está satisfeito, aqui na estância ? Não está bem por aqui ?

O peão apanha a chaleira encardida , enche novamente o poron - go , e desabafa :

- Não estou mesmo , chê ! Nuncas da vida ! Faz quase vinte anos que trabalho por aqui . Pois não tenho um palmo de terra, viven te ! Nem rancho . Meus piá estão por aí , soltos que nem potrilhos. Nem sabem o que é escola . Eu e a patroa também não sabemos lê nem escrevê . Bueno , mas agora , se o Brizola vai dar terra ...

- O Brizola é um comunista , um traidor da Pátria !

- Pois aí é que o senhor coloca a espora em bota trocada ! - atalha outro peão , chegando à roda , um copo de licor de butiá à mão . Brizola é índio macanudaço do Planalto Médio . Entende esse negócio de terra , barbaridades ! Acho que , com esse governo , chegou a vez da gauchada que anda por aí , sem terra -solta como marrecão de banhado ! Pois quando chegá o patrão , também quero a certá as guaiaca ...

Gino escuta atento. Era a voz de milhares de famílias gaúchas sem terra (as estatísticas falavam em mais de 240 mil !), que saía da boca daquele gaúcho anônimo , preso ali naquele semi-de - serto da Estância Minuano - submisso a um sistema de produção, a serviço do Capitalismo .

A discussão avançou noite adentro (o professor mandava o Brizola pra Rússia , pro inferno !) , até que a gauchada se recolheu no galpão , ou nos seus ranchos . Alguns deles, apenas tiram as botas , enrolam-se em velhos ponchos , e se jogam por sobre os pelegos , esperando o dia de amanhã .

Antes de se recolher , Gino dá mais um relance de olhos pelos arredores : Meia dúzia de cinamomos , alguns pés de eucalipto, uma pequena garagem . Num relevo do terreno, a imponência silenciosa , o " palacete" do estancieiro. Nada de pomar ou de horta . Pelos lados do sul - vindo de Bagé - sopra um vento frio . No dorso da coxilha o luar semeia sua brancura , amortalhando as ovelhas, ali es tiradas . Nos fundões da estância - perto do açude - guinchos de quero- queros e de marrecos , como que voando de encontro à lua.

A estância dorme .

De regresso para Agrópolis , Gino recebe uma carta comunican - do-lhe que seu pai efetivamente vendera a terra aos Beledelli , e que a família se transferira para Caxias do Sul . Porém , não ha - viam vendido tudo . Um terço da terra tinha ficado para ele - Gino - como herança . Dona Gema não se conformara absolutamente , mas... Marco afirma que os negócios haviam sido ótimos - tudo como haviam discutido anteriormante . Diz ainda que as máquinas agrícolas es - tão invadindo terras e mais terras de Vista Alegre e arredores. Mui - tos agricultores se obrigavam a vender suas posses e migrarao Oes - te de Santa Catarina , Norte do Paraná , ou Sul do Mato Grosso .

O ano passando . De Porto Alegre , vinham notícias de Andressa: Brizola anunciando reformas , experiências no setor agrário .

Gino vem estudando o que diz a Constituição do Estado a respei - to do problema agrário. Chama -lhe particularmente atenção o arti - go 147 :

" O direito à propriedade é inerente à natureza do homem, depen - dendo seus limites e uso , da convivência social " .

Isto faz Gino pensar nos peões da Estância Minuano , representa - tes de milhares e milhares de famílias gaúchas - e brasileiras - sem terra . Acompanha tudo , entusiasmadíssimo, pelos jornais e rádio . As mudanças que o Governo Estadual vinha anunciando geram contro - vérsias as mais acaloradas . Prenunciava-se , aos poucos (Gino "sen - tia" isso) , uma violenta contra-reação, movida pelos setores da burguesia rural e industrial . Para muitos militares , e para vá - rios segmentos da Igreja , Brizola não passa de um comunista peri - gosíssimo . Um escandaloso e iminente atentado à soberania e à na - cionalidade brasileiras ...

Numa tarde dessas , Gino regressa das aulas animadíssimo , qua - se excitado :

- Professor Osmar , a nossa aula de hoje foi pra valer . Discu - timos sobre o direito de propriedade . Quase deu morte ...

Osmar ergue a cabeça , alisa a barba , procurando desligar-se do teorema que não consegue resolver :

- Cuidado Gino - não te metas nisso . Vais acabar te complicando todo .

- Que nada . Acho que tenho o direito e o dever de expor as mi - nhas idéias e defendê-las. Quem é que não vê toda essa situação ver - gonhosa de injustiça social ? Honestamente , penso que o Brizola es - tá no caminho certo . É claro que não é nenhum salvador, que irá a - cabar com os nossos problemas. Mas , ninguém poderá negar a valida - de do seu trabalho pioneiro que - convenhamos - exige muita coragem.

Sábado à tarde . Gino e Osmar tinham viajado a Santa Maria , atendendo a um convite do Irmão Alcibiades . Nas dependências do Colégio Santa Maria , a Banda Marcial dá uma exibição de gala . " Um negócio ! " - como afirmam a platéia .

Findo o espetáculo , Gino afirma ao ouvido do professor Osmar:

- Só repare quanto estancieiro rico ! Que festa para a nossa aristocracia rural !

Osmar dá de ombros .

O Irmão Alcibiades aparece , alegre como sempre :

- Opa , gente boa , vamos tomar mais um vinho ! ?

- A idéia é excelente . Porém hoje - além do vinho - tu deves nos brindar também com um "causo " . Hoje és tu que estás de castigo .

- Com muito prazer, " bodinho" - era este o apelido do professor Osmar - podem chegar à sala de visitas, que eu vou buscar o vinho .

Minutos depois , estão todos confortavelmente sentados. Luiz Roberto também não poderia faltar. Os primeiros goles de vinho esquentam a palavra .

- Mas então , " sábio grego" , o que nos contas hoje ? Não te ocorre nenhum episódio sobre as tuas andanças por aí, acompanhando a Banda Marcial ? Por falar nisso , a exibição de hoje foi um colosso !

O Marista agradece ; contrai um pouco os músculos do rosto - barbeado a rigor . A batina cai-lhe impecável naquele corpo esguiu

- Pois não , meu jovem professor Osmar . Deixa refletir um pouco . Ah : um fato que jamais esquecerei foi a nossa excursão a São Paulo. Coisa de dois anos atrás . Participamos do Concurso Nacional de Bandas Marciais .

E o jovem religioso conta , entusiasmadíssimo : A viagem fora extremamente cansativa . Três ônibus lotados . Tiveram de hospedar-se no Pacaembu. Num pavilhão de cimento batido. Alta madrugada - quando a muito custo a turma se acomodara e dormia - rebentou um toró violentíssimo . Estouraram umas calhas de uma ala em reformas , e foi aquele chuá ! ... A água invadindo tudo. Colchões cobertores, lençóis , uniformes novos , malas , tudo encharcado ! Uma função louca ! Muitos se rebelaram e quiseram boicotar a apresentação . Cinco elementos da Banda haviam desaparecido... Mesmo assim, a banda desfilara e dera seu recado - com toda a garra - no Vale do Anhangabaú . Que espetáculo ! Havia umas cem bandas concorrendo . Uma loucura : Cada uma só podia exhibir-se durante cinco minutos . No dia seguinte , em Registro - apavorando a popula-

ção e o esquema de trânsito - acontecera um estrondoso carnaval , na hora da notícia ! Primeiro lugar ! Deu a louca no pessoal; os instrumentos foram arrancados dos ônibus e foi o que se viu: Registro toda em polvorosa , sirenes de alarma buzinando... No dia seguinte , na chegada , uma apoteose ! O Prefeito decretara ponto facultativo ...

Terminada a narrativa , Gino só faz elogiar o vinho . Pena a-quele calor . O Irmão esclarece : " Vinho puro, de Garibaldi , ser-ve até pra vinho de missa! "

Esgotados todos os detalhes do " caso ", o Marista bate no ombro de Gino :

- Então , como vai a nossa Reforma Agrária, seu brizolista ?

- Os projetos estão aí. Acredito que já no próximo ano, te-remos experiências concretas .

- Para mim , tudo não passa de um hábil golpe demagógico do Brizola . Um plano bem urdido para angariar mais votos nas pró-ximas eleições . Sabe , político é ...

- Não creio , Luiz . O Governador é um homem da terra . Sen-tiu o problema na própria pele .

- Mesmo assim , não creio na resolução da problemática agrá-ria .

- De pleno acordo , Irmão Gazzoni . Sabemos que praticamente a metade das terras estão sob o controle e posse de apenas 1,8 % de proprietários rurais. O latifúndio é um monstro ! Mas alguém deve arregaçar as mangas e enfrentar a parada . E o Brizola está aí " dando murros em ponta de faca " , sem medo de sangrar a mão. O pessoal da Estância Minuano diz que o Governador " usa esporas bem afiadas, chê! "

Osmar quer pôr um ponto final àquela conversa chata , chei-rando a comunismo .

- Vamos embora , antes que o Gino fale em foice e martelo... e antes que percamos o ônibus .

- Boa idéia, Osmar . Está ficando tarde . Antes que me esque-ça : Minha formatura está próxima. Mandar-lhes-ei o convite, é ló-gico . Estão proibidos de faltar .

- Obrigado . Lá estaremos .

Na despedida , fica decidido que o " castigo" de contar o próximo " caso " caberia ao Luiz Roberto . Do contrário , nada de vinho pra ele ...

32

Gino recebe outra carta de Porto Alegre . Andressa enviara-lhe também uma cópia de duas conferências de Brizola. A primeira, proferida na sede da UNE- no Rio de Janeiro. A segunda , em Presidente Prudente , também dirigida a estudantes . O Governador gaúcho alertava os jovens , expondo toda a situação da America Latina , e sua relação com os Estados Unidos . Falava do " caso cubano". Indagava por que as dezenas e dezenas de projetos de Reforma Agrária , propostos ao Congresso Nacional , nenhum sequer lograra converter-se em realidade . Alertava para o perigo da infiltração de grupos internacionais . Conscientizava a juventude de que urgiam , no Brasil , reformas sócio- econômicas radicais . Especialmente, no que respeita aos setores Educacional e Agrário .

Dias mais tarde , Gino quer entregar esses discursos a seu professor de Práticas Rurais .

- Que é isso ?

- Assuntos relativos ao problema agrário brasileiro. Penso que podem interessar-lhe .

- Guarde isso , Gino . Melhor , põe no fogo ! Ainda podem lhe custar alguns anos de xadrez...

Água fria na fervura . Gino trata de precaver-se , mas não se entrega . Lutaria até o fim . Não era próprio de sua personalidade recuar , ante os primeiros contratempos . Pelo contrário, tinha alegria em lutar por uma causa que lhe parecia mais que justa. Não era gratuito o apelido que o " Bodinho" lhe dera : Brizolista teimoso ". Iria até as últimas conseqüências .

Os dias passando . Amiudava-se a correspondência Gino-Andressa . O Brizola continuava a fazer " das suas" . Sempre motivo de manchetes , de comentários acalorados , nos bares ; de inquietações e de controvérsias . Para uns , ele era efetivamente a salvação ; para outros , o comunismo que ia solapando os " sagrados pilares da nossa Democracia cristã..." .

Certa ocasião, Andressa escrevera , relatando a Gino as impressões e os resultados de uma visita que fizera a certa maloca da Capital : Porto Alegre , infelizmente , possuía um número escandaloso de favelados : Quase 100 mil ! " São os maloqueiros, como todo mundo diz por aqui . Muitos vêm do interior , tangidos pelo problema da falta de terra. Vêm carregando um sonho no coração, mas alta percentagem - desqualificada e sem a mínima cultura - acaba na marginalização , vivendo em condições sub-humanas ."

Gino vai-se interessando cada vez mais pelos acontecimentos :

Jornais , rádio , discussões na sala de aula ; pronunciamentos da Igreja - estava sempre a par de tudo . Quando alguns o chamavam de fanático , retorcava firme : " Apenas consciente ! "

Meados de dezembro. Andressa viera . Bonita como sempre. E ainda mais consciente . No outro dia , ambos subiriam a serra: Férias.

Gino é o "orador da turma ". Discurso breve , prudente, mas incisivo e claro . Injeta na platéia as mais desencontradas reações:

" A América Latina necessita urgentemente de milhares de escolas. Uma ampla e radical Reforma Agrária . Um arrojado programa de industrialização. Em suma : Uma revolução sócio-econômica , capaz de subverter essa ordem de ... O latifúndio , é o primeiro responsável pelo desequilíbrio social e suas consequências negativas . Sabemos que as pequenas e médias propriedades rurais vêm produzindo muito mais que os latifúndios - seja em termos de Rio Grande do Sul , seja em termos de Brasil."

Senhoras e Senhores , o nosso Estado é uma lamentável amostra da situação vigente no Brasil e na América Latina - momentaneamente no que tange aos problemas agrário e educacional. Tenho dito"

Aplausos , assovios , vaias , gritos .

- Vai pra Rússia , comunista !

- Muito bem ! Brizola , Brizola !

Orador cercado , cumprimentado. O professor de Práticas Rurais lança-lhe um severo olhar oblíquo . O mesmo faz o representante militar - vindo de Santa Maria .

No Hotel São Luiz , porém , improvisa-se uma festinha . Motivos , os há de sobra : Formatura , presença de Andressa , férias . Gino e Osmar providenciaram os " comes " . O Irmão Alcibiades aparecera com um garrafão de vinho rosé .

- Não precisava exagerar , né " sábio grego " !

- O vinho alegra o coração do homem ! -defende-se o Marista.

- "... e gera virgens ! " - arremata Osmar , mostrando que também entende de Bíblia ...

- Quem é que está de castigo , hoje ?

- Que castigo ? - quer saber Andressa , não familiarizada àquela linguagem cifrada .

- De contar um " causo " - explica Luiz .

- Pois hoje és tu mesmo " doutor" Luiz .

- Mas logo eu , que não levo jeito pra isso ...

- Não tem choro nem vela ! Já ficou combinado que hoje é a tua vez . Não vais escapar - insiste o " bodinho " .

Andressa vem em socorro :

- Deve ser muito bonito vocês contando esses " causos" ;mas ,

não acham mais interessante falarmos de outra coisa , por exemplo , sobre o discurso do Gino , ou... ?

Osmar discorda , mas Luiz aplaude ...

E o assunto , efetivamente , convergiu para o discurso do formando , problemas sociais , Reforma Agrária , Brizola ... O tempo voando , o vinho acalorando as idéias . Meia noite passada , o Irmão Alcibiades olha para o garrafão - que esvaziara bem três quartos - e indaga , como quem deseja pôr fim ao encontro :

- E daí , Gino - onde vais trabalhar em 62 ?

- Não sei ainda . Há uns estancieiros que me fizeram boas propostas , por aqui mesmo , e também em Santa Maria . Infelizmente , não vou com as idéias deles . Mas , trabalho é o que não me vai fazer falta .

- Claro , claro !

Entre apertos de mão, desejos de boas férias e de " muito boa sorte " , o Marista e o Luiz se vão retirando . Tomariam o Noturno , à uma e trinta da madrugada (O Irmão Alcibiades deveria estar na capela do seu Colégio , às cinco horas , sem falta , para a oração da manhã ...) .

Andressa debruça-se à janela do seu quarto de hotel - a muito custo reservado - e queda-se embevecida com a beleza noturna da pequena cidade . Tem às mãos um romance de Érico Veríssimo . (Costuma ler algumas linhas , antes de dormir) . Mas hoje não lê : O livro que tem às mãos evoca-lhe uma discussão que tivera com a Lídia . Sua colega não ia com literatura : Classificava os literatos de " alienados , e mais ou menos malucos " . Andressa , quase ofendida , tentando convencer a amiga de que o escritor é o porta-voz primeiro e o mais genuíno da sociedade em que está inserido . O artista da palavra deve anunciar e denunciar um determinado mundo . O escritor , sem ser panfletário , deve ser um crítico . Lídia a rebater que os ficcionistas e poetas são " uns boêmios , ou esquerdistas extremados , que não deveriam ter vez na sociedade - conforme lera certa vez , na " República de Platão " . Lembra que Elza viera em socorro , afirmando que o verdadeiro artista é " um autêntico profeta social " (gostou da expressão) que denuncia e incomoda , porque des-mascara ...

Andressa divaga . Fora , a lua pálida , as luzes merencórias , as casas dormindo . Ouve-se o trem macular aquele silêncio . A velha e minúscula ponte em estralos secos . O rio , deslizando impassível . Um pouco para o Norte , as montanhas e a mata - por onde se afunda um doloroso apito do Noturno . Ela se recolhe . O sono a vence .

As férias correm ótimas para Andressa. Aconchega-se novamente ao lar . Revê amigos , ex-alunos . Visita o "seu" Antônio Vieira , passeia na sua terra . Seus genitores continuam na rotina de sempre : O cultivo da terra , o trato do pequeno lote de gado. As máquinas agrícolas , chegando em maior número , atijando à cabeça de Ângelo Remor a idéia de vender a terra . Há um vago projeto de emigrar para o Oeste catarinense - talvez mesmo ao Paraná - projeto a que Andressa se opõe obstinadamente . Regressando de Porto Alegre , ela sente , mais forte do que nunca , o ímã daquela terra. A terra é uma força que lhe parece um destino. Uma força esquisita que atrai a jovem para dentro da natureza - como a raiz se aprofunda no seio da própria terra .

Ele vem chegando, mala às costas. Chega àquela porteira. Estranho : Nenhum cachorro a dar o aviso. À pouca distância , vê a casa. Ao redor , a erva crescendo. Quase um mato . Abre a porteira . Alguns pássaros se assustam com aquele ranger . Avança dois ou três passos temerosos . Um casal de joão-de-barro gargalha escandalosamente no galho de um pinheiro. A roseira que crescia abraçada à casa está quase selvagem. Duas rosas feias, silvestres. De longe, chega-lhe o ronco de um trator -" Os Gaiatto ?" - Uma cobra verde desliza por entre a grama crescida , assustando-o . Cheiro de tapera. Casa fechada . O galpão parece-lhe envelhecido uns dez anos.(Seria que o tempo fugira tanto assim ?). Faz um calor abafado. O verão arma uma de suas borrascas. Um galo canta , não se sabe de onde . Os 12 hectares , recebidos de herança , estão ali. Incluem todo aquele passado - um passado que não pudera segurar. Uma trovoadá fá-lo encolher-se . Depõe a mala , empurra a porta com violência , escancarando-a . O passado se abre . Dois ratos desabalam pelo assoalho, em busca de uma fresta . Cheiro de mofo. Gino sua . Um raio atinge o pinheiro , num estampido seco , ensurdecador . Joga-se ao chão , aquele discurso nos miolos . Vê o olhar oblíquo do Comandante das Forças Armadas e do professor de Práticas Rurais . " Comunista , vai pra Rússia ! " Chuva grossa . Medo e sonhos. Cheiro -tapera, resíduo de semi-consciência, trovões ou revolução, estoura mesmo, o piá do Orestes , as patas dos cavalos continuam trocando aqui dentro, pulsos escarlates, ratos fugindo , farejando fogo da revolução, pingos redondos rubros pingando , pingando caindo sobre o verde enluarado... o pasto , pastoreio , " por onde o Ne -

grinho passava... a vela benta pingando cera no chão... e nascia uma nova luz, e eram tantas, clareavam tudo... acendo uma vela... pra ti ... Brizola , Estância Minuano , Brizolinha capado, gargalhada do João-de-barro , Orides ... e peço que me devolvas a que-rência que eu perdi , minha mãe morreu mesmo a roseira da terra , morta Andressa ... Passo Fundo muitos tiros quem morreu fui eu , eu mesmo Brizola , Jango Uruguai " revolução , revolução ! ... ão!... "

Uma semana após , Gino está em Passo Fundo. Um grande proprietário quer contratá-lo para o assessoramento técnico de sua granja de soja e de milho. Acabam não se acertando . O proprietário acha que só deve produzir para exportar . Uma visão essencialmente capitalista . Gino insiste na tese da policultura à que o outro se opõe de todo .

Aproveita a viagem para outros negócios. Era preciso trabalho. Quer encomendar novas sementes . Que perspectivas lhe traria o novo ano que está para chegar ? A terra é pouca ; os sonhos , largos demais . No começo deveria limitar-se às experiências que aprendera em Agrópolis , adaptando-as ao solo de Vista Alegre.

À tarde , chega a uma joalheria , mira um pouco a vitrine, entra e escolhe um par de alianças. Muito bonitas , mas simples - o que lhe permitem as suas economias . Ao tomar a direção da rodoviária depara-se (seria possível !?...) com Orides :

- Então , amigo , o mundo é pequeno ...

- Pois é , chê ... não pensava le encontrar por esses pagos .

Mas , me conta : Já terminou os estudos ?

- Já . Há pouco , voltei a Vista Alegre .

Gino repara naquele olhar de rapina - aqueles olhos de gavião. Adivinha qualquer coisa oculta .

- Mas chê , como vai a Andressa - a professorinha ?

- Vai bem .

- Ôle , prendinha ! Linda como laranja de amostra !

Gino põe a mão direita no bolso, apertando o par de alianças.

- Diga que le mando muitos " recuerdos "...

Esquisito. Muito esquisito tudo aquilo. Gino está desconcertado .

- Serão entregues . Obrigado.

- Ahhh , é mesmo que você fez um discurso bem do comunista , em Agrópolis ? Não deu entrevero ?

Gino estremece . Incrível ! Como poderia ... o Orides saber de de sua vida , em Agrópolis ?...

- Ainda que mal lhe pergunte , Orides - onde é que está trabalhando agora ?

- Na estância do Anu - perto da Soledade. Tem lá um " doutor a grônomo " que le conhece . O tal de Silvério dos Reis . Se alembra dele ?

- Ah , sim ... sim... (? ...)

- Mas cuidado , doutor Gino , com esses discursos. Esses dias foram presos dois "melancias" em Porto Alegre ; e um , aqui em Passo Fundo , também está vendo o sol nascê quadrado ...

- Apenas defendi os direitos dos sem-terra .

- Pois olha , lá na estância , tudo o que é brizolista , é "melancia " . E os mais colorado , o patrão se encarrega de levá uma " charla " com o Delegado de Polícia ... Le aprevino, doutor. Bueno , se me dá licença , me vou arrinconando . Não esqueça das lembranças pra italianinha !

- Até a vista . Passe bem .

Durante a curta viagem de Passo Fundo a Nova Esperança , Gino procura ligar os fatos : " Discurso comunista ... Silvério... Bem que me lembro , na formatura ... Deve ter sido ele que me mandou à Rússia . Brizolistas na cadeia ... lembranças pra Andressa ... "Al_guma história não estava sendo bem contada . Precisar_{ia} ter com An_dressa uma conversa muito especial .

Entra o ano de 1962 .

Numa noite de sábado , Gino vai visitar a namorada. Não esquecera as alianças . Está muito bem trajado. Havia anos, não se preocupava em vestir-se bem . Na noite de formatura, foi aquele fiasco ...

- Huum , como está chique o nosso " doutor " ! " O meu coração era só teus passos ! "

Andressa abre-lhe a porta e um sorriso (" De que autor me bro_tou este verso ?...").

- Você é que está linda demais- coração !

- Entre , por gentileza.

Entra um tanto nervoso , meio embriagado pela beleza daquela figura feminina , vestida na sua simplicidade à italiana. Olhos agudos , verdes ; sorriso limpo (perfumado ?), cabelos negros, o rosto perfeito . (" ... recuerdos à italianinha ...").

Dona Rosa se apresenta, enxugando as mãos no avental. Ângelo a parece , saboreando um grosso cigarro de palha .

98

- Boa noite, boa noite , Gino !

- Boa noite .

Ninguém toma a palavra . Gino vasculha o bolso... Per sorte , o velho Remor quebra o gelo :

- E como foi a conversa com o granjeiro de Passo Fundo ?

- Mal , Angelo - muito mal . Só quer plantar pra exportação . Não concordo com essa política . Acabamos não nos entendendo.

- Aliás , política essa completamente errada , diz a moça .

Dona Rosa nada entende daquela conversa de " gente estudada" Limita-se a aprovar tudo , acenando a cabeça .

- E onde pretende trabalhar agora ?

- Por enquanto , fico por aqui, aguardando uma oportunidade. Vou fazendo umas experiências , na pouca terra que possuo.

- Que lástima que a tua família foi pra " Caccia do Sul"-la - menta Dona Rosa - uns vizinhos tão bons ! Fazia mais de 20 anos...

- Aceita um vinho ?

- Obrigado , Andressa . Se não for incômodo , prefiro um chimarrão.

A dona da casa se apressa em ir à cozinha e - minutos mais - volta , com a cuia e a chaleira de água quente . O diálogo ganha vida . Andressa fala muito em Porto Alegre : Uma bela cidade , mas violenta . E que contrastes ! Grandes centros comerciais, amplas avenidas , imponentes edifícios, palacetes luxuosos , " convivendo" pacificamente com as malocas . Não se esqueça de lembrar o pôr - do-sol sobre o Guaíba - " uma ternura colorida ..." - e seus trabalhos no Diretório Acadêmico . Sempre gostara de exercer liderança estudantil , desde o seu tempo de normalista . O JEC lhe dera muita base e um pouco de experiência para isto . Sua mãe escutando boquiaberta , esquecendo-se de rodar o chimarrão. Gino aguardando o momento estratégico para entrar no grande assunto. Procura auto controlar-se , gesticulando exageradamente , dando atenção aos interlocutores.

Dona Rosa volta à cozinha para guardar o chimarrão. Gino aproveita (enfrentar a sogra era bem mais difícil ...) :

- Bem ... eu queria comunicar ... se o senhor e dona Rosa dessem consentimento, queria aproveitar a ocasião...

O rosto do rapaz e o da moça estão cor-de-vinho . Angelo solta uma baforada .

- ... para anunciar o noivado com sua filha ... (A frase decorada para a ocasião , não vinha de jeito nenhum...).

- " Mamma mia , que bello ! " - exclama Dona Rosa correndo de

volta à sala , as mãos no avental branco .

Ângelo , quase impassível , tira outra baforada :

- Bem ... se vocês se gostam , acho que ... né , Rosa ?

- Se gostam sim . " Mamma mia ! " Já vi os dois se beijando , debaixo do parreiral , é ! ...

O casal de jovens se desconcerta . Andressa ri , não sabe de quê-aquele calorão a subir-lhe pela face . Gino se recompõe :

- Trouxe até as alianças ... Comprei em Passo Fundo .

A jovem limita-se a exclamar :

- Ó , mas que surpresa !! Nem sei como ...

- Isso merece um brinde com vinho branco - diz o velho Remor , já descendo à cantina .

- E também uns doces , arremata dona Rosa .

Estando a sós , Gino aproveita :

- Meu bem - primeira vez que a chamava assim ? - sinto muito , mas tenho um assunto sério a tratar com você .

- Que é , meu bem . Você me assusta .

- Não se preocupe . Deixemos pra depois .

Aquele vinho branco como que ilumina de repente o pensamento de Ângelo :

- Mas , se é assim , não precisamos vender nossas terras . Passamos as escrituras para o nome de nossa filha ; depois de casados , vocês fazem como acham melhor - de acordo , Rosa ?

- E vem morar os dois aqui , é ! - completa ela .

Gino se alegra , mas observa :

- Mas a Andressa , depois de formada , não pode trabalhar aqui . Penso que precisaria ...

- Mais tarde , posso lecionar em Passo Fundo , e quiçá , depois , em Erechim .

- " Ecco , ecco ! Ma que bello ! " - aprova sua mãe , contentíssima .

- Momentos depois , os noivos estão à vontade . Andressa acaricia sua aliança :

- Obrigada , Gino . Estou até constrangida . Mas , qual é o problema que você que me expor ?

- Encontrei o Orides em Passo Fundo . Através de um colega meu , um tal de Silvério , ficou sabendo do meu discurso em Agrópolis . Falou que prenderam duas pessoas " comunistas " , em Porto Alegre , e outra em Passo Fundo . Advertiu-me de que o patrão dele dá um jeito , entregando ao Delegado de Polícia qualquer pessoa que ele julga ser comunista .

- Mas que horror !! ...

- O pior não á isso . O pior é que ele manda lembranças... a você .

Um calorão repentino queima Andressa por dentro. (" Um dia... volto pra te laçá ..v").

- Desculpe , quero perguntar-lhe algo ; espero não me leve a mal .

- Pois não .Que é ?

-Você tem alguma ligação com o Orides ?

Dentro dela , outra vez,toda aquela cena terrível: O corujão, o angico grosso ...

- Não , Gino . Dou-lhe minha palavra . Aliás , sempre tratei o Orides e o Argimiro com muita cautela . Se naquela noite, dan - cei com ele - lembra ? - foi porque ...

- Então , por que esse nervosismo todo ? Você está tremendo .

Contar-lhe -ia tudo ? - Não ! Sim ... Não ! Disfarça como pode e convida :

-Vamos até a veranda .

Vão . Bom silêncio . Depois, ficam arquitetando planos. Planos de noivos . Tempo gostoso . Em seguida , Andressa conta como acontecera o fim de Orlando . Uma monstruosidade ...

É tarde . Um galo canta , perdido na meia-noite .Cantar que , aos poucos , se dilui nos longes , por entre plátanos, cinamomos e milharais ... Dorme a vizinhança , coberta de silêncio. Gino se aproxima daqueles olhos verdes que o fascinam tanto :

- Amanhã , você e os " sogros " vão almoçar lá em casa.Eu mesmo vou preparar uma macarronada especial.

- E eu , por acaso , não entendo de cozinha , meu bem ? Vamos passar os dois ao redor do fogão , você me contando mais um desses seus " causos " . Os velhos vão fazer sala...

Gino sorri . Depois , um beijo longo como despedida .

A noite é sem luar. Mas o céu como nunca , parece bailar. Estrelas nervosas faiscam o infinito. E o bailado se desenha todo grácil , no fundo das águas limpas da sanga - toda música .As estrelas são como o olhar de Andressa : inquieto e áceso.

Gino chega em casa , aliança no dedo , Orides e a turma de Te rêncio atravessados em seus pensamentos :

- Os homens são mesmo uns monstros !!

De repente , Orlando passou a contar somente com o auxílio do Maninho - contratado mais recentemente - e de sua esposa Dorilda . Matutava , matutava , e a razão não achava uma saída . Por que dia bo teriam fugido Orides e Argimiro ? Pra onde ? Nunca se haviam queixado . Faziam lá das suas , mas trabalhavam a contento . Comida nunca lhes faltou . O churrasco corria gordo , quase todos os domingos . Pousos ? Os dois dormiam muito bem no galpão e , provavelmente , jamais desejariam dormir numa cama . Maninho afirmara que na sua cabeça , não havia " nem raio de pensamento " que lhe dissesse onde os dois poderiam estar . " Só me alembro que naquela manhã , ao acordar , não vi nem pelego , nem poncho , nem cavalo . Me estranhei , solito . Acho que bolearam a perna e se arrinconaram pros lados da fronteira . Um deles conhece bem São Borja ... "

Briga ? Problema de rabo de saia ? Estariam tremando alguma ? A princípio , esta hipótese incomodou-o um pouco ; mas já se passava um bom tempo , e nem sinal .

Agora , eram ele , sua mulher e o Maninho a dar conta da lavoura . E também do gado . A filha Olindina tinha apenas 12 anos , não ia com as lides xucras da roça e da mangueira . O piá - valente como quê - ia pra escola . Com seus oito anos , já era metido como gaudério em fandango , mas era ainda " guri molhado " . Só ele - Orlando - o Maninho e a patroa . Dorilda era gaúcha dos quatro costados . Em casa , só via era trabalho ; e na lavoura , era como homem . Buenaça - classificava-a o marido . Maninho trabalhava por quatro . Pegava no bruto como ninguém : Laçar , curar bixeira , castrear , arar com boi de canga , lidar com marcação - tudo pro negro era prazer .

Nesta noite estão na cozinha . Orlando , um tanto pensativo . A " charla " deste sábado à noite é um exame das atividades da semana :

- Como está a mocha ?

- Hoje começou a comer - patrão . Amanhã lhe aplico mais uma " injenção " , e acho que segunda-feira podemos soltar a bichinha .

- E aquele terneiro desaparecido ?

- Nem rasto , nem berro - fala de pronto Osmarito - Vareei toda a invernada , e nem sinal .

Dorilda e a filha acabam de lavar a louça . Pouco ou nada conversam . O piá , enfiado como gente grande : Não seria bom dar um pouco mais de sal pras ovelhas ? Por que não se plantava mais daquela semente que viera de Sarandi ? Estava rendendo , barbaridades !

Um súbito relâmpago risca a janela , e um estampido medonho ar

rancia um " ai , Santa Virgem !" de Dorilda . Olindina deixa cair o prato de doces , e o assoalho fica sameado de porcelana - cacos amarelentos . Orlando re-acende o lampião (A luz elétrica chegará logo , logo) . A conversa continua , cortada por coriscos e trovoadas . Os primeiros pingos começam a cair , ralos e grossos - redondos - querendo furar as telhas . Da mangueira , vem um berro lamentoso , longo . A cachorrada abre um alarido assanhado . Outro estampido . Parece ouvir-se o patear de cavalos , e vozes perdidas no meio da noite .

Maninho atira-se à porta , seguido de Osmarito :

- Pai , tem uns homens aí fora . Estão amarrando os seus cavalos nos pés de tarumã .

Aproximam-se . A cachorrada atrás , desconfiada . Maninho tenta distinguir algumas vozes que vêm vindo , abafadas sob enormes ponchos . Chegam à soleira :

- Buenas , Maninho ! Não conhece mais este peão ?

- Buenas noites , Orides ... venham se aproximando ! (??...)

Orlando também se aproxima , mastigando seu palheiro , apertando a mão a todos . Entram na sala , Orides, Argimiro, Terêncio , e mais um homenzarrão desconhecido - bigode espesso e barba por fazer . Chapéus de abas largas, ponchos , botas embarradas tomam conta da sala mal-iluminada . Dorilda e a filha espiam da cozinha. Orides lança à garota aquele olhar de rapina. O gavião de sempre . Osmarito mira os homens , meio desconfiado. Terêncio e o desconhecido são apresentados por Argimiro. Dorilda acende o fogo e providência o amargo .

Ná sala , Orides acaba de explicar : Não haviam fugido -que eles não eram covardes ; apenas uma " vontade guasca de gauderiar" . Se Orlando ainda precisasse dos seus serviços ,... Terêncio conta vantagens de sua estância - " nas barbas da Soledade " . O gauchão desconhecido - alto e tarracudo - não fala . Para Osmarito ele tem olhar de bandido . Maninho sente qualquer coisa errada. Chega o chimarrão . Orlando se entusiasma :

- São mais de 60 hectares de terra . Gado , invernação de primeira , boa aguada ... Planta-se de tudo . Desde o trigo, até o fumo pro gasto .

A chuva amaciara no telhado , mas do fundo do horizonte , trovões espaçados - longos e redondos - ainda sacodem as janelas . Terêncio , Orlando e Orides , travam uma violenta polêmica sobre as idéias e ações do Governador Brizola . As palavras " comunista" , " líder " , "peitudo" e " demagógico"... são mastigadas e remóidas .

Vez por outra , Argimiro pisca para o gauchão, e este para Terêncio. Mãe e filha continuam medrosas, enfiadas na cozinha. Outro ribombo , fazendo alongar e tremer as chamas dos lampiões . Engrossa o vento e a chuva-de-pedra .

Era o momento :

Terêncio achega-se ao lampião da sala - ergue-lhe o vidro enfumaçado - acende um crioulo . Faz sinal para que Orlando se aproxime. O gauchão desconhecido mete-se de pé ; Orides cossa a cintura .

- Leia , por favor !

Maninho entende tudo . " Cachorros!! " . Osmarito corre à cozinha , contar qualquer coisa a sua mãe .

Silêncio , chuva e trovoadas .

A dança nos olhos de Orlando. Timbres , carimbos, números ostensivos . Nomes de testemunhas , assinaturas. Local e data . Passo Fundo ... firmas reconhecidas . No cartório desta Comarca . Saibam todos quantos ... comprador : Senhor Terêncio Almeida , brasileiro ... Eu , na qualidade de ... sob o número ... assino e dou fé ... gozar do pleno uso e usufruto ...

As chamas se apagando , as letras se sumindo, amarelentas. Ele treme . Espuma . Rasga tudo . Serra :

-Covardes duns bandidos!!

Dois tiros , e o sangue sobre o papel rasgado. Dorilda flecha para a sala , num choro animal . Maninho , eletrizado, gelado. Olindina atrás do fogão , curvada sob os trovões e as descargas de revólver.

- Quero uma limpa completa ! - grita Terêncio .

Num raio , Maninho enfia-se atrás da porta que dá para a cozinha e , num balaço certeiro , abate o desconhecido . Orides e Argimiro , rápidos , caem sobre ele , a bofetões e a ponta-pés . Osmarito voa u ma acha de lenha na testa de Orides, abrindo-lhe um corte. O próprio Terêncio acaba com o piá e sua mãe , com dois tiros covardes. A tempestade e os trovões abafam os tiros , os gritos e o escândalo da chorrada. Orides e Argimiro caem sobre Olindina - disputando-se o direito de fazer primeiro o "servicinho " ... Terêncio assiste a tudo , gargalhando animallescamente . Maninho ainda consegue enfiar dois tiros mas , no reboleio , acaba acertando mortalmente a mocinha, e ferindo o braço esquerdo de Argimiro . Uma escoriação , apenas.

Tempestade , trovoadas , relâmpagos , tiros - uma cena sinistra .

Totalmente possessos , os três suspendem Maninho - uma corda nos punhos - entre o assoalho e um caibro da varanda .

- Não paga a pena um balaço, vai estrebuchá sozinho ! -gargalha

Orides . Aplica-lhe um coice no trazeiro, fazendo girar o negro.

- Agora , rapidito como quem rouba!(ordena Terêncio). Se venham os cavalos ! Vamos levar todas as carcaças e fazer o resto do trabalho , na verada do Rio Teixeira . Pra já !

- Certo , patrão !

Na barranca do rio , mais cinco peões - que haviam montado guarda por causa dos Perin - tinham aberto uma vala funda e comprida . Era preciso " aprevenimento" , advertia Terêncio.

Pás , enxadas , picaretas , executam um trabalho atucanado .

- Rapidito , rapidito no más !

Serviço quase pronto, e alguns tiros furam a madrugada .

- É a cambada dos Perin -vccifera Argimirc- mais um fandango !

No meio d'água , se cruza o fogo tremendo. Assovios, berros , palavrões . Balas zunindo . Gargalhadas satânicas . Alguns baques na correnteza . Trovoadas e tiros . Chuva e fumaça . Vento . Depois , o silêncio . O relincho dos cavalos , protestando . O galope e a chuva macia .

Na cabeça de Maninho , a chuva-de- pedra é como metralhadora . Em cada punho , o filete de sangue . A dor por tudo . Os ombros se desconjuntando . as costelas espichando-se . A espuma na boca . A raiva nos olhos . Ginga . Gira. Único consolo e vida : uma raiva , um ódio dos diabos ! Nunca , nunca errara um tiro ! Devia ter sido o capeta . O desgraçado do Orides devia ter o " courincho fechado " . Que raiva ! Que ódio ! Matei a prendinha ! Matei mesmo ?...

As pernas no ar , e o tiroteio na cabeça . Tudo girando. Meia ovelha pendurada num galho seco de cinamomo - em dia de carneação!

Que raiva ! Que ódio ! Vieram num exército , os covardes ! Chuva desgraçada ! Experimenta o grito . A baba escorre . Morre-não-morre . Matei a prendinha !... Gira . Arreganha os dentes, junta a sua reserva de raiva . Toda . No balanço , aproxima a boca do punho esquerdo . Inútil . Só a baba na sogá dupla . Espuma de ódio . A chaleira e a cuia esparramadas pelo chão da cozinha. O vento gelado . O lampião morto. A cachorrada na madrugada. Um galo canta , de vários lugares... Só mesmo de traição! Ainda furo aqueles animais à bala . Faço uma peneira !

Do assoalho às telhas , só a raiva suspensa . E o ódio quente mantendo a vida . A cabeça metralhando de novo. Matei os dois. Os três. Não . A prendinha está escondida debaixo do fogão. Me faz

um amargo , prendinha ! O vento frio . A raiva seca e a mordida mo-
lhada na sogá . O ódio grosso . A baba . O giro de 90 graus . O ó-
dio subindo de grau . No lago dos olhos , o arado , o gado a terra
e o trigo . Olindina viva , debaixo do fogão - tomando um amargo . A-
cende o lampião . Quanta vida ! A morte ?... Índio turuna não mor-
re . A vida no ódio . O ódio no assoalho . O assoalho-Terêncio-Or-
lando- lampião- escritura-balaços-sangue-gritos-cachorrada-Orides-
Osmarito-ódio-Olindina-Dorilda- dor-revólver- morte ...

- Quero- quero- quero ! ...

Na primeira barra do dia , Délcio Perin vara a varanda e des-
peja três tiros a esmo , ante a presença do vulto suspenso . Chega o
seu irmão , Euclides . Descem-no e , - naquela alucinação - jogam -
lhe um balde de água fria . Depois , meio arrependidos , enxugam -
no com alguns trapos e envolvem o peão num poncho . Deitam-no de
encontro à parede da sala .

- Atiça o fogo e prepara um chá de mate - ordena Euclides -va-
mos "ressuscitar" o negro . O coração dele ainda pula .

Amarram-lhe uma toalha em cada punho , estancando-lhe o san-
gue . Desajeitadamente , Euclides faz-lhe algumas massagens .

Pela casa toda , o cheiro de crime e de morte . O ambiente ma-
culado , agourento . Fora , o sol limpo . Um céu fino , desmentin-
do o temporal da noite . Ovelhas chorando por ali , denunciando in-
nocentemente aquelas barbáries . Galos teimam em festejar o domín-
go azul . Nas cantoneiras da casa , as calhas ainda lacrimejando
por sobre flores mal-cuidadas .

Pelas cinco da tarde , chega o Delegado e vários policiais . A
pequena multidão - revoltadíssima - aguarda no pátio . O Delegado ,
os Perin e três policiais , entram . Nódoas de sangue sujo pelo chão
e nas paredes . Uma acha de lenha , querendo falar , em plana sala .
Vidros esfarelados sobre as grossas tábuas enceradas . Cadeiras de
pernas para o ar . Na parede , um grande retrato de casamento -on-
de Dorilda expõe um sorriso branco de noiva . Um revólver embaixo
da mesa . Punhados de barro e riscos de esporas . Vidraças quebra-
das . Uma boneca , em cima de um enorme rádio - os bracinhos esten-
didos , querendo abraçar alguém .

- À que horas aconteceu ?

- Não sei . Nós chegamos , era quase dia .

O Delegado examina tudo , sem pressa . Indaga . Anota . Formula
hipóteses . Solicita detalhes . Faz sinal aos policiais que guar-
naçam a entrada . Somente ele e os Perin tentam arrancar algum dado
da testemunha ocular .

Maninho parece consciente , mas desarticula tudo (O médico que o atendera horas antes , recomenda o máximo de repouso). Da "entrevista " , o Delegado mal consegue anotar alguns fragmentos de frases " ... novas escrituras ... quatro ... Comarca de Passo Fundo... pelas 10 , 11 da noite ... bandas de Soledade ... tiros ... muita chuva... legítima defesa ... os Perin... meteí os dois , legítima defesa ... desonrá a prendinha ..."

Sai do quarto , examina novamente a sala e a cozinha . Faz novas anotações . Euclides desabafa :

- Matamos três deles , mas foi em legítima defesa .E a morte do meu irmão não vai ficar assim .

- Vamos com calma gente , para não fazer outra bôbagem.

Os dois irmãos se interrogam , silenciosos .

- Antes de qualquer medida , devo relatar o caso ao Delegado de Passo Fundo . Os homens vieram de lá .

- Mas o crime aconteceu aqui - protesta Dêlcio.

O Delegado cala .

Saem . Fora , o pessoal está aos gritos . Há ordens para que absolutamente ninguém invada a casa , a não ser o médico e Dona Rosa , que assistiriam Maninho . Os policiais fariam a ronda . Providências seriam tomadas . Avolumam-se xingões , promessas de vingança e palavrões . O velho Perin - inconformado - mostra o revólver ao Delegado :

- Onde está a segurança do povo - " porca mastella !? "

- O caso não ficará impune . Tomaremos medidas enérgicas - mas dentro da lei .

Embarca no jipe e arranca . Fica suspenso aquele ar de desconfiança na ação da autoridade . Uma pouca vergonha . Precisava " una revolucione , porca miséria ! "

Quinze dias mais tarde , Maninho fugiu do hospital. Recolhido a uma " Colônia de Recuperação", também foge desta , na mesma noite . Endoidecera de vez , e ninguém podia com ele . A muito custo, ficou numa penitenciária de Erechim ; mas , depois de um mês , azulou novamente .Vivia vagando - alucinado - de boteco em boteco . As autoridades desligaram-se do caso . Dormia nos bancos das rodoviárias , nas praças , nas estações de trem...

Todo o mundo o conhecia pelo apelido de " Maninho do Povo ", devido àquele refrão que , invariavelmente, saía de sua boca : " Matei os dois , viva o Brizola , viva o povo ! " (Maninho não sabia ler -

não podia votar - mas era Brizola , até debaixo do poncho. Nunca perdera um comício . E , brigas por causa de política , conheceu dezenas ...).

Agora bebia demais - ele que nunca ficara bêbado, antes daquela noite . Noites a dentro , metia-se a cantar , gauderiando , solitário , pelas estradas e vilas . As pessoas - mal-intencionadas - faziam-no relatar o que acontecera naquela noite . Maninho do Povo tremia todo. Afirmava que ainda iria se casar com Olíndina , e iria ser o dono de uma grande estância. E arrematava: " Matei os dois . Viva o Brizola ! Viva o povo !

Vivia de generosidades . Era o fantoche de todos . Divertia principalmente a criançada , nos pátios dos grupos escolares. Ninguém se assustava com o negro .

Numa sexta-feira de tarde fria e de neblina cerrada , Maninho do Povo foi colhido por um trem de carga - próximo à Estação de Quatro Irmãos . Na noite anterior , tinham-no visto por ali , a garrafa de " caña" à mão . Caíra entre os trilhos , gritando o seu refrão - erguendo e girando a garrafa . O maquinista, entre vendo o vulto , fez o que pôde , mas o limpa-trilhos pegou-o de jeito , arrastando-o dezenas de metros e jogando-o de encontro a um monte de trilhos enferrujados - barranca abaixo . Maninho do Povo não merecia tal morte . Todas as crianças dos grupos escolares do local fizeram feriado naquele dia ; e no dia seguinte , levaram muitas flores para o enterro de Maninho .

Conta-se ainda , por toda a região , que - ao passar pelas proximidades do cemitério - muita gente ouviu , por repetidas e repetidas noites , aquele estribilho , brotando de dentro da terra - numa voz de lamento:

- Matei os dois . Viva o Brizola ! Viva o povo ! ...

O casamento de Aldo com Olívia é motivo de muita festa. É fim de fevereiro de 1962 . Muita uva e vinho novo. Dona Gema viera, falando muito de que a vida em Caxias do Sul era uma tristeza. Ali , na colônia é que era a felicidade !

A vizinhança está toda reunida na casa dos Beledelli, num folgado bem à italiana . Vinho novo , vinho velho e cerveja à vontade . O padre Comassetto - que abençoara os noivos - conta , entusiasmado , seus casos de expedicionário :

- Mussolini era um homem bom , mas se deixou levar pelas idéias loucas do Nazismo alemão. Quando se arrependeu , já ... Em Pistoia ficaram nada menos de ...

Gino aproveita o momento em que Severino passa , servindo um churrasco :

- Quando é que nos vai contar os fatos interessantes da sua experiência no movimento da Legalidade ?

- Mais tarde um pouco . Deixe agora rodar uns espetos .

Conversa-se alto , grita-se , jogam-se vivas. Juntamente com o churrasco , corre a variedade de pratos da cozinha italiana- ca peletti, macarronada , raviolli ...

Em dado momento , Gino murmura ao ouvido de sua noiva:

- Cá entre nós , isso parece uma festa burguesa.

- Talvez se justifique . Afinal, hoje é o casamento de tua irmã . Mas tu não deixas de ter um pouco de razão. Vamos admitir se já uma exceção à regra ...

Na ponta de uma mesa , o velho Piero Gaiatto ergue o copo de vinho :

- Viva i sposi ! Viva i sposi !!

- Viváááá !! - responde um coro sincronizado.

O Lunardi se vale do entusiasmo e abre a cordeona de 48 baixos . Música e alegria vão embebedando aquela gente simples e extrovertida . Parando a gaita , o Velho Vitório e o cego Angelin , fazem saltar uma canção do seu " velho tempo " :

" Ó Monte Grappa , come sei bello,
tu sei marcello de la juventú ..."

Imediatamente , o " coral" de velhos italianos se improvisa e as notas de além-mar povoam aquele paiol , improvisado em salão . Contrastando com a felicidade dos nubentes , ouve-se o " Lamenti dun scápulo " :

" Per no pagar da scápoli
La tessa dolorosa ,
Me mamma , dona sêmplice ,
La vole que me sposa
- Ai, ai , ai !..."

Gó quaranta anni e , cáspita ,
 No gó bu ste voie
 Perché con queste fêmmene,
 No só come la boie ...
 - Ai, ai, ai !
 Póveri noi que siamo andai..."

Andressa e Gino saem do ambiente e vão gozar da sombra de um plátano . Severino (irmão mais velho do noivo) e mais uns rapazes não tardam a chegar por ali .

- E agora , o que nos conta da Legalidade ?

- Não há muito o que contar . Foi no ano passado , todos sa bem . Fui reconvocado de surpresa e tive de engrossar novamente as tropas que vinham de Santo Ângelo . Reencontrei velhos amigos . Me lembro que ficamos parados dois dias aqui na Estação Ferroviária de Nova Esperança - aguardando ordens . A Maria Inês - esposa do juiz de futebol Vasco Dal Ponte - veio puxar um papo comigo . Disse que era pra gente ir embora quanto antes , estava louca de medo das tropas...

- E depois ?...

- Ficamos uma semana em Quatro Irmãos . Acampamos à beira de um mato . Depois de cinco dias , sem nada fazer , perdemos a paciência . Era sempre a mesma lengalenga : " Aguardar ordens" . Num noite dessas, combinei com uns companheiros , cortamos uma bela porção de taquaras - meio secas, meio verdes - jogamos um pouco de gasolina e ... fogo ! Rapaz , foi pior do que se esperava: Acordamos a vila toda . A tropa se alarmou . Num minuto , todo o mundo em prontidão ! Foram disparados vários tiros de canhão, assim a esmo . Um escândalo! Era só ver a cara do nosso Comandante . O homem espumava de susto e de raiva !... Pra dizer a verdade, essa foi a única " batalha" do nosso destacamento , e deve ter sido a mais " sangrenta" de toda a Legalidade ...

- Mas foi divertido !

- Puxa , se foi ! Quando voltamos a Santo Ângelo , peguei 48 horas de cadeia , juntamente com os meus colegas de façanha . Mas antes de receber baixa , fui à casa do Comandante, pedir-lhe desculpas . Acabamos tomando aquele chimarrão , e recordando o famoso episódio ...

- Esses detalhes você não nos tinha contado , hein malandro-diz o seu mano Aldino .

- Mas foram até Brasília ?

- Que nada , Aldino . Mal percorremos o Estado de Santa Catarina e nem chegamos ao Paraná . Aí veio a notícia de que o Goulart aceitara o Regime Parlamentar , e que tudo voltara ao nor-

mal . Batemos em " gloriosa" retirada . Feito isso , acabou-se a Legalidade .

As vozes da italianada continuam a se fazer ouvir :

" Vederle lá col spéchio ,
le se pinta le massele ,
le se incármina i lavri ,
per compartir piú belle
- Ai ,ai, ai!...

-Mas que o Brizola foi muito peitudo , isso foi .

- Nem se duvida , Gino . O Goulart fora eleito pelo povo. Com a renúncia do Jânio Quadros , a Constituição Brasileira garantia a Presidência ao Jango . Não havia o que discutir .

- Mas sempre há os interesses " de bastidores " . E é nessas o casições que eles emergem e vêm para o palco .

- Exato , Andressa - você colocou uma comparação muito feliz.

Ia-se passando a tarde naquela alegria. Muitos "causos", muita bebida . Gritos , vivas e mais vivas. Agora era a vez da dupla " Lomba Seca e Terra Boa"- contratada para abrilhantar o casamento Essa dupla metia respeito em todo o Município , e inclusive , já se havia apresentado na Rádio Sarandi .O Lunardi espichava a gai ta e o Pampeirinho fazia o fundo, com o violão. Tudo rimadinho :

" Namorei uma prenda cigana,
lá pras bandas de Santa Flora:
Hoje ela partiu - aragana ,
meu violão comigo é que chora ..."

Olívia e Aldo passeiam por entre os convivas , distribuindo a cenos , abraços , cumprimentos e " obrigados " . A noiva , leve - mente encabulada , de vez em vez , atirando beijinhos . Marco esquecera por momentos a sua introversão e se metera também a can - tar , no meio do pessoal " de la guerra " . ("Son 'ndato far il soldá ...").

À certa altura , um garoto chega-se até Andressa , ali à en - trada do paiol:

- Um homem mandou entregar isso pra senhora .

- Obrigada . Você lembra um pouquinho do jeito dele ?

- Era alto, bigodudo . Bem feio . Estava a cavalo. Ele e mais três , vestidos de gaúcho.

- Muito obrigada , garoto .

Andressa - que nervosismo ! - abre o papelucho . Ela e Gino lêem , juntos , devorando as palavras :

" Oi , prendinha. Qualquer ora paço praqui pra le dá o pialo. Se alembra daquela noitinha no anjico groço? Le juro que da próxima vêiz você não miscapa do laço. E vai ser muito breve_u mentes . Um bejo do Orides. "

- Esse canalha dum sem-vergonha está precisando duma lição . Deveria estar era na cadeia . Mas ainda vou encontrá-lo e ensinar_u lhe como se deve respeitar uma estudante , uma ... professora! Eu ainda acabo com esse assassino !!

- Calma , Gino - calma , por favor !

- Acho melhor levar-te pra casa agora mesmo , Andressa. A noi_u te , esse covarde é capaz de te surpreender . Depois do que fez esse demônio é capaz de tudo . Rasga em mil pedaços esse bilhete , pra não alarmar ninguém.

- Estou com medo , Gino ; vamos embora .

- Se quiserem , os acompanho .

- Ótimo , Aldino . Eles devem estar armados . Vamos embora !

A noite chegando . O derradeiro sol abençoando a natureza. Os três começam a descer a coxilha , por aquela estrada de trilhos vermelhos . Aldino porta uma arma . As canções ainda a persegui_u los :

" Vederle lá le cõtole
que par da bailarine..."

" Eu vou laçá essa prenda mui gaviona,
e me mando pra fronteira ,
com ela e a cordeona ..."

Os três caminham em silêncio. Certa expectativa no ar . Gino finge tranquilidade :

- Que baita casamento ! Pena que aquele desgraçado venha es_u tragar o melhor da festa .

- É mesmo - confirma Aldino .

Andressa continua calada , nervosíssima . Seguem andando.

- Logo hoje , no casamento da minha mana . Mas deixa que um dia ainda vou me encontrar com o... O pior é que esses bandidos a_u inda têm a cobertura das autoridades . Depois de tudo o que fize_u ram , ... é um fim de mundo ...

Chegam perto do parreiral . Andressa não dera uma palavra.

Num repente , três balaços passam assoviando rente as cabeças dos caminhantes. Caem de bruços na estrada, aterrados pela surpre_u sa e pelo medo . Só se escuta o pular de cada coração, querendo es_u capulir da boca ... Passados uns minutos , outros tiros pelo ar , acompanhados de gritos , gargalhadas e o batucar de cavalos. A uns duzentos metros , Gino pode divisar os quatro - correndo feito a_u lucinados - gritando , sumindo-se na poeira .

- Precisamos denunciá-los ainda hoje !
 - De que maneira , Aldino . Daqui umas horas estarão em Passo Fundo .
 - Se é que não nos voltam a atacar.
 - É mesmo , diz Andressa - mal podendo falar .
 - Sossega , querida . Nesta noite , o Aldino e eu "montaremos guarda " na tua casa . Teu pai tem lá uma boa arma . Vamos andando . De nada adianta alardear tudo por aí . Seria estragar a festa .
 Escurece lento . Os três chegam à casa dos Remor . Ouvem-se , pelas invernadas , mugidos demorados . Passam revoadas de quero - queros . A brisa traz um delicioso aroma de uva madura . Andressa descansa um pouco , e depois prepara um café . Não teria coragem de dormir , aquela noite . Na certa , os "velhos" voltariam tarde
 - Não te preocupes . Ficaremos aqui , se precisar , até o amanhecer .

- Obrigada Gino - diz a noiva , gentilíssima .
 Devagarinho , o diálogo afugenta o medo , fazendo correr as horas . O casamento estava excelente , pena tudo aquilo . Terrível ! Era bom que ninguém soubesse de nada - pelo menos por uns dias . E se voltassem a atacar durante a noite ? Não . Não se atreveriam a tanto .

Pelas duas horas da madrugada , Andressa pede para se recolhêr . Não suporta mais . Os dois rapazes vigiam na despensa . Os Remor , quando chegassem , de nada deviam suspeitar . Uma espingarda de cano duplo e um bom revólver dariam para o início de conversa - caso fosse necessário . Para passar o tempo , os "causos " continuam . Aldino , que dificilmente perdia o bom humor , comenta :

- Isso tudo até parece a legalidade ...

Alheios a tudo , os convidados haviam continuado a festa . Durante a noite , é que a coisa esquentara . As caixas de Serramalte estavam quase todas vazias , mas ainda restava muito vinho . Luardi - completamente bêbado - metia toda a alma naquele teclado já amarelo . E o Pampeirinho parecia chorar junto com seu pinho . A dupla atacava :

" Por causa duma chingca,
 duma prenda sem coração ,
 hoje vivo gauderiando ,
 chorando em cada galpão..."

Madrugada alta , a lua esmaecendo (os noivos se haviam reco-

lhido) , e a italianada quase num delírio , entre o vinho, a cerveja , o jogo de " mora " e aquele canto que parecia não ter mais fim :

" Mi gó per maridarme
 una voglia maledeta
 ma con questa fêmmena,
 la cosa no la peta !
 - Ai, ai, ai ! ..."

Com o cantar dos galos, e o horizonte projetando suas primeiras barras de sangue, Dona Rosa e Ângelo Remor chegam em casa. Ela escandalizada , improvisando um curativo para os dedos da mão direita do marido , três dos quais mostrandó carne viva - resultado do jogo " de la mora " , sustentado ferrenhamente com o velho Piero Gaiatto . Ademais , Ângelo estava completamente bêbado, coisa que nunca acontecera , desde o casamento... Se fosse mais novo, apanharia com o cabo da vassoura...

O domingo acorda dormindo . Andressa sonha ...

Ela está visitando aquela maloca à beira do Guaíba . O casamento inesquecível. Os três tiros continuam lhe arrebatando os pensamentos e os miolos . Há muito sangue nos trilhos vermelhos da estrada . Sangue e poeira. O Antônio Vieira de luto . A capelinha de madeira , desaparecida . O Brizola também está ali , naquela maloca . Mas agora , na beira do Guaíba , maloca não há mais . Centenas de casas brancas , sorrindo ao sol e à água . O Brizola faz um discurso . O Guaíba é a sanga de Vista Alegre . O angico está aí , transformado em poste de luz . Um avião corta os céus do Guaíba. É o corujão daquela noite . Os três tiros no ar . O medo na poeira . E na fumaça . O Gino morto . O sangue nos trilhos vermelhos. Aldino grita desesperado . Todos estão lendo os bilhetes do Orides. A gaita do Lunardi está em pedaços . " Viva i sposi ! " A maloca é uma festa . Não . Sim . É um grande casamento . No Antônio Vieira , ela está brincando de roda - mãos dadas com os alunos . Gino lhe oferece uma aliança de brinquedo . Gino morreu . Ângelo e Rosa se foram ao Paraná . Foram pra onde ? " Qualquer dia ... pra le dá o pialo, volto ..." Não . Foram para o Mato Grosso . O angico grosso . Terrível o tiroteio . Meu Deus , quanto sangue ! Socorro !! À frente da maloca , rebenta um jardim . O Guaíba é uma estrada de ouro. Uma estrada de sol . Flores, flores ... O arco-íris entra pelas janelinhas abertas. Quantas casinhas brancas ! Um negrinho de sorriso de leite vem abraçá-la . Sim , que lindo casamento ! " O Monte ... come... come sei bello " . Quero - quero , por sobre o parreiral. Onde fica o Mato Grosso ? " Um homem mandou entregar este bilhete ... bigodudo , bem feio " . Que linda , a maloca ! O guri lhe entrega outro bilhete . Uma estrada de sangue . O Guaíba . O Gino morto na estrada. Três tiros , muitos tiros . As tropas da Legalidade ?...O rio levou a aliança e o sapo sanhudo levou tudo . O corujão-avião voa por sobre o aeroporto . Não precisamos vender a terra , Brizola passa as escrituras. A orquestra do fundo da sanga o frio o rumor do minuano mau no fundo da maloca há um lindo parreiral cheiro de uva madura , os tiros o cheiro um negrinho me entrega outro bilhete uma aliança de verdade . Bigodudo vestido de gaúcho faço um café o angico grosso bem feio o cigarro uma coruja quero- quero o trigal mais bonito , a viagem de casamento não chega ao fim branquinha branquinha a maloca mil barquinhos procissão de Navegantes nas águas do Guaíba vermelhas ... bem feio montado a cavalo mais três , bigodudo... Orides crava-lhe as unhas , agarra-a , arranca-lhe a roupa . Três tiros, o sapo sanhudo engole a aliança ...

- Aaaaaai !!

Lídia e Elza correm apavoradas .

- Meu Deus , que há contigo , Andressa ?

- Não , ele não morreu! Orides ! O sapo ! O sapo está aqui ,
debaixo da cama ! O corujão , ali na janela ! Ele vai me engolir!
Ele morreu ! Uma sanga de sangue ! A aliança ... A aliança ?...

- Vá correndo fazer um café - Elza !

- Já estou na cozinha ...

Lídia acerca a colega de carinhos :

- Calma , querida , calma . Você está bem.

- Pra onde ele foi ?... Cuidado, ele pode atirar ! O Gino mor-
reu ?... Mamãe já escreveu do Mato Grosso ? Olha o sapo ! Mata !
Mata ! O corujão foi embora ? ...

- Já , querida - já foi. O sapo também . Você está bem, An-
dressa ?

- Tire o revólver dele ! Levou minha aliança , o sapo safado
do Orides...

Dá um salto na cama , os olhos verdes esbugalhados. O suor en-
xarca-lhe a camisola . Os seios saltando. O coração na boca, como
um tambor .

- Onde estou , meu Deus !?...

- Aqui , meu bem . Em Porto Alegre , pertinho de sua amiga Lí-
dia .

- Anh!?...

Elza chega com o café preto quentinho .

Andressa mal sustém a xícara , derramando um pouco do líquido.
Toma . Percorre o quarto , os olhos molhados .

- Que me aconteceu ?

- Nada , Andressa - nada. Um sonho ; um pesadelo. Mas tudo já
passou , querida .

- Onde está o Gino ?

Procura recompor o cabelo .

- Está em Vista Alegre .

- Ele ... ele está bem ? ... Mamãe ? ...

- Todos estão bem . Toma mais um pouco de café .

Obedece . Aquele olhar verde e úmido choca-se com as duas ma-
las , em cima do guarda-roupa . Quase sorri :

- Desculpem ! Disse muita besteira ?...

- Ora , Andressa , nada disso !

Elza joga-se-lhe ao pescoço , num abraço terno de consolação.
Andressa vai ao banheiro e lava-se daquele terrível sonho .

Gino resolve fixar-se mesmo em Vista Alegre . Recusara vários contratos em municípios vizinhos . Prefere atender aos insistentes apelos do Prefeito de Nova Esperança . Pensa realizar-se melhor , ao contribuir um pouco com a agricultura de sua própria localidade . Para ele , restam aqueles poucos hectares . Pouca terra . Mas , enfim , ele que se opõe tenazmente ao latifúndio ...de mais a mais , havia a terra dos Remor que ele podia cultivar à vontade . Reconhece , aquilo fora uma solução um tanto romântica . Mas Angelo fazia questão . Seus sonhos , porém , não estacionariam nisso apenas . Uma revolução agrícola já se instalara em sua cabeça de jovem . Pensa mais em produtividade do que em produção .

Foi muito duro aquele ano do inexperiente agrotécnico . São meses e meses , tomando os primeiros contatos com os problemas que afetam à área rural de Nova Esperança . As máquinas continuam a expulsar gente de Vista Alegre , Navegantes e arredores . Vizinhos emigrando . Ali estavam os exemplos dos Santin , dos Cesca , dos Uberti , dos Pauletti ... Gino sofria com aquilo .

Em outubro desse ano , Gino é eleito Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do seu Município . Começa por um trabalho de conscientização dos agricultores . Trabalho duro e lento - na tentativa de corrigir mentalidades e métodos . Nas primeiras reuniões é recebido com reserva , desconfiança , e certa má vontade por alguns . Seu modo enérgico de tratar a todos ; sua dedicação incansável ao trabalho , e sua competência de líder , porém , vão transformando lentamente as mentalidades ainda presas a métodos tradicionais - totalmente ultrapassados .

O tempo passando , e Gino naquela luta . No início de 1963 , iria acontecer um fato de alta significação para a agricultura daquele Município : Após uma reunião do Sindicato , em que se manifestaram as opiniões mais chocantes - para não se deixar abater - Gino convida Aldo e Severino Beledelli , e mais o Guilherme Dal Ponte , para um aparte . Passara-lhe pela cabeça aquela idéia . Assim , não sabe como .

- Que tal a idéia de fundarmos , em Vista Alegre , uma espécie de sociedade agrícola ?

A questão colhe os três desprevenidos . Severino - experiente , mas aberto a inovações - toma a palavra :

- Acho a proposta excelente . Mas , no momento , não vejo como funcionaria .

- Não me venha com essa de desapropriar terra , que eu só tenho 20 hectares . Sou brizolista , mas ... (Guilherme desconfia um pouco) .

- Nada disso - tranquiliza-o Gino , com duas palmadas no ombro.

- De que modo começaríamos então ? - continua Aldo .

- Vamos tomar umas cervejinhas , ali no Bar do Tonho. A gente troca idéias , com calma .

- Num canto do bar , duas cervejas sobre a mesa , colocam-se os pontos-de-vista . Discutem-se os prós e os contras ; traçam-se esquemas teóricos . Nisto aparece o Valdomiro Peretti - vizinho e amigo dos Beledelli .

- Se abanca , índio velho , convida Aldo . O Tonho , mais uma cerveja e um copo !

Questão de quase duas horas , e já estão traçadas as linhas básicas . A idéia entusiasma o grupo . Mas outros agricultores que se achegam por ali - cientes da novidade - desconfiam muito . Há mesmo os que acham a iniciativa meio máluca ." Onde se viu arriscar ..."

As máquinas dos Beledelli e dos Peretti teriam uma função social , Guilherme colocaria à disposição toda sua terra , e se comprometia com as despesas de 40 % do adubo . Gino oferecia sua terra , a de Ângelo Remor , e coordenaria a assistência técnica . Quem desejasse participar , teria sempre de ceder um pouco . O mais breve, seriam convidados os interessados de Vista Alegre e Navegantes. Gino falaria pessoalmente com os Gaiatto , que também poderiam colocar à disposição o seu plantel de máquinas . A idéia amadureceu e tomou corpo em poucos meses . Exatamente a 20 de abril de 1963 , fundava-se a " Sociedade Agrícola Vista Alegre " - totalizando 15 famílias de associados . Havia ainda muitos detalhes a se ajustar . Por isso nos primeiros meses , haveria reuniões quinzenais . Urgia pôr mãos à obra .

Gino vibra . Manda vir semantes da Estância Minuano , de Caçapava do Sul , e também de Agrópolis . Reúne-se com agrônomos do Município . Depate , viaja , trabalha . Nesse inverno , plantariam cevada e trigo . E fariam uma pequena experiência com pastagens de inverno . Para a safra do verão , a cultura seria bem mais diversificada : Soja , milho , sorgo , arroz ... Viaja a Bento Gonçalves, especialmente para tomar contato com experiências que ali agora se fazem com espécimes de parreiras, importadas do Chile , da Itália e da França . Era preciso soerguer a vitivinicultura , ora decadente , em Nova Esperança . Ali em Bento - almoçando sozinho num restaurante - atenta à conversa de dois vizinhos de mesa . O assunto não poderia ser outro : Brizola . " Como é que poderia ele candidatar-se a Deputado Federal pela Guanabara ? Não podia . Isso era anti -

constitucional... O outro retrucava : Agora , isso não vem ao caso. O que interessa é que o nosso ex-Governador somou tantos votos que nenhum brasileiro até aqui , tem recebido. E olhe que não foi o povo gaúcho que ... Isso prova que as suas idéias e o seu trabalho , aqui no Rio Grande , porca pipa ...

De regresso , Gino recebe outra carta de Andressa . Ficara felicíssima com a fundação da " Sociedade Agrícola " . " Espero seja uma experiência coroada de êxito " . Os estudos iam bem . O estágio começaria no início de 64. Ela e a Elza haviam feito uma visita a uma maloca na Zona Sul da Capital . " Que horror , Gino ! O nível de vida dessa gente é mesmo sub-humano, degradante. Uma pequena enquete nos revelou que uma alta percentagem dessas famílias vêm do interior do Estado - onde não têm terra para trabalhar . " As experiências realizadas por Brizola , orientando núcleos coloniais como no Banhado do Colégio , Na Fazenda Sarandí , Itapoã e outros eram tentativas corajosas - pioneiras mesmo - mas eram apenas os primeiros passos . Na maloca , a taxa de analfabetismo era altíssima . Nem precisaria falar dos casos frequentes : roubos , assassinatos , crimes passionais . Havia refletido seriamente sobre o problema . Mesmo com a implantação do Plano de Habitação Popular do agora ex- Governador , o problema era seriíssimo . Havia exposto o caso aos colegas , numa reunião do Diretório Acadêmico , mas fora recebida com frieza e indiferença . Ninguém tinha tempo para se preocupar com " negócios de comunistas " . Ela e a Elza haviam estudado os discursos que o Deputado Leonel Brizola proferira na Câmara Federal . Um , relativo à Reforma Agrária; outro , sugerindo ao Presidente Goulart um " Esquema Básico para o Plano Nacional de Escolarização " . E como ia a sociedade agrícola ? E o Sindicato ? " Estou ansiosa por saber as novidades da terreira - que agora está se tornando importante . Escreva . Lembranças a todos . Um beijo carinhoso de sua noiva " .

Dobra vagorosamente a carta , recolocando-a no envelope . Andressa vai bem . As notícias são interessantes. Brizola sempre o mesmo . Sempre com suas idéias e seus projetos revolucionários . É disso que Gino gosta .

Entra o mês de maio . Os tratores barulhando nas coxilhas, nas várzeas , por toda a parte . Desde o amanhecer até altas horas da noite . Vêm chegando novas sementes de cevada e de trigo . Algumas porções de terra exigem aplicação de calcário. O adubo também

chega . Improvisam-se garagens , constroem-se pequenos depósitos . No fim do mês , e no início de junho , as sementes estão enterradas .

Gino é Presidente Provisório da Sociedade Agrícola . Periodicamente , realizam-se reuniões . Debatem-se os problemas mais prementes : Os Estatutos de Sociedade ; o armazenamento e o transporte da futura safra ; a compra de mais implementos agrícolas...

Todo o Município toma conhecimento do trabalho pioneiro que é realizado em Vista Alegre . Evidentemente , há os incrédulos quanto ao sucesso da empresa . Por outra , um grupo de agricultores , entusiasmados , solicita que Gino oriente uma experiência semelhante , no Distrito de Florianópolis . Gino simpatiza com tal idéia , mas pondera :

- Dêem-me um pouco de tempo . Primeiro preciso conhecer melhor a realidade desse Distrito que - segundo os dados que tenho - é bem diversa das outras . Por ora , façam um levantamento dos possíveis integrantes da futura sociedade .

Vem chegando o grosso do inverno . Fortes geadas embranquecendo as manhãs de junho . O trigo e a cevada parecem brotar sorrindo de debaixo daquela alvura congelada .

Numa tarde dessas - o vento e o navoeiro de sempre - vários agricultores da " sociedade " estão reunidos na casa dos Remor . Naquele ambiente, descontraídos , trocam-se idéias . Não falta o chimarrão , nem os pinhões tostados na chapa do fogão à lenha . Aquilo espantava o frio ...

- E daí , Gino - solta mais um "causo " dos teus !

O agrotécnico toma a cuia e reflete . Cava antigas idéias , e começa :

- Uma vez , quando piá , fomos a uma pescaria ...

Alguém bate violentamente à porta . Incontinenti , Gino se alvoroça . " Orides ! " Guilherme se adianta e abre a porta :

- Com licença , senhores ... mui buenas tardes ! ...

! ?...

A voz rouca , como que nasce fria de dentro daquele poncho sujo , selvagem . As botas vão depositando lama no assoalho limpo da cozinha . O gauchão está constrangido .

- Ó amigo velho de Caçapava ! Como te chamas ainda !?...

- Sou o Orestes - " doutor " Gino . Venho fugindo do estancieiro . Não aguento mais aquela vida de cachorro ; ouvi falar numa fazenda ... a Fazenda Sarandi . Pois tomei o trem em Santa Maria , na Boca do Monte, mas se extraviemos da viagem. Com esse minuano, a

patroa ficou doente . Agora está na estação de trem . O piá ficou junto , causo de uma emergência . Eu me mandei , a pezito no más . O senhor adesculpe , "doutor" ...

O pessoal todo , escutando de pé . Alguns , de boca aberta. Gi no explica como conhecera Orestes , na Estância Minuano , em Caça pava do Sul . Depois solicita :

- Aldo , por favor , tome a camionete e busque a senhora desse gaúcho . Depois daremos um jeito .

- Tá com duas malas , companheiro . Ficô só ela e o piá . Chama-se de Ernestina .

- Te acerca do fogão , índio velho . Toma um amargo pra aquecer o peito .

- Grácias , Gino .

- E agora sim , salta um "causo" pra espantar esse friol - perde Guilherme .

Severino serve-se de mais uns pinhões , passa a cuia adiante , e começa a contar o que sucedera , certa feita , em Navegantes - numa festa da Padroeira . Tinha dado gente como nunca . Que procissão ! Mas no bom da festança , pela meia tarde , as mocinhas começaram a passear de barco . Então acontecera ... Por sinal , era o mesmo barquinho que - pela manhã - tinha conduzido a imagem de Nossa Senhora de Navegantes . Quanto " Deus nos acuda !" Quanto , quanto grito ! Quanto choro e desespero ! O vigário lançara três vezes a bênção sobre o lago , invocando o milagre . Rapazes se jogando n'água , com roupa , sapato e tudo ! Três garotas levadas às pressas para o hospital , com remotas esperanças de vida . Outras , vomitando que nem cachoeiras . O velho Gígio se pendurara no sino e não largava mais ...

- Cuê- puxa , chê !

Mulheres naquele desespero . Não faltara o lance cômico: O Oli Cesca mergulhara , mas viera à tona somente com uma sobrinha na mão ; inconformado , joga novamente a sombrinha n'água e mergulha outra vez , em busca de uma vida ... A velha Catarina , rezando o terço em voz alta ... Felizmente , ninguém morrera . Mas aquilo , praticamente acabou com a festa . E o incidente dera assunto pra meses . Até o noticiário de Porto Alegre , em edição extraordinária ...

- " Madona mia " ! - faz Dona Rosa , juntando as mãos , como a rezar .

Dentro em pouco , chega Aldo , Dona Ernestina e o piá . Mãe e filho , encabuladíssimos .

- Estão em casa , é ! - tranqüiliza-os Dona Rosa , cumprimen -

tando a mulher . -Já vou fazer um café . Vocês devem estar morrendo de " fredo" .

Gino se dirige a Orestes :

- Por enquanto , vocês podem ficar por aqui. Na próxima reunião da nossa Diretoria , vamos tratar do seu caso , com todo o cuidado. Podem instalar-se na minha casa . É como se fosse sua .

Tratados mais uns detalhes , o pessoal se retira .

Vem anoitecendo. O nevoeiro deixando cair alguns flocos de neve. Escurece rápido. O vento abrandara um pouco ; mas o cano do fogão à lenha e as vidraças continuam gemendo - naquelas cantilenas de inverno . Rumor que Dona Rosa e Ângelo conhecem de há muitos e longos invernos . Um quero-quero espalha seu grito gelado. A escuridão parece tremer de frio .

No apartamento da Lídia , a discussão está acesa :

- ... isso são idéias subversivas , esquerdistas.

- Mas você não pode negar que o Esquema Básico para o Plano Nacional de Escolarização , que o Deputado Brizola sugeriu ao Presidente Goulart , seja uma tentativa válida para solucionar o nosso gravíssimo problema da Educação .

Lídia sorri , debochando :

- Ora, ora , Andressa , não seja ingênua : o que o Brizola quer é espalhar pelo Brasil outras tantas "Brizoletas" . Olha , são escolas tão acanhadas que , se algum professor ou aluno tiver de abrir os braços para vestir um casaco - ou coisa que valha - precisa sair do recinto ... tal é o tamanho dos " galinheiros "...

- Não ofende , Lídia , adverte Elza - controlando-se . E de que adiantariam belos projetos de implantação de uma sofisticada rede escolar , se isso não corresponde à realidade do nosso ensino básico? Por que insistir em vistosos telhados , quando não temos alicerces? Aliás , os belos projetos acabam sempre mofando nas gavetas ...

Andressa aplaude :

- Ótimo , Elza - ótimo ! E ajunta :

- Para que investir em escolas de alto nível - necessárias sem dúvida - se a população brasileira apresenta altíssimas taxas de analfabetismo ? Ora , Lídia , penso que devemos ser realistas ; refletir e agir , com os pés na terra.

- O Brizola não passa de um agitador. Um demagogo . Naquele seu discurso de 18 de abril , deixou as coisas bem claras : É um aliado de Cuba , da Rússia ! Um agitador dos estudantes e das massas trabalhadoras ; um instigador das lideranças sindicais . A bandeira de le é a da foice e martelo , e não o nosso glorioso pendão auri-verde ... Aliás , como Governador do nosso Estado , foi uma vergonha : Desapropriando terra , em nome dessa tal Reforma Agrária ... É um a narquista , um comunista lavado , todo mundo vê ...

- Eu diria que ele começou uma luta corajosa - mesmo inglória - contra uma classe dominante espoliadora , respaldada pelo Capitalismo Internacional . E agora , sua bandeira não é outra . Seu projeto de Reforma Agrária foi uma iniciativa pioneira ; uma experiência apenas , é verdade - mas que deu excelentes resultados . E quanto a ele conscientizar estudantes e trabalhadores , penso que faz muito bem .

- Ainda bem que a Igreja vem alertando o povo sobre a ideologia desse demagogo . E tem mais : O que fez ele com muitos índios , aqui em Nosso Estado ?...

- Talvez o setor burguês e privilegiado da Igreja esteja vindo no Brizola tudo isso que você diz . Mas não esqueça que já temos no Brasil , setores de vanguarda de uma Igreja que defende os marginalizados . E no que respeita aos índios,...

- Olha , Andressa , acho bom você mudar de ideologia , enquanto é tempo . Você também , Elza . Aliás , as atividades de vocês, no Diretório Acadêmico , não sei não ... quem avisa ... Por que é que vocês não se preocupam , por exemplo , em fazer carreira, galgar uma posição social ? Vejam : Vocês continuam com aquela mentalidade interiorana ... são das poucas que ainda vão à faculdade , de ônibus - quando a maioria vai de carro particular ...

- Desculpe , Lídia ; mas - por uma questão de coerência pessoal - nós continuaremos lutando ao lado do povo . Dos que passam frio e fome . Dos sem terra e sem instrução . Achamos que este é o verdadeiro patriotismo . Achamos que amor à Pátria não é carreirismo . E lutaremos até o fim .

Lídia limita-se a desaprová-las , acenando a cabeça :

- Decididamente , não as compreendo . Olhem o meu caso : Nos anos em que estou na Capital , já comprei apartamento, concluí a Faculdade , tenho um ótimo emprego , e meu carrão está bem incrementado . Enquanto isso , vocês continuam aí a depender de ...

Elza mira aquele anelão cravejado de rubis , que a Lídia vai acariciando enquanto fala . Andressa fixa-se no olhar de sua amiga . Naqueles olhos que ela comparava - bem ou mal - com " olhos langorosos de bolero " .

- Bem , Lídia , desculpe - mas tenho de estudar um pouco .

- À vontade .

No quarto , de fato , sente-se à vontade . A carta do noivo - ela relê para desligar-se da discussão - lhe faz bem . A Sociedade Agrícola ia-se firmando . Muita solidariedade entre os sócios . Prevê-se uma excelente colheita . O Sindicato dos Trabalhadores Rurais estava se reestruturando . Crescia o número de associados . As discussões acaloradas provavam que o nível de consciência dos agricultores vinha subindo . Gino insistia muito na policultura , coisa que muitos não aceitavam ainda . Um grupo de agricultores acabavam de lançar as bases de outra Sociedade Agrícola , no Distrito de Floriano Peixoto . A carta fecha com calorosos protestos de amor e com o pedido de casamento para julho de 64 - logo após a formatura de Andressa .

A noiva está feliz . Renasce dentro dela todo aquele mundo de encantamento , de sua infância e de sua terra natal .

No dia seguinte , porém , a realidade é bem outra : Na sala do Diretório Acadêmico ela vai analisando com os colegas da Diretoria, a realidade nacional , a partir dos discursos de Brizola - o de 30 de maio , e o de 26 de junho :

- É - a situação do Brasil não está nada bem .

- Pudera , Adalberto ! Com essa infiltração do Capitalismo estrangeiro ... Veja , por exemplo o caso da American Foreign Power, que o Brizola denuncia diretamente ao Congresso Nacional .

- Pois é , Andressa - mas aqui no Rio Grande , este trustee internacional , levou o que merecia : O então governador encampou a empresa , retomando -lhe os serviços de subsidiária , e nacionalizou essa concessionária de energia elétrica .

- Esse discurso deve ter dado o maior estouro no Congresso . E vejam o que mais diz o jornal : O Brizola está exigindo uma posição do Presidente Goulart , sobre o caso. E repare aqui : Fala-se em " crime de lesa -Pátria" ...

- É para você ver , Elza - o poderio dessa empresa !

- E notem neste artigo , o Brizola advertindo que vem sendo planejado um falso projeto de Reforma Agrária .

- Mas continua sendo taxado de comunista . Bem que faz em ir à rádio e à televisão . O povo tem direito de saber o que se passa a nível de governo .

Exato , Elza . E o Deputado nada mais faz do que atentar para a advertência deixada por Getúlio , em sua carta-testamento: O perigo terrível que representa a infiltração dos trustees internacionais .

- Olhem só o que diz no outro discurso : Está completamente a pavorado e desiludido com a inércia do Senado e da Câmara que - após meses e meses de debates - não aprovou uma reforma sequer . E finaliza dizendo que é melhor combater diretamente ao lado do povo, num país de mais de 30 milhões de marginalizados . Acredita que as reformas só sairão das mãos do próprio povo .

- É mesmo , Elza . E a nossa posição é a mesma . Mas olha que é preciso coragem !!

- Mas vamos até o fim!- conclui Adalberto .

É sábado: 21 horas . Lídia está quase pronta para o baile :

- Hoje vai ser uma noite inesquecível !

- Algum motivo especial ?

- Mas é claro , Andressa ! Vou chegar em casa com aliança no

dedo - você não sabia !?

- Não diga ! E a gente pode saber quem é o " príncipe encantado " ?

- Um tal de Maurício. Filho de tradicionalíssima família de estancieiros , de Uruguaiana .

- Nôóssa ! Meus parabéns !

- É podre de rico , sabe ! Nem ele mesmo sabe o que tem : Terras , gado , ovelhas , benfeitorias ... Você precisa conhecer é a mansão dele , aqui em Porto Alegre : Um ne-gó -cio !!

- Aaanh ! ...

- É formado em Direito. Mas não exerce . Tem tudo o que quer . Pra quê se matar ! Ele está certo ...

- Deve ser feio como noite de inverno - diz Elza brincando, só para entrar na conversa .

- Você está é com inveja , menina ! É um pãozão !... Aaaaah ! esta noite vai ser ímortal ! Naquele salão badaladíssimo !... aquelas luzes ! ...

Levara horas se embelezando . Agora (finalmente !), está pronta. Uma princesa talvez não se fizesse tão bela e opulenta , dentro daquela roupa vaporosa . Aplica um beijo em suas amigas :

- Boa noite , queridas . Fiquem aí com seus Diretórios, seus favelados ,seus Brizolas ... que eu vou gozar a noite ! Aaaaah, meu Deus , será uma noite e-ter- na !!

Bate a porta e sai voando . Um mundo de seda e de perfume desce as escadas ...

- Você reparou naquele seu anel de rubis , Andressa : Que anelão ! Só pode ter sido presente do noivo. E que olhos ! Parecia a sensualidade toda daquele corpo mole , concentrada naquele olhar langoroso e naqueles lábios polpudos de carmin .

- Pois é - Elza . Cada qual com suas teorias e suas práxis...

E ambas se debruçam com vontade sobre os livros. Na segunda - feira , aguardá-las-ia uma prova das mais pesadas .

Gino chega a Porto Alegre a negócios . Problemas com a Sociedade Agrícola . No apartamento da Lídia , encontra sua noiva entre livros , apostilas , jornais e revistas :

- Sempre atualizada , hein !

- Ó meu amor , mas que surpresa feliz !

Depois de um abraço e um beijo :

- Tudo bem com você ?

- Tudo ótimo . Muito estudo , como sempre .
- Estou vendo . E o Diretório Acadêmico ?
- Muito atuante . Estamos conscientizando os colegas . Um trabalho paciente , duro ; mas gratificante . Devagarinho , vamos sensibilizando mais pessoas . Já temos uma equipe fazendo " trabalho de campo " numa maloca , em Canoas . Nosso trabalho de assistência social será uma segunda etapa do planejamento .
- Isso é ótimo . Mas , esse trabalho não é muito " perigoso " ?
- Se é , Gino ! Na Universidade somos vistos mais ou menos como subversivos , agitadores , comunistas ... quando não é aquela apatia de outros colegas , o que pra mim é ainda pior . Veja por exemplo , o que diz o jornal de ontem .

Ele apanha o periódico e corre os olhos pela manchete :

" Grupos de universitários desta Capital taxados de exercerem atividades esquerdistas em Canoas "

- É uma infâmia ! Mas deixemos isso de lado . Vamos falar em casamento ?

- Como você quiser - meu bem .
- Confirmado pra julho do próximo ano ?

Ela o abraça :

- Ó querido , sou a mulher mais feliz do mundo !
- Uma subversiva , comunista ! ... - brinca ele .
- Lamento apenas interromper o trabalho de base aqui iniciado . Mas a Elza e os demais colegas saberão , com certeza , levar adiante a nossa causa . Desde que comecei a exercer alguma liderança em Passo Fundo , aprendi que ninguém é insubstituível , e que - em qualquer lugar - podemos ser úteis à sociedade . Ah , me esquecera de indagar : Como vai a Sociedade Agrícola ?

- Lutando sempre . Estamos prevendo uma safra excepcional de cevada e de trigo . Contamos com mais três sócios . Os Estatutos foram aprovados ante-ontem .

- E a minha terrinha , meus pais ?
- Tudo muito bem . Ângelo está melhor . Dona Rosa , quer dizer, a sogra ... lhe manda um beijão .
- Obrigada - sorri feliz .

Aquele olhar verde se crava no fundo dos olhos do noivo. Ficam os dois - olhos nos olhos - alguns instantes em silêncio. O amor amadurecendo , crescendo dentro deles , sadio e viçoso como trigo em terra fértil .

- Bem querida , já devo ir - que estou atrasado .
- Um abraço pra todo mundo , e aquele beijo pra mamãe ! Diga que estou morrendo de saudade . Aquela terra não me larga ...

127

- Obrigado . Nas férias , a gente se encontra com mais tempo . Temos muitos detalhes a acertar . E cuidado com essas suas atividades "esquerdistas" ! ...

- Andressa abre o seu sorriso límpido .

- Até breve , então .

- Até breve .

Beijo .

Na poltrona do ônibus , ele sente certo mal-estar. Aquela revólver dificulta-lhe até o reclinar-se mais comodamente. Um mal necessário : Orides , seguido , dava suas " volteadas" pela Estância Cacique - resultado daquele vergonhoso crime . A qualquer momento, o demônio era capaz de ... " Como é que aquele miserável não está nas grades!?"

O ônibus sobe a serra , driblando trigais quase maduros .O vento , brincando com aquele ouro .

Duas colheitadeiras automotrizes e três rebocadas a trator vão ceifando, até altas horas da noite . Gino precisa - com urgência - conseguir mais uma automotriz . Recorre à Cooperativa Tritícola . A safra supera qualquer expectativa e é preciso rapidez na colheita . Os três caminhões não conseguem vencer . Carroças velhas rebocadas auxiliam no transporte do cereal . Orestes, no volante de um velho trator , está embasbacado :

- Mas que baita safra, chê ! Trigaço do bueno . A Minuano de Caçapava nem incosta os pelego ! Aqui se forra o poncho, vivente!

O armazenamento é o que mais preocupa . Ainda bem que a Cervejaria Serramalte absorve toda a cevada - imediatamente . Improvisam-se mais uns galpões , enquanto Gino corre , feito louco , pra Estação Getúlio Vargas , Erexim e Passo Fundo , gestionando junto às cooperativas : Era muito trigo para colocar . Não há dúvida , que na reunião seguinte se deveria tratar do caso da imediata construção de, no mínimo , dois armazéns de alta capacidade de estocagem .

Em pouco mais de duas semanas , tudo deveria estar colhido; uma chuva agora seria um desastre ! Máquinas e caminhões não param Orlando Beledelli alugara seu " Chevrolet Tigre" . Nunca fizera um frete assim! O gordo Orildo , Ângelo e o velho Piero auxiliam também , comandando carroças de tração animal . Nas coxilhas e pelas várzeas ; nas estradas e paióis ; nas garagens - um fervilhar quase dioturno - um enxame de formigas que providenciasse uma enorme estocagem de alimento para o inverno .

Aldino passa por perto do Orestes e , da cabine do seu Ford , grita :

- Agbenta firme o rojão , Orestes !

- Gaúcho macho não nega o estribo , patrício ! Incosta teu for deco , que trigaço lindo tá aqui , não tá in casa !

Guilherme e Severino comandam as automotrizes . Cada uma arranca umas trezentas sacas diárias , daquelas espigas maduras para o sacrifício . É o pão que começa a ser imolado , aí mesmo, no altar do mundo . As três ceifadeiras rebocadas, aquela fumaceira ! Gino, a muito custo, conseguiu da Tritícola de Estação Getúlio Vargas o empréstimo de mais um caminhão . Sabia que os Giacomazzi não o deixariam apuros . Aldo se diverte com aquele Chevrolet . Valdomiro Peretti faz gemer um velho Dodge . Os Vechiatto comandam as rebocadas . Pelas estradas e lavouras de Vista Alegre e Navegantes, é aquela fumaceira vermelha , aquele cheiro de trigo e de trabalho .

Já nos últimos dias , chega mais outra automotriz . O Prefeito se empenhara pessoalmente em consegui-la . Definitivamente, Vista

Alegre e Navegantes colhem os primeiros frutos daquela revolução . Ali está o resultado do trabalho dirigido por " um homem da terra!"

Nesse local de Nova Esperança não foi necessário enfrentar o problema da desapropriação de terras. Mas , para evitar a iminente instauração do latifúndio (a Estância Cacique era um indício a meaçador) , Gino mobilizara tudo inteligentemente. Aos poucos, ia socializando os instrumentos de trabalho e todo o processo de produção . Chegara em boa hora ; várias famílias vinham sendo tangidas para outras terras, quando do início daquela transição . Muito se deveria fazer ainda , para que a Sociedade Agrícola atingisse um estado ideal . Mas, aqueles meses todos de trabalho cooperativo eram já uma palpável amostra de que se enveredara por um caminho certo . Os velhos e experientes italianos , aliás, testemunham isso :

- "Que bellezza - Angelo!" Na Itália , nunca vi tanto "fromento !"

- " Ecco, ecco , Piero ! " E a gente pensava que a terra não dava mais nada , é !

- E as nossas safras , davam pouco mais de " cento sáqui". Quanto " trabalho" é , com a Vencedora do Bianchi !

O velho Piero passa o litro de " graspa " para Angelo :

- Foi por causa do trigo que a Áustria invadiu a Itália ...

- Justo , justo .

- " Nella guerra ..."

Gino está coordenando mais uma reunião no Distrito de Floriano Peixoto . Ali na parte Leste do Município , a realidade é muito distinta. Terreno acidentado , dificultando o acesso às máquinas modernas . Estradas precárias , poucas escolas. Mas a terra é muito boa . E aqueles descendentes de poloneses e italianos, dando evidentes mostras de alta capacidade de trabalho. Nas encostas do Rio do Peixe , o milho e , especialmente a parreira , encontram um ótimo solo . Gino tem uma visão global do problema :

- Não se entusiasmem demais , com sonhos de grandes colheitas deiras , e super-safras. Se concordarem , poderemos partir para a intensificação do plantio de milho , de soja e de parreiras. Também de arroz e feijão . Acredito que o trigo deva ser deixado em segundo plano . Outra alternativa cabível seria a suinocultura .

Vem a primeira objeção :

-Mas , como trabalhar com uva , se a Vitivinícola Serrana está morrendo ?

-Justamente porque não há mais produto . Estou vendo que os agricultores,por aqui , estão deixando morrer os parreirais .

Instalam-se os zun-zuns e os apartes. Gino prossegue :

-Creio que , neste Distrito , o melhor seria a utilização de micro-tratores , implementos agrícolas não muito sofisticados , e alguns caminhões - também pequenos . Nossas estradas, infelizmente , deixam a desejar .

Continuam os debates , os " concordo" e os " discordo" . Demorou-se mais de duas horas ; mas ,enfim , surgem as primeiras conclusões : Fundar-se-ia a " Sociadade Agrícola Rio do Peixe " . Escusado dizer que alguns não concordaram em nada e , achando o empreendimento totalmente inviável , retiraram-se do encontro céticos - prevendo o fracasso total . Mas Gino confia. Conta com o respaldo da Secretaria da Agricultura do Estado . Além dos implementos agrícolas, teria de pensar na compra de umas três mil mudas de parreira . Naturalmente , era preciso ampliar todo o plantel de instrumentos de trabalho . Milho , soja , feijão e uva seriam os produtos mais intensivamente cultivados .

No dia seguinte àquela reunião , ele está pessoalmente no gabinete do Senhor Prefeito de Nova Esperança . Julgara urgente aquela entrevista :

- Senhor Prefeito , lamento informar a Vossa Senhoria que , infelizmente , as estradas , no Distrito de Floriano Peixoto, estão em condições muito precárias , e que a região do Rio do Peixe está carecendo de várias escolas . Por isso, tomo a liberdade de sugerir-lhe ...

Dona Gema viera a Vista Alegre , visitar o neto, os filhos , e os amigos . Deixou a todos muito admirados : Muita coragem ter viajado sozinha . Marco queria vir , mas... não poderia deixar a casa praticamente sem ninguém... Cláudio trabalhando todo dia fora. Mas não faltaria ocasião ...

Está contentíssima . A filha Olívia acha-a rejuvenecida , cheia de vida . Orgulhosa , apresenta-lhe a criancinha :

- Tem cara de Antonello ! O rosto da jovem mãe,brilhando .

- " Ma que bello !! Que nome escolheram ?

- Hélio .

Dona Gema aplica um beijo no rosto do neto . " Será nome de algum santo ?..." E depois :

- Muito bonito nome ! " Bello , bello ! "

Uma nesga de sol vem fazer festa na face da criança . O pequeno rosto se ilumina . Dona Gema se transfigura :

- " Mamma mia " - parece que o sol nasce do sorriso e do rostinho dele ! E os olhos , quanta luz , quanta luz !

- Sempre sonhou com um neto-homem - não é , mamãe ?

- Sempre , filha , sempre ! Alguma coisa me diz que o Hélio terá um futuro mais brilhante que o do Gino .

Suspende mais a criança, como que a apresentá-lo em oferenda a um Deus onipresente :

- Hélio , homenzinho de " grandio" futuro . O próprio nome parece brilhar !

Na manhã seguinte , está visitando as plantações, na companhia do filho . É invadida por um contentamento incontável . Está novamente em seu paraíso . Não pára de falar :

A horta está " magnífica " . O pomar , quantas frutas ! Na fonte , a melhor água (A de Caxias do Sul não prestava , vinha enfeijada , dentro daqueles canos - quando vinha ...). O parreiral estava " tutto novo " . Às vezes pára e pousa um olhar demorado sobre aquela natureza toda - que mais lhe parece um mundo irreal :

- " Un paradiso ! Un paradiso ! "

O filho , explicando tudo . Ela escuta encantada . Depois pergunta , interessa-se ; fala muito . Parece mesmo que as palavras a floram da natureza e tomam conta daquela senhora . Uma mulher transformada . Num dado momento , Gino não pôde evitar a comparação - que lhe escapa quase em voz alta : "Que diferença entre a mulher de Caxias do Sul e esta mulher ! "

Todas as manhãs , era um delicioso passeio por aquele mundo : Fosse com o netinho , fosse com a filha , ou sozinha . " Que bom , posso passear de novo no meu jardim! " Num desses passeios, o sol ainda brincando sobre o orvalho donde chispavam cristais , ela não se contém : Começa a dialogar com a velha roseira que ainda cresce abraçada à casa - e que , agora , Gino vem cuidando . Ali , as palavras parecem voar , acompanhando algumas pétalas que o vento leva ... Numa tardinha , chega ao curral . Queria lembrar os "bons tempos" . De repente , começa a dar o nome a cada animal : A "Estrela" , a " Boneca " , a "Mocha " ... Olívia acha aquilo tudo muito engraçado . Poético mesmo .

Passa o Natal em Vista Alegre . Aquele sino bimbando parece transfigurá-la em êxtase . Eram mais de 20 longos anos que aquela melodia , todas as manhãs e todas as tardinhas...

Na hora da despedida , faz um esforço supremo para não chorar. Inútil.

- Então , mamãe - valeu a pena vir ?

- Ó filho , nem me fale ! Pra este " paradiso " vou voltar ou tras vezes .

- Volte sempre , mamãe - diz a filha, abraçando-a . Traga também o papai .

Despede-se , deixando ali o coração . Enquanto leva sua mãe até a sede de Nova Esperança , Gino vai pensando naqueles dias em que ambos - novamante como crianças - gozaram daquele céu. Todo o passado parecia concentrar-se ali . Tudo era um recomeçar. Uma reconquista do próprio tempo .

Entretentes, Olívia e seu marido trocam impressões :

- Você viu alguma mancha vermelha no rosto da minha mãe- Al do ?

- O quê? ... Não vi nada , não .

- Eu também não . Sabe , fiquei muito preocupada ; depois daquilo tudo que o Gino falou ... Mas , que saúde hein ! E com essa idade , viajando sozinha ! Acho que ainda vai chegar aos 80 anos - ou até mais ...

(A morte de Dona Gema obrigara Gino a deixar de lado as preocupações com a Sociedade Agrícola e a viajar urgentemente a Caxias do Sul , desta vez , em companhia de sua irmã Olívia . Uma surpresa muito desagradável . Um choque ! Bem que poderia ter suspeitado qualquer coisa ... aquela mancha ? ... Agora é tarde . Está ali na sala , cabisbaixo . Parentes, amigos e vizinhos no velório . Fala-se baixinho . Olívia , mal podendo suster-se de pé , o garoto Hélio no colo . O neto em quem Dona Gema vira tanto brilho , tanto futuro .

Morrera tranqüila . Seu médico está ali para uma visita . Garante a Gino a Cláudio e a Olívia que - diagnosticada a doença - infelizmente era tarde demais , a medicina não poderia fazer mais nada . Uma intervenção cirúrgica seria totalmente inútil ,além de intensificar em muito a dor da paciente .

Algumas senhoras acompanham o padre nas orações . Segundo a opinião do vigário , ela morrerá " na paz do Senhor " , como " uma santa " . E consola : " Os caminhos de Deus , nem sempre são os nossos caminhos . Para o cristão , a morte não é o fim , mas é o começo de uma vida nova ... " Mas adverte : "Ela vem como um ladrão"

As velas acesas parecem transmitir um quê de paz e minimizar a dor que paira no ambiente . O rosto de Dona Gema assemelha-se ao da imagem de Nossa Senhora do Caravaggio - aquele presente antigo, que o padre Jeremia testemunhava ter a bênção do Papa ...

Quase a um canto , sozinho , Marco está mudo . Comovido. Mesmo de barba recém-feita , a severidade parece não ter desaparecido daquele rosto magro . Os olhos,porém , estão serenos . Provavelmente havia chorado lágrimas que - paradoxalmente - lhe fizeram bem . Só agora , mirando-o com certo cuidado , Gino procura adivinhar quanto Marco amava aquela mulher . Certamente,à sua maneira - de homem pouco dado a exteriorizar sentimentos .

Enfim , chega a hora derradeira da partida . O padre abre seu livro e começa a encomendação :

"... Quem crê em Mim , ainda que esteja morto viverá ... Eu... eu sou a ressurreição e a vida , diz o Senhor ... Descanse em paz".
Olívia chora).

Lídia está uma rainha . O casamento fora marcado para aquele 15 de dezembro . Nervosa , dentro daquele vestido luxuosíssimo - finíssimas luvas às mãos - aguarda apenas a chegada do chofer.

- Noivado curto , hein Lídia !

- Mas , casamento e-ter-no , minha querida ! O Maurício é o Único do mundo ! O príncipe que sonhei a vida toda ! A nossa lua-de-mel será em Buenos Aires- sabe ! Depois , vamos passar uma temporada na estância dele , em Uruguaiana . Aaaah , meu Deus - só agora sinto que sou a mulher mais feliz do mundo... quase desmaio , ao pensar ...

Caminha de lá para cá , vai ao espelho , ajeita-se . " Assim fica melhor ?..."

-Com qual dos carrões vão viajar - com o teu ou com o dele ?

-Que carrão nada , Andressa. Vamos de avião particular ! ...A-final de contas , meu amor é um dos homens mais ricos do Estado . Olha , só em terras, ...

- Quem tem , tem .

- Isso mesmo , Elza . Me contou que só numa estância dele , os peões nem sabem quantas ovelhas há . Me falou também que vai construir um edifício aqui em Porto Alegre , e comprar mais terras , na Argentina . Meu Deus , eu aqui , vestida de noiva , falando...

- É verdade que o Maurício queria casar na Catedral ?

- É sim , Andressa . Queria um casamento de alta repercussão ,

um acontecimento social ... Mas , acabou cedendo à minha sugestão: Achei a capela do Imaculado Coração mais íntima ... mais aconchegante . Depois ... ali , se pode evitar a entrada daquela gente , sabe ... Aaaah ! Já não me agüento mais ! Aquele tapete vermelhinho , aqueles arranjos ... a marcha nupcial ... as aias à frente , e eu , arrastando estes metros de cauda ... Meu Deus , esse chofer que a pareça duma vez !!

- Calma , calma ! Falta mais de meia hora .

- Ah , a tevê vai fazer a cobertura completa de tudo - sabe Elza ; e os jornais também foram contratados . Vai ter uma reportagem especial , tanto das cerimônias religiosas , quanto da recepção que daremos , no salão do hotel . Imagine só : Manchetes , coluna social , ...

- Puxa - vocês não esqueceram nenhum detalhe , hein !

- Nadinha querida . Só em convites , o Maurício gastou nem sei quanto ! Amanhã , a essas horas , estaremos gozando das delícias da cidade portenha . É um sonho ! Um sonho ! ... Lua-de-mel em Buenos aires ... Aaaah , é a glória !!

O ambiente está envolto em perfume . A noiva , toda aérea . "Estou bonita ?" ...

Andressa e Elza tomam o táxi e seguem o Mercedes dirigido por um chofer todo enlulado . Lídia como que está protegida por um invólucro alvíssimo de algodão . Vão passando pela Vila Lázaro : Grupos de moleques seminus e sujos , jogam futebol num terreno baldio . Uma bola malandra vem ... vem bater na lataria lustrosa do Mercedes imprimindo-lhe uma escandalosa marca redonda . Os gomos sujos , que contraste com aqueles polpudos lábios vermelhos da noiva ! A cachorrada se assanha e segue o automóvel . Algazarra e perseguição . As janelinhas dos barracos se tomam de meninas e mulheres tristes , as cabeças despenteadas . Olhares longos , desconfiados ... Algumas crianças nuas brincam na terra . No céu , o colorido flutuante de dezenas de pandorgas . Nas portas , os cartazes da novena " Natal em Família " . No alto de uma haste de bambu - no fundo dos quintais - bandeiras do Internacional e do Grêmio , farfalhando ao vento , como que se provocando .

- Lídia avalia o vestido ; acaricia as luvas :

- Acelera mais o carro , por favor !

- Pois não , senhorita !

No banco trazeiro do táxi , Andressa murmura no ouvido de Elza , com medo de que o motorista ouça :

- " Meu Brasil brasileiro ... "

Elza :

- Sabe no que estou pensando ?

- Num casamento semelhante ...

- Longe disso ! - Naqueles olhos " langorosos de bolero" - como você sempre diz ; e naquele anelão cravejado de rubis...

- Engraçado : Eu vinha pensando naquelas luvas e naqueles metros alvíssimos de cauda , do vestido da noiva ... Ela está um sonho , uma fada ...

Na capela do Imaculado Coração, a marcha nupcial parece brotar dentre anjos e nuvens, e volatilizar-se por entre perfumes e flores. Gravatas, luvas , longos e vistosos vestidos de seda recebem a deusa branca e pura ... Rebentam dezenas de flaches . A luz intensa das câmeras de tevê , ofuscam os olhos da noiva - que parece nem tocar os pés no tapete vermelho e fofo . Um deslizar leve , macio . Momento volátil , etéreo . Cochichos e "óóós". Vozes, muitas vozes de anjos rejubilando ... A capela é um nicho . O padre , todo engalanado - paramentos festivos - quase desaparece por detrás das rubras " corbeilles " . O beijo doce e puro dos noivos documenta tudo : Felicidade eterna ! ...

A vida de Gino está cada vez mais agitada . Trabalho, preocupações, viagens . Há muita coisa a coordenar : Reuniões de sindicato ; tramitações exigidas pela Sociedade Agrícola Rio do Peixe; o plantio de soja em Vista Alegre e Navegantes ... Conseguira da Prefeitura Municipal o aluguel de um jipe . Começa a trabalhar, assessorado por outro agrotécnico - Telmo Duarte - também formado em Agrópolis . As visitas aos diversos setores agrícolas são constantes . Insiste nos cuidados que se deve ter para a manutenção do solo ; manda buscar e distribuir novas sementes ; realiza experiências ; faz palestras . Incentiva a horticultura e anima os suinocultores . Uma luta !

Certa ocasião , reúne-se com a Diretoria da Cooperativa Vitivinícola Serrana LTDA. Tal entidade vinha unindo os agricultores da Região , desde 1932 ; mas agora , está em completa decadência . Um longo diálogo , franco e informal , faz com que mude a mentalidade e os rumos de Cooperativa . Partir-se-ia para o apoio direto aos viticultores .

O tempo correndo , Gino naquele entusiasmo . Não tem tempo para dar ouvidos às críticas (que não são poucas) . Havia até rumores de que Gino estaria liderando um " Grupo dos 11 " - cujo foco estaria em Vista Alegre.

Os tempos são de agitação . Gino acompanha tudo pelo rádio e pelos jornais . Brizola continua com seus discursos inflamados . Fala-se muito em Reforma Agrária , e comunismo . Muitos padres advertem o povo dos perigos da ideologia vinda da Rússia - " o demônio moderno" ! - solapar os alicerces da nacionalidade cristã do Brasil . Multiplicam-se as greves . Cresce assustadoramente a inflação . O povo , numa intranquila expectativa; Goulart pressionado por todos os lados . Neste clima , vai-se passando o mês de janeiro de 1964.

Um tanto alheios a tudo isso , Aldino , Guilherme e Orestes aproveitam a tarde para pescar .

O Rio Butiá tem ótimos " poços" para se pescar lambaris . A tarde é morna , parada . Os três fumam seus " crioulos", que é para fugentar os mosquitos . A conversa corre solta e lisa como a água:

- ... E que tal , Orestes , um " causo " do seu tempo de peão, na Estância Minuano , lá de Caçapava ?

- Olha , Aldino - da Minuano praticamente não tenho nada pra le contá ; mas , de certa feita , quando guri novo , lá pras bandas das Coxilhas Sant'Ana , ...

- Pros lados de Livramento ?

- Justamentos, Guilherme .

E o gaúcho se põe a narrar : Foi numa carreirada. Haviam pou - sado num capão , junto ao Monte Palomas . Ele ainda era piá. Guri molhado ; mas já era " índio maleva " , mui experimentado . Apare - cera um cavalo tubiano - do Quaraí - era o rei da fronteira. Havia ganhado inclusive carreiradas no Uruguai . Chamava-se " El viento". Cavalo ensinado , " barbaridades" . Corria mais que o diabo !... A gauchada toda apostava nele (Tragueada de palheiro) . Pois na carreirada esta , dera gente como formigueiro - como abelha em dia de enxame . Muito castelhano bem clinudo . E cada prendaça ...gráú da como abóbora de mangueira ! Ele se apresentara com o petiço "Per - digão " - assim a peonada o chamava porque diziam que " avoava" ... Na hora de se apresentar , Orestes até se envergonhara " um eito" , pois havia cada potro de encher os olhos (Cusparada pra dentro do rio) . Ninguém arriscava um níquel sequer no " Perdigão" , Olha - vam pro petiço com cara amarela . Os de guaiaca gorda apostavam to - dos no " El viento" . Pois largaram os " pariero". No meio da can - cha , um zaino de Bagé tropeçara num cupim , e foi aquele esparra - mo por cima das prendas ... A Otacília , coitada , se boleara toda num aramado , rasgando a saia ! " Le conto , vivente !..." Esparra - mo buenaço ! E Orestes , " laço que te laço" nas loncas do "Per - digão" . Encostara as fuças no cavalo de Quaraí , e o resto da ca - valhada ficara " no relincho dos cascos" . Meio pescoço pra lá , e meio pescoço pra cá , até o final. Mas , cruzando a raia , o peti - ço estava levando pelo menos meio " parmo" de vantagem. O pessoal do Quaraí quiseram levar o negócio por baixo do poncho . Foi o en - trevero ! Se resolveu no braço . No final do " fandango" , a vitó - ria ficara mesmo com o petiço - que havia acabado com a festa - bar - baridades ! (Outra cusparada) . No domingo seguinte , o patrão a proveitara um negócio de ocasião , passando o cavalo "na plata". "Le conto , chorei de sentimento! "

Segue a pesca . A terde cada vez mais sufocante . A chuva a de - saber a qualquer momento . Aldino não perdoava . Queria ouvir do gaúcho o famoso " caso " acontecido na Guerra do Paraguai . "Acon - teceu com meu falecido avô , le conto : De uma feita , os brasilei - ros se entreveraram com os guaranis , nas barrancas de um rio. Ro - deio pra macho . Pois os "paraguais" le ganharam a peleia , deixan - do nossos compatriços sem armas - lisos no más . Da refrega escapa - ram uns trinta "compatriços" . Pois fala meu avô que, os que salva - varam as loncas, só ficaram com os cavalos que tinham escondido lá por dentro de um bambuzal . E agora " hermano mio?" Foi entonces ,

o velho Gumerindo - primo irmão do meu avô - se "aluminou" da idéia . Le restava um facão . Avançou pro bambuzal e cortou, bem a preceito , trinta varas -coisa assim como espeto pra assá costela. Pois les conto - cada combatente enfiou uma dessas " lanças" debaixo dos pelegos , a jeito de arma de fogo , chê ! Levantando bem as pontas . Saíram a trotezito no más , no rumo dos calcanhares das nossas tropas . Pois le digo : Quando passaram numa cidadezita, todo o povo se "afroxou das pernas " . Se juntaram com as tropas dos " paraguais" , e todos juntos , le suplicaram aos brasileiros que não atirassem, por amor das duas " pátrias hermanas" ... Dizque o padre - depois que a cavahada passou - se pendurou no sino da igreja , mais de meia hora ... Ah , vivente , muita suerte ! Pois , les conto , guerra é guerra ! ..."

Os braços e as pernas do gaúcho estão salpicados de picadas . Os mosquitos deixamvam-no roxo . Puxa da faca e começa a picar fumo .

- E que tal a vida , aqui em Vista Alegre ?

Orestes sorri largo :

- Pois Guilherme , encontrei a vida ! Aqui tenho minha casa. Po bre , mas buena . Minha patroa aprendeu a cultivá uma horta . O doutor Gino ensinou. Eu mesmo vou criando uns porquinhos e uns franguitos . O piá vai pra escola . Não é que o guri deu puxado da idéia , chega em casa me passando lição . Pois olha , Guilherme, aqui estoi mui bem arrinconado !

- Só tem um filho ?- indaga Aldino , arrancando outro lambari .

- Tenho outros três , já bem criados . O Altivar se bandiô pros Alegrete , e trabalha na estrada de ferro ; o Ibrantino é pião, lá em Dom Pedrito ; e o Querenciano se meteu a gaudério. O último recado dele me veio das Lagunas - pros lados do Paraná .

- De Santa Catarina - corrige Guilherme .

- Agora a patroa qué encomendá uma prendinha . Cuê puxa ! ...

Até o momento , o gauchão havia pescado apenas três lambaris , e não parava de coçar as pernas - castigadas pelos mosquitos .

Depois , foi o Aldino que se enfiou a contar " histórias", como aquela que acontecera - quando era guri novo - no açude dos Santin : Estava um grupo de meninotes tomando banho , peladinhos da silva , quando , sem mais , passaram por ali umas meninas : Virgem! Sorte que havia umas macegas... O Olivino mergulhara , e depois emergira , a barriga cheia d'água - já todo amarelo. As garotas, muito escandalizadas , deitaram a correr e a gritar ...

- A las cria , vivente !

Dias após , Gino , Guilherme e Severino estão na lavoura de soja. Havia crescido bem ; notavam-se apenas algumas manchas , onde a terra era mais fraca .

- Devemos corrigir , com o tempo .
- Aqui se deveria aplicar um pouco mais de calcário .
- Talvez , Severino . Vou examinar melhor o solo .

Descem em direção à várzea . Examinam a plantação , trocam idéias . Ali na estrada que leva a Navegantes e Ipiranga , Bruno Ferrari aguarda-os , há questão de uns 10 minutos .

- Bom dia , meus amigos !
- Bom dia ! Bom dia !
- Que milhaço !

- Aqui na baixada , está mais ou menos . Plantamos uma semente nova que veio de Carazinho . Parece que vem aprovando .

- E o que nos conta de novo , Bruno ?

O rapaz apresenta a Gino um papel " tamanho Ofício" :

- É o pedido do pessoal de Ipiranga .

Gino lê a solicitação , subscrita por 15 assinaturas.

- Os Ferrari , os Dal'AgnoI e os Forletto já ofereceram os préstimos dos seus tratores - adianta Bruno . E os Matana estão para receber uma automotriz nova .

Gino dobra cuidadosamente o papel, hesita um pouco - ganhando tempo .

- Já conversamos com um agrônomo que trabalha em Sarandi. Ele concorda em nos orientar por um salário até bastante camarada. Os que trabalham com ele estão bastante satisfeitos .

- Está bem . Falem com ele , e marquem uma reunião para fins de fevereiro . Agora , tenho trabalho " até aqui" .

- Já damos o nome à " sociedade" , antes mesmo de nascer : " Sociedade Agrícola Pampa" .

- Ótimo . Vamos estudar o caso .
- Um bom dia pra todos , então .
- Até a próxima - Bruno .

Embarca no seu velho e desbotado automóvel e arranca , deixando por sobre o milharal um lençol de pó vermelho.

Guilherme bate no ombro de Gino :

- Pelo visto , estamos ao lado do melhor agrotécnico do Estado . Todo mundo ...

- Nem se duvida ! - acrescenta Severino .
- Brincadeira tem hora , gente ! ...

Para Andressa , as férias são um hiato de paz . Em Vista Alegre , encontra tudo em transformação . O Antônio Vieira com outra ala quase pronta . A capelinha amarela de madeira - quase escondida no meio dos plátanos - cedera lugar a uma ampla igreja de alvenaria . Nas casas em derredor , algumas antenas de televisão apontam para o céu . A linha telefônica passa por ali, estendendo-se até o distrito de Ipiranga . Na venda do Darci Comin , o "Correio do Povo " chega diariamente , em várias assinaturas . Percebe que agora , a maioria das pessoas fala em Português , e que poucas crianças conhece o dialeto de seus ancestrais. Só os bem idosos continuam a expressar-se na sua língua de origem - que Andressa acha deliciosamente sonora . Tudo mudara muito rápido em Vista Alegre .

Neste domingo , Gino traja-se muito bem - aos poucos , Andressa acostumara-o a isto . Ela , certamente , o estaria esperando , toda bela . Aquele encontro era para combinar todos os detalhes a respeito do casamento . Prefere fazer aquele quase quilômetro , a pé . Hoje não é diferente . Pela estrada , de improviso , assalta-o a lembrança da figura de Orides . Seria que ... ainda não iria acabar com tudo ?... Põe a mão na cintura , no lado direito : " Esqueci o revólver ! " Talvez fosse melhor assim . Andressa se assustaria ... O assassino não se atreveria a enfrentá-lo . Se bem que - volta e meia - dava das suas "volteadas" pela Estância Cacique , a poucos quilômetros das terras da " sociedade" ...

Apressa-se . O sol de fevereiro sorrindo pra tudo . A sanga espelhando uma luz intensa - cantando . O feijão-soja , o milho , o arroz , tudo num verde viçoso. Cigarras fazendo festa ...

Andressa abre-lhe a porta :

- Olha só como está o meu príncipe !

Abraçam-se .

Dona Rosa chega , sempre aquelas mãos no avental :

- " Bom jorno" !

A noiva está encantada : Que revolução na sua terrinha ! Hortas , pomares, parreirais ... tudo se renovando , obedecendo ao rigor de novas técnicas . Muitas máquinas , armazéns, galpões...

Gino percebe que Ângelo está de saída ; apressa-se a mudar de assunto :

- Quero aproveitar para comunicar-lhes que Andressa e eu marcamos o casamento para fins de julho - após a sua formatura .

- " Ma que bello , é" !

- Vamos matar o Pintado e fazer um bruto dum " surrasco " - fala o pai da noiva , entusiasmado . E depois : A terra aqui é de vo-

cês . Já passei as escrituras.

- Eu poderei comprar . Em três ou quatro anos , ...

Remor protesta . Agora , são todos de uma " família " só. Dona Rosa promete uma sopa de capeletti como nunca fizera ; afinal, seria o casamento da filha única . E agora , o Gino era como filho , é !

Angelo solicita permissão para ir a Vista Alegre . Depois do " rosário " , não faltaria o jogo de " bossa " . Sua mulher adverte-o para não voltar com muito vinho na cabeça , que - desta vez - o cabo da vassoura era capaz de cantar mesmo ...

Os noivos sorriem . Há uma breve pausa . Dona Rosa busca " um aperitivo " .

- Tenho outro particular com você - querida.

- Outra vez o Orestes ? ...

- Não , não. Um caso bem diferente . Depois explico .

- Este é um aperitivo especial , é . Graspa com guabiju . "Io lo preparo , io mesma , é !

Tomam . Gino elogia : " Uma delícia " .

- Agora fiquem à vontade que vou dormir um pouquinho . Se comportem bem , é ! No meu tempo ...

Ela passa por aquela saleta , onde a velha PFAF está bem guardada . Instantaneamente , atrai a máquina de costura para dentro . Dentro dos olhos , e de si mesma : Presente da saudosa mãe . Nunca conhecera um conserto . E sempre o mesmo lubrificante . Sua genitora lhe ensinara a costurar na velha PFAF , e a tratar da máquina com todo carinho . Dezenas de invernos foram passando , os pés pedalando , pedalando . Os tampos passaram , a filha acabava de marcar o casamento ...

Na sala , Andressa sugere :

- Que tal uma voltinha por aí .

- Ótimo , querida .

Saem de mãos dadas . Na sua simplicidade , a noiva está encantadora . Quando em férias, veste-se à camponesinha italiana. Gosta. O rosto moreno . O longo cabelo moreno , discretamente perfumado. O verde vivo dos olhos resvalando sobre o verde da relva e de toda a natureza .

- Qual é o " particular " de hoje ?

- É o caso do Orestes .

- O gaúcho simpático, vindo de Caçapava ?

- Ele mesmo . Chegou aqui , praticamente fugido, as mãos abanando . Na Estância Minuano , trabalhava como um escravo. Tomeia liberdade de instalá-lo provisoriamente aqui. Inclusive já cons -

truiu uma casinha . O assunto foi debatido com os membros da Diretoria .

- Sim ?...

- Como agora você tem bastante terra , gostaria de saber se concorda em vender-lhe uns 12 ou 15 hectares . Ele pagaria aos poucos , e sem juros . Penso assim , poder ajudá-lo , evitando ao máximo o paternalismo .

- Mas , Gino , a terra é " nossa " ! Já falou com ele a respeito ?

- Naturalmente . Está de pleno acordo .

- Excelente ! Ademais , que faria eu com a terra ? Meu pai tem já certa idade ; e anda meio doente - como você sabe . Vamos dispor da terra para uma função social . Terra deve produzir . Pode concretizar o negócio , é claro !

- Quinze hectares ?

- Perfeitamente .

Continuam caminhando . Do lado esquerdo da sanga , o arrozal balança longas espigas , desenhando ondas no vento . Bandos de pintas silgos espalham por ali seus trilados canoros . Rolas ariscas batem asas barulhentas . Andressa acaricia umas espigas :

- Nunca imaginei ver um dia , tamanha maravilha . Que mudança !

- Com um pouco de imaginação , e trabalho coletivo se consegue tudo .

- E sobretudo com liderança - Gino .

- Ora , deixa os elogios pra lá !

- E como vai o sindicato ?

- Na luta de sempre . Vários filiados são sócios também de alguma cooperativa . Muitos se queixam de que a maioria das cooperativas estão virando grandes empresas , e que seus lucros estão sendo capitalizados . Alega-se que elas devem se fortalecer para fazer frente às grandes empresas , especialmente às estrangeiras , que estão se infiltrando . Me parece que as cooperativas estão se descharacterizando um pouco . Bem , mas esse é um assunto de que praticamente nada entendo ...

- E a " nossa sociedade " ? Como está , por exemplo , a experiência com as novas mudas de parreira , vindas de Bento Gonçalves e de Caxias do Sul ?

- Quer dar uma olhada ?

- Vamos .

Uns dez minutos depois , estão chegando . Bom passeio . Passam por debaixo do parreiral de uva " Isabel " . Os frutos amadurecem e despedem aquele cheiro bom . Chegam .

- As três primeiras avenidas são de " Moscatel ". Mais para o meio, há duas carreiras da legítima "Francesa" . Ao fundo , mais ou tras três de uma espécie importada do Chile . Dá um vinho de primeira - meiríssima qualidade !

- Um sucesso , pelo que vejo .

- É cedo para se avaliar . Mas tudo indica que - breve - tere- mos ótimas safras . Mas isso se deve mais à experiência e ao traba- lho de seu pai - " o sogro " - do Orildo e do velho Piero . Eu a- penas oriento um pouco , e aprendo muito com esses italianos .

- Olha a modéstia , meu bem !

Regressam , colhendo algum cacho da " Isabel " . O sol da meia tarde resvala obliquamente sobre seus rostos , iluminando ainda ma- is aquele amor (Bem que Dona Rosa já os surpreendera se beijando , por ali ...) . Seguem andando . Longas avenidas de soja e de milho se estendem a seus pés . Marrecos e quero-queros barulhentos mar- geiam o açude que a " sociedade " construíra . O longo cabelo de An- dressa voa livre como quero-quero . Aproximam-se do anjico grosso . Ela tem um sobressalto :

- O Orides !!

- Bobagem , querida ! Faz pelo menos um mês que não o vejo . A- proxima a seu ombro a cabeça da noiva . O vento solta-lhe os cabe- los . Um beijo longo afasta todos os medos . Retornam : No ociden- te , desenham-se as primeiras barras de sangue . Pássaros comple- tam o painel . Gino se despede .

Na manhã seguinte , o medo do Orides já se dissolvera do cora- ção de Andressa . Parecia um golpe de mágica, (ou fora mesmo aque- le beijo ? ... Sempre ouvira falar que, " onde há amor , não há te- mor ...") . Sente-se leve . Livre . Feliz . Abre a janela para o mun- do . Um jorro de luz macia pula para dentro do quarto . Um estado poético toma conta de todo o seu ser . A natureza acariciando-lhe o olhar e penetrando-lhe o coração da alma . O sol , uma bênção ! A vi- da , o mundo , a poesia ! Acordara um pouco mais tarde . O vento bu- lira em sua janela , fazendo versos (" Vozes veladas, veludas... volúpia ... ") . A poesia é o mundo . O mundo é ela , Andressa . As frutas dialogando . Os animais se falando em silêncio . A palavra , explodindo da natureza . Que poesia ! ... Ali no pomar , Ângelo vi- brando a enxada . O sol tirando raios daquela lâmina . As roseiras declamando . Tonta de tudo aquilo , Andressa também declama . Os ver- sos dançam dentro dela :

" Náufragos no canto da manhã ,
abraçamos a água que nos mata ,
bebemos as rosas orvalhadas do silêncio
na Palavra "

Continua bebendo a poesia do silêncio . Do sol . Da água. Dos animais e dos frutos . Das plantas e do orvalho . Do perfume dos pastos maduros ... Andressa é noiva . Madura . Como a uva, as maçãs e os pêssegos . Viçosa como a soja e o milho da várzea . Como o plátano da beira da fonte. A natureza , a poesia , o amor , transbordando - explodindo - de dentro dela . Ela , dentro da vida. Por dentro , Andressa é poesia ; por fora - poema ! Dá um vento na roseira e a manhã semeia-se de flores ...

Veste-se . Voa para a cozinha . Pendura-se ao pescoço da mãe. A palavra dominando-as .

Após o café , Dona Rosa toma a filha pela mão . Muita ternura no gesto :

- Vem .

A PFAF parece sorrir , naquele seu silêncio mudo de muitos anos . Dona Rosa coloca sobre o nariz os óculos de lentes grossas . Está comovida :

- Filha , se tu não te " invergonha" , eu costuro o teu enxoval e depois , a máquina é tua , é !

Aquela máquina de costura já vestira as mais belas noivas do Município . Dona Rosa havia costurado , inclusive, a senhoras e senhorinhas de Passo Fundo e Erechim . Em suas mãos hábeis , a PFAF fizera "milagres"...

- Tu podes te comprar outra mais " bella " , mais moderna, em Porto Alegre , se tu ... Mas esta é tua , é ! Um presentinho muito pobre de tua mãe !

A filha apenas consegue dizer :

- Mamãe !!

E cobre-lhe o pescoço de beijos . Pela janela , um feixe de sol , talvez com inveja , vem pousar beijos no rosto das duas mulheres .

Um galo canta fora de hora .

Fevereiro já se fora e corria a segunda quinzena de março de 1964. Andressa voltara a suas atividades em Porto Alegre: Estudos, estágio, relatórios, ação social junto aos maloqueiros da periferia. Mais alguns meses, e regressará definitivamente para sua terra natal. Além de Gino, sente uma força puxando-a de volta a Vista Alegre. Não apenas uma força sentimental. É qualquer quê, que brota de dentro da terra. Nem a negra ameaça de Orides impedirá que seu sonho se realize. Em casa, certamente, sua genitora está costurando o vestido de noiva, na velha PFAF. Engraçado como o mundo de sua infância se conjuga com o mundo da natureza. Sente aquela força incontrolável do retorno às origens - malgrado toda aquela bagagem de "cultura" adquirida, e a vontade forte de jogar-se inteiramente àquela tarefa de ação social - ali, na cidade grande.

Em Vista Alegre, os Remor, tranqüilos, esperam chegar a data feliz. O rádio porém, não pára de noticiar: A situação está tensa, em todo o país. Urgem reformas. Deflagram-se greves. Decretam-se "estados de sítio" ... Não obstante, a Sociedade Agrícola Vista Alegre cresce, toma consistência. As plantações de soja, milho, arroz e sorgo, ocupam terras e mais terras. A residência dos Remor se transformara em "sede" da Sociedade. Os dias passando.

Gino está coordenando mais uma reunião:

- Antes de iniciarmos os trabalhos, apresento-lhes um novo sócio: Orestes. Já deu provas de ser um homem trabalhador.
- Seja bem-vindo, companheiro velho de guerra!
- Muchas graças, Severino.
- No final da reunião, não esqueçam de assinar a ata. Hoje são 31 de março.

- Mas que baita "trinta"! - diz Guilherme, aproximando-se do novo sócio. Vem de Caçapava?

- Comprei no Uruguai - na Banda Oriental. Gaúcho velho não anda desaprevido. Inda mais que hoje, parece que rebentou uma revolução ... Deu no rádio que um golpe militar - bem dos maleva - está querendo pialá o Brizola e o Jango. Em Brasília, o entrevero anda preto. Rodeio xucro. Mas que se venham os milico, vão experimentar o chero das bala! ... Los despilchemos ...

Orildo percebe que Gino também está armado. Este porém, dá início, friamente, a uma exposição estatística. Mostra aos sócios que as experiências realizadas por Brizola, no Banhado do Colégio, em Camaquã, deram resultados excelentes. O mesmo vinha acontecendo com os demais núcleos. Mostra-lhes os números, faz co -

tejos , tira conclusões . Analisa também o resultado de um "trabalho de campo " , realizado pelos técnicos e agrônomos , no tempo da Administração Brizola : A região de Livramento - onde há o predomínio do latifúndio - vinha produzindo muito aquém do que a região da Grande Santa Rosa , onde as pequenas e médias propriedades cobrem uma área de terra muito mais reduzida . O mesmo se poderia dizer da região do Nordeste do Estado , em que a colonização italiana praticamente desconhece o latifúndio . A conclusão é cristalina : O latifúndio inexplorado é a causa de toda uma situação de injustiça social ; de baixa produtividade - sem falar dos problemas sócio-familiares. Orestes , muito atento à palestra , confirma que , " pras bandas da campanha e da fronteira , os filhos que nascem nas macegas " eram em número bem superior ao verificado em outras regiões do Estado .

A reunião prossegue . Dona Rosa entra na sala , o litro de licor à mão :

- " Permisso " ?

Orestes lambe os bigodes . Interiormente , indaga-se o que seria melhor : a "caña" , a "graspa" - aquela feita do bagaço da uva , que resvalava e " queimava barbaridades " - ou aquele aperitivo que Dona Rosa sempre servia ...

Num rápido intervalo , Severino folheia distraidamente um velho boletim agrícola que lhe está ao alcance . Na segunda página chama-lhe a atenção um clichê e os dizeres a ele referentes :

" Com a Reforma Agrária ,
Aqui se inicia a redenção
da Pátria "

Engraçado . Vira a página e lê em voz alta :

" Neste local , o latifúndio anti-social
cedeu lugar à pequena sociedade "

Mostra a foto para os companheiros . Gino retoma a palavra :

- Tenho outros dados aqui em mãos , da safra de 1960 , fornecidos pelo DEE... Tudo isto vem comprovar uma vez mais que nossas teses estão certas . São justamente as pequenas e médias propriedades bem orientadas que ... Bem : Agora , conforme a nossa pauta de trabalho , tratemos dos prolemas que afetam diretamente a nossa sociedade . A colheita de soja está para chegar . Informo que , dentro de uma semana , chegará mais uma colheitadeira nova . E como está o setor de transporte , Aldo ?

- Tudo em ordem . Só o Dodge velho continua na oficina .

- E o armazenamento ?

- Dentro de oito dias , no máximo , o armazém que estamos construindo na propriedade dos Vecchiatto , estará em condições de esto -

cagem .

- Ótimo.

- Vai dá soja de forrá o poncho! Está quase pronta pra enfia-lhe as máquinas. Eta rodeio bueno ! (Orestes nunca imaginara uma coisa semelhante .)

- Antes que me esqueça : Terminada a reunião , convido aos que o desejarem , permaneçam mais um tempo, para analisarmos os últimos e discutidos discursos do Brizola , e o Decreto do Presidente Goulart , do dia 13 último , pelo qual o Governo Federal desapropria " as terras marginais" - o que me parece um passo corajoso para o desencadeamento da Reforma Agrária a nível nacional . Mas continuemos : A Triticola do nosso Município se compromete , nesta safra, a estocar apenas ...

O ataque fora muito bem planejado . As terras da Sociedade Agrícola , uma vez arrebanhadas , a Estância Cacique seria a maior , na região do Alto Uruguai . Orides e Terêncio reuniram a peonada da Estância do Anu e das estâncias vizinhas . Mais uns " índios vagos" que Orides conhecia muito bem , lá em Passo Fundo e Soledade . Aquela tropa de uns 60 homens chega armada até os dentes . " O importante mesmo é amunhecar o Gino - vivo ou morto . Esse brizolinha maleva deve estar na cabeça de um " grupo dos 11 " . Mas a professorinha deve cair viva - sem um beliscão " - raciocina Orides .

A primeira bala entra pela vidraça aberta , raspando a cabeleira de Orestes .

- Chô mico ! - Se viero a revolução !!

Num relâmpago , joga-se ao chão , puxando do revólver . Gino também saca da arma . Questão de segundos , todos se atiram sobre o assoalho . Uma rajada de tiros estilhaça os vidros . Dona Rosa grita , da saleta de costura:

- " Madona mia ! Fogo na soja e nas máquinas . Santa Madona do Caravaggio !! "

Ângelo aparece com uma espingarda de dois canos , e um revólver que nem sabia usar . Severino sai voando pelos fundos da casa, e desaparece por entre árvores , em busca de munição e de gente . O fogo se alastra pelo sojal maduro, com suas chamas infernais. Um estralejar terrível! Em poucos minutos , fecha-se um tiroteio medonho. Arma-se um temporal de verão . Trovões e vento . O velho Piero consegue esgueirar-se por detrás de um grosso tronco de plátano .

- " Porca miséria , será come in Monte Grappa ! " E a primeira descarga derruba dois . Denunciados pelo fogo e pela gritaria , che

gam os Vechiatto , correndo . O filho do Orestes - o velho revólver do pai enfiado por entre as calças curtas - esconde-se numa copada de cinamomo . Gino sobe ao sótão, para ter uma idéia de quantos são:

- Hiiiiii !! Parece um exército ! São uns covardes mesmo, uns covardes ! Calhorda dos infernos !! Ah , se ao menos tivéssemos munição suficiente ! Severino volta com armas e reforços . Aldo e Guilherme resistem , à entrada da casa . Cruza-se um fogo infernal . Balaços assoviando em todos os cantos . Estilhaços . O sojal praticamente todo em chamas . A chuva não cai . Só ventania e combustão . Na garagem , tonéis de combustível explodindo pelos ares , numa vermelhidão fantástica . O vento sacudindo , varrendo , urrando ...

Gino mal escuta os berros de Orides :

- O comunista vivo ou morto , mas a prendinha sem um arranhão ! Nesta noite , ela vai experimentar o que é macho ! ...

- Covarde dum satanás!

Dona Rosa - semi-alucinada - voara da máquina de costura para o porão , arrastando o vestido de noiva semi-cosido . Chora , ri e reza, desesperadamente . Só um " milagre de Nossa Senhora do Caravaggio " !... Dois balaços perdidos chispam-lhe o cabelo e acabam furando a pipa cheia de vinho . Um jorro daquele sangue emaranha a mãe no vestido branco da filha - maculando tudo . Forma-se uma poça desse vinho . Sangue ? ...

No pátio , ocorre-corre adoidado de dezenas de assaltantes. O velho Piero assovia o " Monte Grappa " e assovia balas medonhas na cabeça dos inimigos . " Porca mastella !!-que bruta guerra " ! Na coxilha , as chamas levantam línguas infernais . Relâmpagos . O vento arrastando , comendo a natureza . Cai uma ala da garagem das automotrices , numa explosão vermelha . Um espetáculo medonho ! Gargalhadas e gritos . Vento e vento . Após uma hora de fogo cruzado, não há mais condições de resistência . Acabara-se a munição . O bando avança como cachorrada faminta . Lobos . Gino posta-se à entrada da casa e pede o cessar-fogo completo . Só agora reconhece o Silvério que se aproxima , aquele sorriso amarelo nos dentes . " Traidor covarde!!"

O vento corta um silêncio tenso .

Depois , Orides sobe a escada , às gargalhadas :

- Então , comunistinha de merda , vamos fazer mais um discurso!? Como vai o " grupo dos 11 " ?... E onde está a pombinha branca ? Ah, deve estar aí dentro , escrevendo mais um discursinho ! ... Vamos , onde está ela ?

Nada .

Encosta-lhe a lâmina afiadíssima no pescoço . Naquele relâmpago , Gino vê espelhada a morte de sua genitora - ocorrida há poucas sema

nas . Tudo se desenha num segundo : ... Para o cristão , a morte não é o fim ... quem crê em mim , ainda que esteja morto ..."

- Vocês aí , encostem os canos das armas nas fuças desses canhalhas , que eu e o mocinho revolucionário vamos buscar a princesinha nos aposentos do palácio... Quá-quá-quá-quá-quá !...

O tiro vindo da copa do cinamomo abre-lhe o crâneo. Orides rola escada-abaixo , feito bola murcha .

Orestes fala ao pé do ouvido de Guilherme :

- Eta piazito macanudo ! com meia dúzia desses , se acabava a tal de revolução .

Terêncio grita , desesperado :

- Argimiro , toma conta desse fandango !

O gaúcho se apresenta , revólver em punho :

- Me amarrem cada um desses peste nos troncos de árvore ! Quero cinco voluntários pra revistá o rancho , palmo a palmo. Não me voltem sem a prendinha ! E vocês dois , ajudem o Silvério amarrar o comunista no meu cavalo . Bem preso na chinha, laço duplo! Já!

Terêncio põe a mão no bolso : As escrituras ... Era só questão de uma assinatura ... mas , diabo , poderia ficar pra depois .

Dona Rosa continua pisoteando naquela poça de vinho . Sobre a sua cabeça , passos e vozes . Palavrões . " Madona mia , proteja o meu Ângelo ! Miráculo que a filha esteja longe ! Miráculo ..."

Nada . Argimiro se enfurece . Está endemoninhado .

- Onde está a bonequinha ? Vamos - onde !??

Descreve um vaivém alucinado - espumando :

- Cavaram uma boa toca hein ? Mas já sei como vamos " fazer e la" saltar : Vamos passar o relho em nossos amiguinhos aqui amarrados , até que um deles abra a língua . Se preciso , se faz o rodeio até de madrugada . E vamos começar com o paizinho da princesa ! Vamos - cortem o homem a chicotagem !!

O sangue começa a esguichar . Os três tiros vêm agora da copa da de um plátano . Argimiro e mais dois gaúchos rolam na relva .

- Vamos se bandiá pros Passo Fundo ! - ordena Terêncio num desesperado grito . O comunista não pode escapar !

Umás duas dezenas de cavaleiros fogem , assanhados . Estouram tiros pro céu , cortando o vento . O piá do Orestes responde . No alto da coxilha , o sojal ainda em chamuscas .

Orestes abre um meio sorriso , orgulhoso :

- Desce daí , piá de merda ! Tu sozinho acabou com a revolução . O garoto desliza da árvore como cobra assanhada . Em dois segundos , está na cozinha procurando uma faca . Dona Rosa apare-

ce à porta , enovelada naquela malha de sangue- numa cena dantesca. Ângelo grita como um louco. O vento uiva sobre dezenas de corpos es- tendidos ali no chão ...

Escuridão . A cabeça no bagaço . Pedacos de feridas pro ar . Um mar de fogo. É o povo . Um gol camisa vermelha . Centelha. Tiros . Triunfador! Triunfador ! Triunfa-dor . Calor mole . O fole daquela gaita . Baita gol. Vitória do Brizola . Bola na rede . Livramento . Momento . Onde está a cabeça ? Andressa. Capelinha branca . Santa . Branca . Geada branca . Minha mãe morreu como uma santa . Primeira comunhão. Não . Vender a terra . Canção de guerra . O velho Piero . Foi novamente pra guerra . Ahn ? A cabeça , a cabeça !? A lâmina da morte . Corte . Agrópolis . Santa Maria . Romaria . Não havia mais esperança . Cirurgia não adianta . Quem crê em mim , ainda que este ja morto ... Morto ? Morreu como uma santa . O Antônio Vieira de lu to branco . O manto branco ? Um gol anulado . Do seu lado, o Luiz. Feliz . Camisa vermelha . Do lado da escola . Brizola . Reforma A - grária da cabeça . Ahn ? Ahn ? Andressa- cabeça . Um tiro na cabeça. Trem de ferro . Trem de fogo . Ferida de fogo. Domingo tem jogo. Du- rante a guerra . Vendeu a terra . Caxias . Chovia ? Chovia bala, cho via vento . A mão no arado . Abrindo a ferida na terra . Na cabeça da Andressa . Vai Pangaré ... Minuano ! Próximo ano . Agrária. Agro técnica . Agrópolis . O trem sacode . A cabeça , ahn ? Onde ? Onde? O fogo na ferida . Dor comprida . Doída . Partida . O Misto . O Pau- lista . Perdeu de vista . Outro curso . Discurso . Nos campos. Livra- mento . Momento no campo . Arado . Apita o Brizola . Mar de escolas. Ahn ? Em Caçapava ? Não . Atrás do parreiral . Foi mal a safra. O mi nuano . O cano do revólver . Caçapava . Garoava na cabeça . Andres sa é mamãe . As duas mortas . Cuida da ferida . Venci a corrida . Que golaço ! A torcida vermelha . Automotriz vermelha. A camisa. A ban- da marcial passa , toda vermelha . Por baixo do parreiral. A uva . Caiu na sanga . Pitanga . Vermelha . Sangue . Que vinho bom! O co- ração na ferida . Noite comprida . Madrugada . Outra geada. Na ca- beça . O sol , o sol não nasceu. Se escondeu . Vendeu a terra? Foi pra guerra. Fazer discurso . O Silvério aplaude o discurso. Alto, o custo das máquinas . A colheita no escuro. As dívidas . Onde esque ci a cabeça ? Três tiros na Andressa : quero-quero-quero ! O berro do lobisomem . É o lobisomem! Orides , no mato do velho Pasa . Chis- pando fogo. Três tiros na ferida . A terra está uma ferida. Ferida. O sol queimou a soja . O sol é puro sangue . Vermelho . Está quei-

mando tudo . O sol do meio-dia se escondeu atrás do vento . Escureceu , na fumaça dos tiros . O Luiz faz um discurso de cima de uma automotriz . Vermelha . Vai prá Rússia ! Conta um causo . Não . É O restes , Severino , Guilherme . Valdomiro . Um tiro . Dois tiros . Três tiros . Tiroteio . Feio . A lâmina no pescoço . A ferida abriu a cabeça . Três tiros na Andressa : quero-quero-quero ! A sanga toda sangue . Onde esqueci a cabeça ? Olívia é Andressa ? Ahn ?... Tonela - das de soja . Armazenamento em Livramento . Está na hora da reunião . Caminhão . Fila de caminhões . Até a cooperativa . De Vista Alegre a Navegantes . Antes , Os três tiros , tiroteio . Os caminhões são soldados armados . Uma fila comprida , comprida ! Soldados-peões-caminhões . Tiroteio . Passeio . Andressa . Um beijo . Quero-quero-quero Está tratando da ferida na cabeça . Onde ficou a minha cabeça ? ... Mais uma sociedade agrícola . A tritícola não morre no fogo . O Lobisomem-fogo . A sede do sindicato voando em pedaços . Crestes puxa um causo . Uma trova gaúcha . Puxa o gatilho . O quatrilha . Plantação de milho . O sangue e o vinho . Devagarinho . Só ela...Sorrindo . Devagarinho vem Andressa . Vem vindo , vem vindo . Sorrindo . Cabelo lindo . O cabelo pega fogo ! Cóóóóorre , Andressa , que o fogo te pega ! O Orides , uma espada de fogo . Um revólver de fogo . Quei - ma a cabeça . Ela ... traz nos braços uma braçada de soja . São rosas . São rosas . Mamãe está falando com as rosas . Dona Rosa . As rosas pegam fogo . A soja no fogo . Andressa está se queimando . Voando . Desmanchando . Minha cabeça voando . Vem de lá ... longe , longe , longe ... Noiva . Geada . Enfeitada . No meio da avenida . Comprida . De parreira nova . De soja . De milho . De arroz . Coóóóóorre ! Cóóóóóorre !! ... Morre . O sol em chamas . O sol se escondeu . De trás do vento . Da fumaça . Do vestido branco . O vestido branco . A capelinha branca . O cemitério branco . Um canto branco . Uma canção de guerra . Na terra . Dentro da terra . No coração da terra . Andressa era . Era minha mãe . No fundo da coxilha , o bando de crianças brancas cantam na coxilha longe longe longe ... criancinhas , criancinhas formiguinhas velas namoro à beira da sanga , velas na mão primeira comunhão revolução procissão branca que canta anjinhos da primeira comunhão procissão miudinha , miudinha , miudinha avenida comprida fogo o fogo na cabeça Andressa morreu varreu o vento enterrada aliança fundo do parreiral dentro da lua vendaval minuano apagou todas as velinhas miudinhas criancinhas branquinhas miudinhas miudinhas ... o sino ... Severino sino ... branquinho sino... Aldino , sino ...

- ... O Gino ? Este comunista não vai sair daqui, nunca !! Temos de tirar a limpo aquele discurso, e o caso da bonequinha dele . Faça agora mesmo uma ligação a Porto Alegre .

- Sim senhor , seu Delegado . Só queria avisar que o rapaz está ainda em estado grave . O corte na cabeça pode até acabar com ele .

- Não precisava exagerar. Mandei só "amaciar" um pouco . Mas pode transferi-lo imediatamente para a enfermaria. Quando estiver em melhores condições , ponha-o na cela do andar superior . Sozinho... " Acho que esse mês e meio , naquela escuridão debaixo da escada , já deu pra murchar-lhe um pouco a crista vermelha . Deve ter ficado quase cego ! ..."

- Anda logo , seu brizolinha !!

Empurrão violento.

- Por favor , onde estou ?...

- Num palácio de Moscou !!

Gargalhada estourando . Coices .

Meses depois , a primeira visita . O cadeado arrebenta. Se abre. Se abre a porta , ringindo longo . Som soturno .

- Só quinze minutos . É do regulamento !!

Aldo e Olívia se aproximam . Custa um pouco reconhecê-los.

Primeiro silêncio .

- Ela morreu mesmo ?

Entreolhares . Aldo fuma . Olívia puxa um lenço . Disfarça .

Segundo silêncio .

- O milho também pegou fogo ?

- Não , Gino . Está um milhaço . Estamos colhendo. Quer um cigarro ?

- Não. Obrigado Aldo . E o arroz ?

- Queimou mais da metade . Mas, o restante deu bem . Colhemos com as máquinas da Tritícola . Até sobrou uma boa parte de soja para os lados de Navegantes - nas terras dos Vecchiatto . Mas o sorgo queimou todo .

Terceiro silêncio .

Olívia senta na cama . Coloca ternura na palavra :

- Que aconteceu , mano ; te trataram bem ? ...

- Não sei ... me arrastaram uns quilômetros... depois... foi aquela pancada na cabeça ... como um golpe de pedra ... Tudo escureceu . Não me lembro de mais nada . Fiquei dez dias na enfermaria .

Depois me botaram aqui . Um guarda me disse que fiquei mais de um mês debaixo de uma escada , em completa escuridão. Só me tiravam de lá uma hora por dia ... Acho que ele quis brincar comigo; ou me assustar ...

Olívia se afasta . Chora .

- Sabe que dia é hoje ?

Passa a mão pela cabeça enfaixada :

- Sim ... claro ... quer dizer ... parece que o inverno vem chegando ... E como vai a Dona Rosa ? Ela morreu mesmo ?

- Ela está muito bem . Diz que é pra você voltar logo. Vai fazer uma daquelas sopas de capeletti ... e aquele aperitivo... Nós só não o visitamos antes , porque você estava incomunicável, compreende ? ... Era expressamente proibido ...

Choro .

- Pode ficar tranqüilo . A sociedade agrícola vai bem . O Severino e o Guilherme estão liderando . O pessoal de Floriano e de Ipiranga , todos bem . A turma do sindicato está fazendo um a baixo-assinado . Já botaram dois advogados . Há muito descontentamento em todo o Município com tudo o que aconteceu com você. O Angelo lhe manda um grande abraço . Já está melhor. Visita o par reiral ... O Orestes diz que vem te visitar amanhã.

- Obrigado , Aldo . E como está o Hélio , mana ?

- Forte e bonito como ele só . E bem sapeca !

O guarda :

- Quinze minutos ! ...

- Andressa mandou notícias de Porto Alegre ? Ela... ela sabe ?...

Olívia põe a mão no bolso ; e já se despedindo , entrega-lhe a carta - sem coragem de fitar o rosto do irmão :

- Chegou ontem . Coragem , mano ! Os advogados falam que logo, logo , você estará livre . Até logo .

Lágrimas contidas.

- Até logo , obrigado .

A porta de ferro se fecha . O cadeado fechado . O mundo fechado . Até quando ?... Senta na cama ; rasga e abre o envelope:

" Infelizmente , só agora tive a permissão de escrever-lhe." Gino não se aborrecesse , ela estava bem . " Imagino que você deve estar feliz , aí em Vista Alegre !" Infelizmente , no dia 31 de março próximo passado , a História havia tomado rumos inesperados ; modificaram sua vida interesses alheios . Estavam no Diretório Acadêmico trocando idéias sobre os acontecimentos que ocorriam em Brasília , quando foram surpreendidos por um grupo de po-

liciais armados ; imediatamente foram presos , ela , Adalberto - Presidente do Diretório - e mais um estudante chamado Flávio. Elza tivera melhor sorte : Naquele momento , estivera no banheiro , e escapou... Foram sumariamente detidos e mantidos incomunicáveis , durante todo o mês de abril. Os interrogatórios foram longos, intermináveis , ridículos. " Não falo dos maus tratos recebidos para não preocupar você , nem meus "velhos" . No dia primeiro de maio , viera a ordem de embarque , ninguém sabia pra onde . Fiquei com um medo louco de ser fuzilada."

Só bem mais tarde soubera que o Adalberto fora exilado para o Uruguai; e o Flávio para a Argentina . Ela sentia-se até orgulhosa de ter sido exilada para o mesmo país onde se encontrava o ex-Presidente Jucelino . Não queria amedrontá-lo , contando-lhe alguns detalhes - " simplesmente horríveis , desumanos " - do tratamento a que fora submetida : " Basta dizer-lhe que passei por um " batismo de fogo " ; e que , aquela visão até certo ponto romântica que eu tinha a respeito do meu trabalho social e a respeito da própria vida , praticamente se acabou . E isto foi bom. Agora me sinto mais eu , mais pessoa , mais mulher ." Estava morando numa casa de família , perto da Embaixada Brasileira . As autoridades diziam que estava livre , mas sabia que estava sendo vigiada. Mesmo assim - ela e suas amigas - clandestinamente , estavam estruturando uma equipe para exercer uma função social , junto aos pobres.

E como ia o Gino na liderança de suas sociedades agrícolas , e o seu sindicato ? Como fora a safra de soja e de milho ? Estava sofrendo , com uma danada saudade dele , dos passeios . " Será que a mamãe pegou a gente se beijando mesmo ?" Era para ter cuidado , que o Drides... Costaria muito que escrevesse , contando detalhes da Revolução (" Foi memo Revolução , ou um golpe ...?") . "Parece-me que o Jango e o Brizola estão no Uruguai . Cuide bem do papai e da mamãe . Diga a ela que o vestido de noiva que está costurando pra mim , será o presente mais bonito que jamais noiva alguma recebeu. O vestido deve estar quase prono , não é ? Aah , diga também que a velha PFAF será pra mim o presente mais lindo do mundo ! A gente iria se casar em julho - lembra ? Infelizmente , tudo mudou . Espero não se aborreça , mas não sei quando poderei voltar . Uma nuvem cinzenta de incerteza paira sobre o céu do meu futuro . O Embaixador afirma que os boatos de 10 anos de exílio não têm fundamento algum. Mas , não sei não . Depois de tudo o que me aconteceu, estou pronta para o pior ... Querida muito enviar-lhe um postal da cidade do México , mas nem isso permitiram . " Achara que já havia escrito demais . " Foi tão difícil conseguir escrever-lhe..!" Finaliza , desejando sucesso total no trabalho . Muitas saudações

a todos : Conhecidos , amigos , ex-alunos . E como fora o negócio com o Orestes ? Qualquer coisa , ele poderia agir com toda a liberdade . " A terra é nossa e deve ser de todos os que desejam aproveitá-la , fazendo-a produzir . Cuide bem dos meus queridos "velhos " . Não fiquem tristes por mim , embora não saiba o que me espera ... Um beijão pra mamãe e para o garotinho Hélio. Um abraço a você e meu beijo cheio de carinho. De quem o ama para sempre.

Andressa

Os olhos dele são dois açudes azuis . Ardem muito. Grosseas lágrimas quentes caem sobre o papel, borrando a caligrafia .Tenta a justar as idéias . Os olhos ardem . Não consegue reler . Desce da cama . Dá alguns passos a esmo . " Mantidos incomunicáveis... fiquei com medo louco de ser ... batismo de fogo ... fuzilada...estou preparada para o pior ... não queria amedrontá-lo...exílio de dez anos ... estou sendo vigiada ... depois de tudo o que me aconteceu ... México ... Uruguai , Jango, Brizola, Revolução ... "

Aproxima-se da janelinha . Sente-se mal com a claridade.As notícias dançando . As mãos nas grades grossas. Agora , o olhar azul , seco . Frio . A cabeça queimando . Espia o vento .Nuvens pesadas . Minuano . Um trem sacode os trilhos gelados da vila Chimarrita . Por sobre a maloca , um ou outro raio de sol , mais parecendo a lua . Filtra-se a custo nas nuvens densas- pousando ali seus beijos gelados . Desce um frio úmido . Alguma porta de ferro ringindo , rouca . Gino estremece . O minuano parece querer arrancar o telhado do casario . Cresce a garoa, escurecendo tudo . Gemem os barracos . Ouve-se um grito do carcereiro . O sol já dera adeus à vila Chimarrita e à janelinha de grades grossas. Um trem apita , querendo espantar a noite . Chega uma ligação urgente de Porto Alegre . Pouco depois , começam a cair alguns flocos de neve . Fecha-se uma negra noite gelada , que parece não ter mais fim.

Dona Rosa está pedalando a PFAF . Faz frio lá fora . Agora, a neve cai mais densa . Ela ajeita os óculos que lhe resvalam pela ponta do nariz . Levanta os olhos . Fora - a relva , os arbustos, as roseiras , o pomar - tudo como grinalda . Como vestido de noiva. Ali no jardim-desafiando uma temperatura inferior a zero grau, o piá do Orestes levanta um gauchinho de neve : Botas, bombachas , ... Dona Rosa ralha com o menino . Volta-se para a máquina, ajeita carinhosamente o tecido branco : Plique- plique- plique...

O minuano golpeia o cano do fogão, que chora de frio. Alguém bate à porta . O coração pula :

- " Madona Santíssima " ! É minha filha !!

Voa , deixando cair os óculos .

- ... Olívia!... Com esse frio , você traz o "bambino" !?

Entra . Fecha o guarda-chuva que o vento quer arrancar de sua mão . Agita a capa que semeia uma chuva de flocos imaculados pelo assoalho . Aconchegam-se à saleta de costura . A boca de Olívia é uma pequena chaminé de fumaça branca .

- Sabe , Dona Rosa , é o Hélio que não me deixa em paz . Grita , pula , chora ! Não sossega um minuto !

A dona da casa toma o garotinho no colo . Está agitadíssimo . Sufocado, dentro daquele balão de roupa .

- " Ma que bello " ! Que olhos ! Brilham mais que a própria neve , no jardim . Parece que tem uma "stela" dentro de cada um, é ! E não pára mesmo ! Parece um pequeno revoltado... um ..."suversivo , um pícolo suversivo " ! ...

Mamãe Olívia ri da comparação , achando-a muito esquisita .

A mãe de Andressa oferece um licor :

- E como está o Gino ?

- Mais ou menos . Pobre dele . Deve ter sofrido muito . Está magro , cabeludo , bem diferente - me pareceu até um ... profeta .

- É ... um profeta sem terra . Um profeta em sua terra , ...

Hélio dá um pequeno grito , como que entendendo o sentido daquele diálogo . Continua agitado . Muito agitado .

Passam-se as horas . Conversam sobre Andressa (" Pobre filha , pobre filha !!...") , sobre o vestido , sobre a neve . Dona Rosa percebe que vêm nascendo na cabecinha do garoto Hélio, alguns cabelos cor de ouro .

A neve abranda um pouco . Olívia envolve ainda mais o filhinho , e regressa . No jardim , o gauchinho de neve está se dissolvendo . Dona Rosa volta à costura : Plique- plique- plique... Máquina na saleta , neve no telhado : Plique- plique- plique ... Muito raro , cair tanta neve . O pensamento e o coração , longe (" Será que ... ? ") . Liga o rádio . Repórter Esso :

" ... E atenção , urgente :

O Governo Revolucionário torna ciente a toda população brasileira de que foram definitivamente controlados e extintos os últimos focos comunistas , em território nacional . Os dois últimos redutos subversivos obrigados a render-se foram o de Recife , e o de Passo Fundo - no Rio Grande do Sul . O Governo tranquiliza o povo brasileiro , reafirmando a sua confiança inabalável no país do amanhã - construído na paz , na ordem e na segurança . "

Quase alheia à notícia , vai à janela . O coração está no México . " Como será aquele paese - mais livre ?..." Os nomes visitando-lhe a cabeça . Gostava dos nomes : " Andressa ... Andressa-

um bello nome moderno . Gino ... Gênesis ?... Um começo ? Ecco :
Um começo ! E o Hélio ? ... Um bambino que não pára quieto! ..."

O minuano sacode violentamente a janela . Geme a vidraça. Vas-
culha e varre velhos sentimentos . Leques de neve pelo chão: Um
vestido de noiva , amortalhando as flores . Grinaldas de gelo. O
gado se lamenta . Um quero-quero chora . Ouve-se o silêncio e o
vento ...

FIM

Bibliografia

- AMORA , Antônio Soares . Introdução à teoria da literatura. São Paulo , Cultrix , 3ª edição .
- AMORA, Soares Antônio . Teoria da literatura . São Paulo, Ed. Clássico-Científica , 1971 .
- ATAÍDE , Vicente . A narrativa de ficção . São Paulo/Rio, Ed. Mc. Graw Hill do Brasil Ltda , 1974.
- DALL 'AGNOL , Flávio . Brizola , esperança de um povo. Porto Alegre , EPECÉ Gráfica , 1979 .
- DE BONI, Luiz/ Rovílio Costa . Os italianos do Rio Grande do Sul . Esc. Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/UCS , Caxias do Sul , 1979.
- DOURADO, Autran . O risco do bordado. São Paulo/Rio , Dufel , 1978.
- DOURADO, Autran . Uma poética do romance. Perspectiva- MEC , 1973.
- DUFRENNE, Mikel . O Poético . Porto Alegre , Globo , 1969.
- GUIMARÃES , Josué . A ferro e fogo . Rio de Janeiro, José Olympio , 1977.
- ICAZA, Jorge . Huasipungo . Rio de Janeiro , Paz e Terra , 1978.
- LINS, Osman. A rainha dos cárceres da Grécia . São Paulo , Melhoramentos , 1978 .
- MENDILOV A.A . O tempo e o romance. Porto Alegre , Globo , 1972.
- MOISÉS , Massaud . Dicionário de termos literários. São Paulo, Cultrix , 1978 .
- MOOG , Viana . Um rio imita o Reno .Rio de Janeiro ,Delta 1966.
- MORAES, Mascarenhas, João Batista de. A FEB pelo seu comandante.São Paulo , Instituto Progresso Editorial S/A , 1974.
- MUIR , Edwin. A estrutura do romance . Porto Alegre , Globo, 1975.
- NETO , Lopes Simões . Contos gauchescos e lendas do sul . Porto Alegre , Globo , 1978 .
- PIÑON , Nélide . A força do destino . Rio de Janeiro , Record, 1977
- SILVA e Aguiar , Victor Emanuel de . Teoria da literatura . Coimbra, Livraria Martins Fontes Editora , Primeira Ed. Brasileira, 1976.
- VERÍSSIMO , Érico . O prisioneiro . Porto Alegre , Globo , 1978.
- VERÍSSIMO, Érico. O tempo e o vento . (O continente 1 / 2). Porto Alegre , Globo , 1977 .

" Pesquisa de campo "

Entrevistas realizadas com :

- Sr. Andrea Gaiatto , imigrante italiano -Getúlio Vargas- RS
- Sr. João Weber , expedicionário da FEB -Getúlio Vargas- RS
- Pe . Gregório Comassetto, Expedicionário da FEB - Getúlio Vargas , RS
- Sr. Guido Comin , Assessor técnico do Sindicato dos trabalhadores Rurais de Getúlio Vargas - RS
- Sr. Vasco Pontel , professor - Getúlio Vargas - RS
- Srs . Atilio Baledelli , Aldino Beledelli , e Guilherme Pontel , agricultores - Getúlio Vargas - RS
- Sr . Severino Beledelli , membro da Diretoria da COOTRIGO de Getúlio Vargas - RS

Notas

- 1- Os dados estatísticos relativos ao problema agrário e as legendas da página 146 são extraídos de DALL'AGNOL, Flávio . Brizola , esperança de um povo . Cf. referência bibliográfica acima
- 2- As canções em " dialeto italiano" são extraídas de DE BONI , Luiz/ Rovílio Costa . Os italianos do Rio Grande do Sul. Cf referência bibliográfica acima. Excetuam-se os versos do "Monte Grappa " - extraídos da oralidade .
- 3- As trovas , poesias e canções que retratam o folclore gaúcho , são de autoria do autor , exceto as da página 64 .
- 4- Os " causos " , alguns são de autoria do autor ; outros são recriados a partir da oralidade .
- 5- A estrofe colocada à página 144 é de autoria de Salette Tavares , pág. 39 , in : DUFRENNE , Mikel . Cf. referência bibliográfica acima .

Pequeno glossário

- À la fresca ! À las puxa ! : loc. interj. - expressam surpresa , espanto.
- À la cria ! : loc. interj. , ou adv. - ir ao deus dará ; sem rumo.
- Arrinconar-se: v . acantonar-se , abrigar-se ; morar em .
- Bolear a perna : Loc. v. - apear-se do cavalo , acomodarse; sentar-se.
- Brizoletas : s, f. - pequenas escolas rurais, construídas por todo interior gaúcho , pela administração Leonel Brizola.
- Buenacho ou buenacho : adj. - muito bom, forte , valente ; excelente.
- Caña : s. f. -aguardente extraída da cana ; pinga , cachaça .
- Charla : s. f. - conversa , diálogo.
- Chilemas: s. f. - esporas de rosetas bem grandes.
- Clinudo : adj . fig. - indivíduo cabeludo . Pej. mau , mal intencionado .
- Gaudério: adj. - andarilho , errante ; sem pouso certo .
- Graspa : s. f . - aguardente extraída do bagaço da uva.
- Índio vago : s.m . - gaudério , errante , andarilho.
- Lonca : s. f. pele , couro , dorso.
- Maleva: adj. - muito mau , desalmado.
- Mora : s. f. - jogo tipicamente italiano. Consiste no confronto de duas pessoas que jogam simultaneamente os dedos, batendo-os numa mesa e gritando rapidamente, por exemplo : 3, 3, 3; 6,6,6 ; faz ponto quem soma o número certo proposto , resultante do somatório dos dois contendores.
- Pialo : s. f .-queda , tombo (provocado no ato de laçar) ; laçada. Fig. derrota .
- Pilchar : v. vestir-se , trajar-se à ; chamar alguém de .
- Porca mastela ! : Loc. interj . - expressa espanto , indignação.
- Porca pipa ! : Loc. interj . - expressa surpresa, espanto , indignação .
- Santa -fé : s. f . - espécie de gramínea , muito empregada em cobertura de ranchos , no interior do Rio Grande do Sul .
- Taura ou Turuna : adj . - forte , valente , destemido .
- Vencedora : s. f.-Máquina de debulhar cereais ; a marca desta máquina .